

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MEMÓRIA SOCIAL E PATRIMÔNIO
CULTURAL



DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

LUGARES E MEMÓRIAS: PATRIMÔNIOS AFETIVOS DE MORRO REDONDO- RS

Milena Behling Oliveira

Pelotas 2019.

MILENA BEHLING OLIVEIRA

LUGARES E MEMÓRIAS: PATRIMÔNIOS AFETIVOS DE MORRO REDONDO- RS

Dissertação de Mestrado para obtenção do grau de Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural, Universidade Federal de Pelotas, Instituto de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Linha de Pesquisa Instituições de memória.

Orientador: Diego Lemos Ribeiro

Pelotas

2019

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas Catalogação
na Publicação

O11l Oliveira, Milena Behling

Lugares e memórias : patrimônios afetivos de Morro Redondo-
RS / Milena Behling Oliveira ; Diego Lemos Ribeiro, orientador. —
Pelotas, 2019.

141 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em
Memória Social e Patrimônio Cultural, Instituto de Ciências
Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2019.

1. Memória. 2. Lugares de memória. 3. Idoso. 4. Patrimônio.
5. Patrimônio afetivo. I. Ribeiro, Diego Lemos, orient. II. Título.

CDD : 363.69

Elaborada por Simone Godinho Maisonave CRB: 10/1733

MIELNA BEHLING OLIVEIRA

LUGARES E MEMÓRIAS: PATRIMÔNIOS AFETIVOS DE MORRO REDONDO- RS

Dissertação de Mestrado para obtenção do grau de Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural, Universidade Federal de Pelotas, Instituto de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Linha de Pesquisa Instituições de Memória.

Banca Examinadora:

.....
Prof. Dr. Diego Lemos Ribeiro- (Orientador) - PPGMP- ICH- UFPEL.

.....
Prof.^a Dra. Juliane Serres- PPGMP- ICH- UFPEL.

.....
Prof. Dr. Alcir Nei Bach – UFPEL

Conceito:

.....
Pelotas, 8 de fevereiro de 2019.

DEDICATÓRIA

Aos que fazem parte da minha vida e aos que já se foram, mas deixaram marcas em minha memória. Em especial aos velhos, meus avós e idosos de Morro Redondo-RS.

AGRADECIMENTO

À minha família por todo apoio e incentivo.

A todos os idosos que compartilharam suas histórias e abriram suas casas para me receber.

Ao meu orientador Diego Ribeiro pela paciência e ensinamentos.

A todos os colaboradores do Museu Histórico de Morro Redondo, em especial a Andrea Messias pela dedicação inesgotável.

A todos os professores que passaram pela minha vida acadêmica.

À CAPES pelo investimento em minha pesquisa.

Muito obrigada!

[...] A memória dos velhos desdobra e alarga de tal maneira os horizontes da cultura que faz crescer junto com ela o pesquisador e a sociedade em que se insere [...]. Uma história de vida não é feita para ser arquivada ou guardada numa gaveta como coisa, mas existe para transformar a cidade onde ela floresceu. A pedra de toque é a leitura crítica, a interpretação fiel, a busca do significado que transcende aquela biografia: é o nosso trabalho, e muito belo seria dizer, a nossa luta (BOSI, p. 199, 2003).

RESUMO

O estudo em questão é uma pesquisa de mestrado denominada *Lugares de Memória: Patrimônios afetivos de Morro Redondo-RS*, que se desenvolveu no Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas. Partimos da premissa que os patrimônios de uma cidade vão além de questões jurídicas e institucionais, pois seus reais valores são seus significados. Portanto, em uma cidade que não exista patrimônio institucionalizado, pela ótica material, são os patrimônios visto pelo prisma dos afetos. Memórias de vivências dos idosos, que se encontram ancoradas em lugares, sendo elas repletas de afeto, deixando-os mais humanos e mais próximos dos indivíduos. O objetivo da pesquisa em questão é a identificação dos Patrimônios Afetivos da cidade de Morro Redondo-RS, na visão dos idosos. As narrativas dos indivíduos indicam lugares de memória que os mesmos consideram patrimônios, porém, não visto pelo âmbito do patrimônio consagrado que conhecemos, mas pela afetividade que esses lugares despertam nos sujeitos. No escopo da pesquisa, designamos esses referenciais como Patrimônios Afetivos. Em termos metodológicos, essa pesquisa se configura como qualitativa e enquadrada na pesquisa social, foi utilizado metodologicamente entrevistas e relatos para obtermos os resultados da pesquisa. Isto posto, neste estudo, buscamos debater sobre a delimitação de um possível conceito de patrimônio afetivo, os seus desdobramentos teóricos, e por fim, apresentar desdobramentos empíricos dos patrimônios afetivos identificados.

Palavras-chaves: Memória. Lugares de memória. Idoso. Patrimônio. Patrimônio afetivo.

ABSTRACT

This master study named as *Places of Memory: Affective Patrimony of Morro Redondo-RS*, was developed in the Graduate Program of Social Memory and Cultural Patrimony of the Federal University of Pelotas. This work started from the premise that the properties of a city go beyond legal and institutional issues, because their real values are their meanings. Therefore, in a city where does not exist institutionalized patrimony, represented by material things, the patrimony is seen by the optic of affections. Memories of old people experiences, full of affection, are anchored in places, leaving them more human and closer to individuals. The main objective of this research was to identify the Affective Patrimony of the city of Morro Redondo-RS, in the view of the elderly. The narratives of the individuals indicate places of memory that they consider patrimony, however, not seen by the scope of the consecrated heritage that we know, but by the affectivity that these places awaken in the subjects. We designated these references as Affective Patrimony. In methodological terms, this research is configured as qualitative and framed in social research. It was accomplished interviews and reports to obtain the results of the research. Then, we seek to discuss the delimitation of a possible concept of affective patrimony and its theoretical developments, and finally, we presented empirical developments of the affective patrimonies that were identified.

Keywords: Memory. Places of memory, elderly, patrimony, Affective Patrimony.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa, distância de Morro Redondo à Porto Alegre.	14
Figura 2 - Avenida Jacarandá-Morro Redondo RS.	16
Figura 3 - Atividade Café com Memórias.	24
Figura 4 - Caminhada da Percepção.	38
Figura 5- Visão aérea, Avenida Jacarandá, Morro Redondo-RS.	70
Figura 6 - Veronica Rosler.	73
Figura 7 - Antônio Reichert.	74
Figura 8 - Ervino Büttow.	75
Figura 9 - Osmar Franchini.	76
Figura 10 - Edith Neumam Büttow,	77
Figura 11 - Evaldo e Ilda Thiel.	78
Figura 12 - Evaldo Thiel.	79
Figura 13 - Senhora Ilda, dona Erica ao meio e senhor Evaldo.	80
Figura 14 - Terezinha Correa mexendo o doce no tacho.	81
Figura 15 - Carlos Correa e Terezinha.	82
Figura 16 - Rosemarie Fiss.	83
Figura 17 - Imergard Norenberg.	84
Figura 18 - Lili Krüger.	85
Figura 19 - Lorena Ebeling.	86
Figura 20 - Valter e Nelda Steffemmborg.	87
Figura 21 - Igreja luterana Com. Advento.	91
Figura 22 - Igreja luterana Comunidade Advento atualmente.	91
Figura 23 - Sociedade Tiro ao Alvo, sócios.	94
Figura 24 - Local onde era a sociedade Tiro ao Alvo.	94
Figura 25 - Recreio Familiar.	97
Figura 26 - Recreio familiar atualmente.	97
Figura 27 - Coral misto da Sociedade Lírica Orfeônica.	100
Figura 28 - vestígios do banheiro da Sociedade Lírica Orfeônica, atualmente.	101
Figura 29 - Sociedade Lírica Orfeônica.	103
Figura 30 - Sociedade Lírica Orfeônica, atualmente.	103
Figura 31 - Banda Farroupilha.	105
Figura 32 - Dona Verônica mostrando fotos, sociedade Lírica Orfeônica.	105
Figura 33 - Local onde funcionava o Armazém Fiss.	109
Figura 34 - Local onde funcionava o Armazém Fiss atualmente.	110
Figura 35 - Dona Verônica e senhor Antônio recordando os jogos do esportivo Índio.	111
Figura 36 - Irmgard rainha do clube grêmio esportivo Índio.	112
Figura 37 - Inauguração do clube esportivo Índio.	113
Figura 38 - Sede Grêmio Esportivo Índio, atualmente.	114
Figura 39 - Salão Reichow, atualmente.	115
Figura 40 - Salão Reichow, atualmente (laterais).	115
Figura 41 - Lugar onde acontecia as carreiras, ao lado do Salão Reichow.	116
Figura 42 - Inauguração da usina hidrelétrica.	117
Figura 43 - Cachoeira (Pousada da Cachoeira).	117
Figura 44 - Senhor Ervino e dona Edith.	118
Figura 45 - Restaurante e sobrado dos Muller.	119
Figura 46 - Local onde existia o Restaurante e sobrado dos Muller.	119
Figura 47 - Primeiro ônibus da cidade relatado por dona Ilda.	120

Figura 48 - Cemitério IECLB.....	121
Figura 49 - Mapa de calor referente aos lugares de memória identificados.....	124

LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ICOMOS - Conselho Internacional de Monumentos e Sítios

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

PIB - Produto Interno Bruto

SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micros e Pequenas Empresas

SPHAN - Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

SPHAN - Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

UFPEL - Universidade Federal de Pelotas

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e Cultura

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1- IDOSOS, NARRADORES DE MEMÓRIAS.....	20
1.1 MEMÓRIA DE VELHO E IDENTIDADE.....	21
1.2 MEMÓRIAS DA CIDADE	29
1.3 LUGARES DE MEMÓRIA E O ESPÍRITO DO LUGAR	33
2- REFLETINDO SOBRE UMA NOVA PERCEPÇÃO: PATRIMÔNIOS AFETIVOS	39
2.1 AFETO.....	39
2.2 PATRIMÔNIO.....	46
2.3 PATRIMÔNIO AFETIVO.....	61
3- MORRO REDONDO E SEUS PATRIMÔNIOS AFETIVOS	66
3.1 MÉTODOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA DE CAMPO	66
3.2 GUARDIÕES DA MEMÓRIA, DA SABEDORIA E DA HISTÓRIA.....	73
3.3 MEMÓRIAS AFETIVAS OU PATRIMÔNIOS AFETIVOS?.....	88
3.4 IDENTIFICAÇÃO DOS PATRIMÔNIOS AFETIVOS: MAPEANDO MEMÓRIAS	124
CONSIDERAÇÕES FINAIS	125
ENTREVISTAS	137
ANEXO I.....	139
ANEXO II.....	140

INTRODUÇÃO

Quando reflexionamos sobre patrimônio, vem ao nosso imaginário a imagem de algo material, como um casarão do século passado ou uma obra de arte do Museu do Louvre. Mas no momento em que nos deparamos com uma realidade distante das circunstâncias europeias o que consideramos como sendo um patrimônio? Observando o Brasil, o que os brasileiros consideram patrimônios de sua nação? Ou ainda, quando tratamos de cidades do interior do Brasil, em que não há patrimônios reconhecidos pelos órgãos oficiais de patrimonialização? Afinal, qual norma, parâmetro e fundamento é estipulado para declarar algo patrimônio? Sabemos da existência de instituições que realizam os processos de tombamento e registro dos patrimônios em diversos âmbitos. Tendo como exemplo o Instituto do Patrimônio histórico e Artístico Nacional (IPHAN), como órgão responsável por esta ação à nível nacional, Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) à nível mundial, entre outros.

Também, reconhecemos os avanços recentes ao transformar o patrimônio em algo mais amplo, como por exemplo, o patrimônio intangível¹. No entanto, além dessas ações institucionalizadas, destacamos que é importante percebermos patrimônios mais discretos, que podemos encontrar por meio da memória dos idosos, um patrimônio local. Esses patrimônios, encontram-se ancorados nas ruas das cidades, em bairros e em praças em que os sujeitos vivem, sendo que, os mesmos reforçam a identidade cultural da comunidade local. Versamos sobre um Brasil de diversas etnias, crenças, grupos. Portanto, nos perguntamos como algo tão complexo pode ser definido? Sabemos da importância dos indivíduos reconhecerem os patrimônios como representantes de sua cultura, porém, há casos de não apropriação por parte da população, pois, esses sujeitos não encontram uma real representatividade do que eles acreditam fazer parte da sua cultura. Devido à existência de patrimônios já consagrados no perímetro de produção cultural, o conceito de patrimônio afetivo pretende oferecer uma nova visão, introduzindo concepções subjetivas ao bem patrimonial. Essas concepções permitiram com que

¹ Refere-se aos bens culturais imateriais, que dizem respeito as práticas e domínios da vida social, podendo ser manifestadas em saberes, modos de fazer, celebrações, lugares entre outros. Amparados pelo decreto de nº 3.551, de 4 de agosto de 2000. Porém, na década de 1930 Mário de Andrade já se engajava ao defender um patrimônio cultural mais abrangente.

os sujeitos tenham liberdade para criar, imaginar e denominar seus patrimônios, utilizando de sua relação com os mesmos e de seus afetos.

Ao refletir sobre estes questionamentos, inferimos que para considerar algo patrimônio devemos rever nosso olhar e as práticas atuais sobre o mesmo. Entretanto, este trabalho não visa estipular critérios para uma nova abordagem de declaração de patrimônio formal. Estamos buscando novas rotas, que se distanciam das questões burocráticas-legais, para um novo pensar sobre patrimônio. O que propomos é um alargamento de visão. Partindo de uma comunidade local, o que eles considerariam patrimônio?

Em nosso entendimento, os referenciais identificados nesse estudo estabelecem conexões afetivas com os sujeitos, pois esses lugares se tornam companheiros emocionais e ancoradouros de memórias. “As cidades que habitamos, os prédios que ocupamos, os espaços pelos quais transitamos, os objetos que utilizamos e as imagens que contemplamos cumprem o papel de mediadores das nossas experiências nesse nosso ambiente” (DOHMANN, p 36, 2013). Sendo assim, são esses patrimônios afetivos os mediadores das experiências dos idosos de Morro Redondo.

Se questionarmos os moradores de Morro Redondo, sobre o que os mesmos consideram patrimônios, provavelmente, teremos como respostas patrimônios ligados às vivências e às emoções. E é exatamente por esta esfera que intencionamos desenvolver um novo pensamento a respeito do patrimônio. O município de Morro Redondo se encontra em grande parte em meio rural, sendo sua localização aproximadamente 289 km da cidade de Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul, Brasil (Figura 1). A cidade do interior do estado foi primeiramente colonizada por portugueses, todavia, em 1875, houve a chegada de italianos e, no ano de 1886, alemães e pomeranos (PLANO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, 2015).

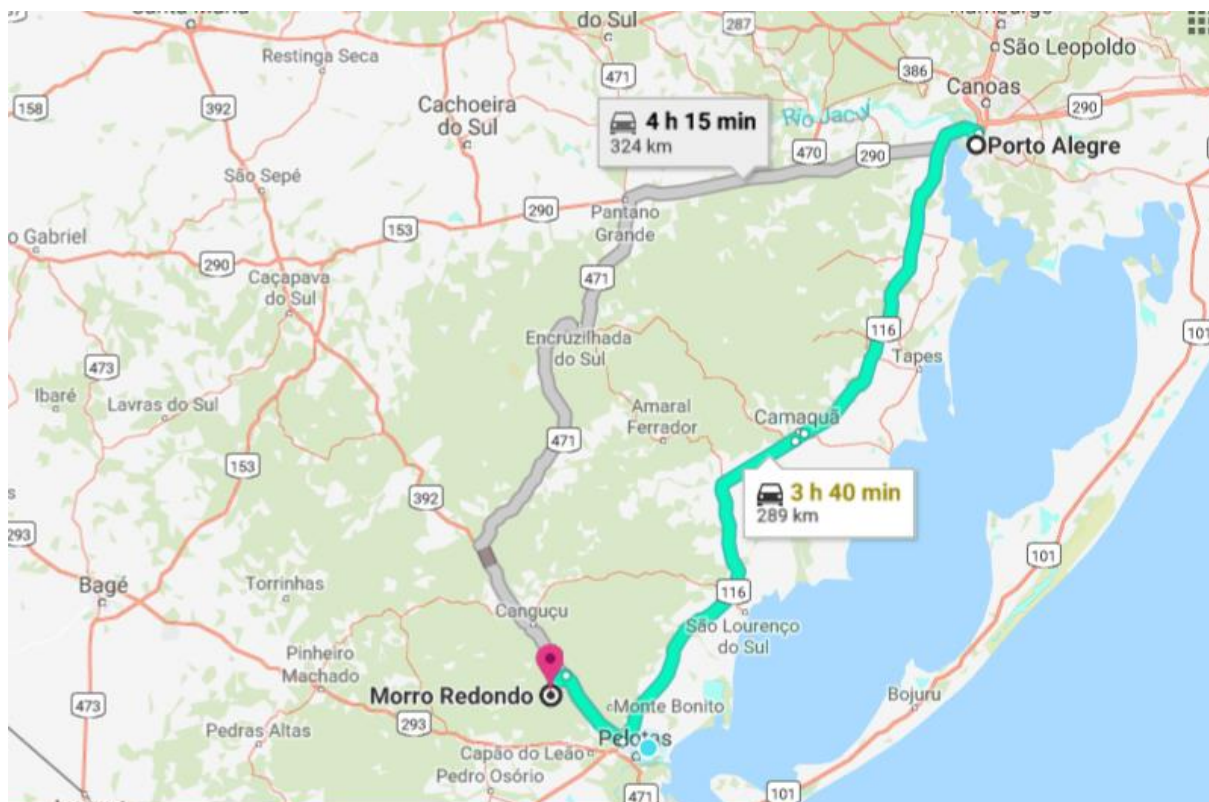


Figura 1 - Mapa, distância de Morro Redondo à Porto Alegre.
Fonte: Google Maps, 2019.

Seu nome teve origem devido a um morro situado na zona urbana da cidade, cujo aspecto é arredondado. Morro Redondo inicialmente fazia parte de um distrito da cidade de Pelotas, município vizinho, tendo sua emancipação em maio de 1988. A cidade possui cerca de 6.227 habitantes, segundo o CENSO (2010), tendo como base econômica 56,52 % do PIB o setor da indústria e 27,96% do PIB de atividade primária. O município possui indústrias de conservas, abatedouro de aves, de mármore e de granitos, bem como fábricas de carrocerias, produtos em couro, em móveis e em doces artesanais. Já no setor primário, destaca-se a agricultura de subsistência e policultura, tendo como maior produção o cultivo do pêssego. Outros produtos agrícolas cultivados são o milho, a batata, o feijão, o fumo, a cenoura e a cebola (PLANO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, 2015).

O município possui um museu chamado “Museu Histórico de Morro Redondo”, criado no ano de 2009, pelos moradores do município, com o intuito de preservar e

relembrar as memórias locais. Nele, é desenvolvido um projeto² de extensão por meio da Universidade Federal de Pelotas, que se localiza na cidade vizinha. Com diversas ações visando, em síntese, à interação do Museu com a comunidade local. Todas as exposições e ações educativas realizadas no Museu têm a participação da população, principalmente dos idosos, pois são protagonistas de diversas ações, como o Café com Memórias. Esse diálogo com os moradores é de fundamental importância, pois acredita-se em um museu em constante construção e que interaja com as distintas parcelas da comunidade. Sendo assim, o Museu possui parceria com diversos atores, sendo alguns deles, Universidade Federal de Pelotas, Associação Amigos da Cultura, Prefeitura Municipal de Morro Redondo, Escolas da cidade, Associação do Roteiro Turístico Morro de Amores.

A atividade Café com Memórias, citada acima, utiliza objetos do acervo do Museu para a evocação de memórias individuais em confluência com as memórias coletivas do grupo; já que se manifestam por meio de relatos orais, de músicas, de brincadeiras e de outros. Por meio dessa atividade, além de narrarem sobre os objetos museológicos, observou-se que os idosos relataram a respeito de lugares da cidade com notável carga afetiva, porém ao rememorar os idosos descrevem os lugares como eram há anos atrás e não como nos dias atuais. Desta forma, foi proposto para eles uma ação denominada Caminhada da Percepção, na qual estes, acompanhados por um grupo de estudantes de uma escola do município, visitaram os locais mencionados. É, portanto, partindo dessas atividades que esta pesquisa se desenvolveu.

Esta pesquisa tomou forma a partir de um trabalho de conclusão de curso da autora, no qual foi trabalhado as manifestações de lazer com um grupo de idosos. Não obstante, outros trabalhos desenvolvidos anteriormente com a terceira idade, em disciplinas da área de antropologia durante a graduação em turismo, contribuíram fortemente na escolha do tema. Através dessas experiências, e diante dos relatos dos idosos nos encontros do grupo Café com Memórias, foi percebido o quanto eles contribuem para reviver a história de um lugar, e o quanto sentem-se lisonjeados pela existência de pessoas interessadas no que eles têm a contar. A confluência desses

² Museu Morro-Redondense: Espaço de Memórias e Identidades, coordenador: Diego Ribeiro. Trata-se de um projeto de extensão vinculado à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal de Pelotas. Este projeto, conta com a colaboração de estudantes voluntários, inclusive a autora desta dissertação.

eventos despertou o interesse em poder contribuir, de alguma forma, e de ouvir o que esse público tem a contar sobre Morro Redondo, assim como a vontade de identificar o que os idosos consideram patrimônios afetivos da cidade. Porém, quais são e como se manifestam esses patrimônios afetivos narrados pelos idosos? Quais seriam os limites e extensões dos patrimônios afetivos em relação às memórias sociais? Onde termina um e começa outro? É o que pretendemos desenvolver ao longo deste estudo.

Partimos da hipótese que a maioria dos patrimônios afetivos não existe mais materialmente, porém ainda pulsam no espírito dos lugares. Pois, atividades já realizadas com o grupo Café com Memórias como a Caminhada da Percepção nos indicam lugares que não possuem mais materialidade, ou seus usos originais não existem mais, mas ainda permanecem vivos. Em vista disso, esta dissertação utilizou metodologicamente³ as narrativas, os relatos e os depoimentos dos idosos, já que sabemos que para manter o espírito dos lugares é de suma importância sua transmissão. O estudo em questão é de cunho qualitativo e se enquadra na pesquisa social, e teve como parâmetros para estabelecer os patrimônios afetivos a recorrência dos mesmos nas narrativas. Já os locais identificados por apenas um indivíduo, foram considerados como uma memória afetiva. Porém, para viabilizar o estudo foi necessário a delimitação de um espaço, portanto foram identificados os patrimônios afetivos da Avenida Jacarandá, principal rua da cidade (FIGURA 2).

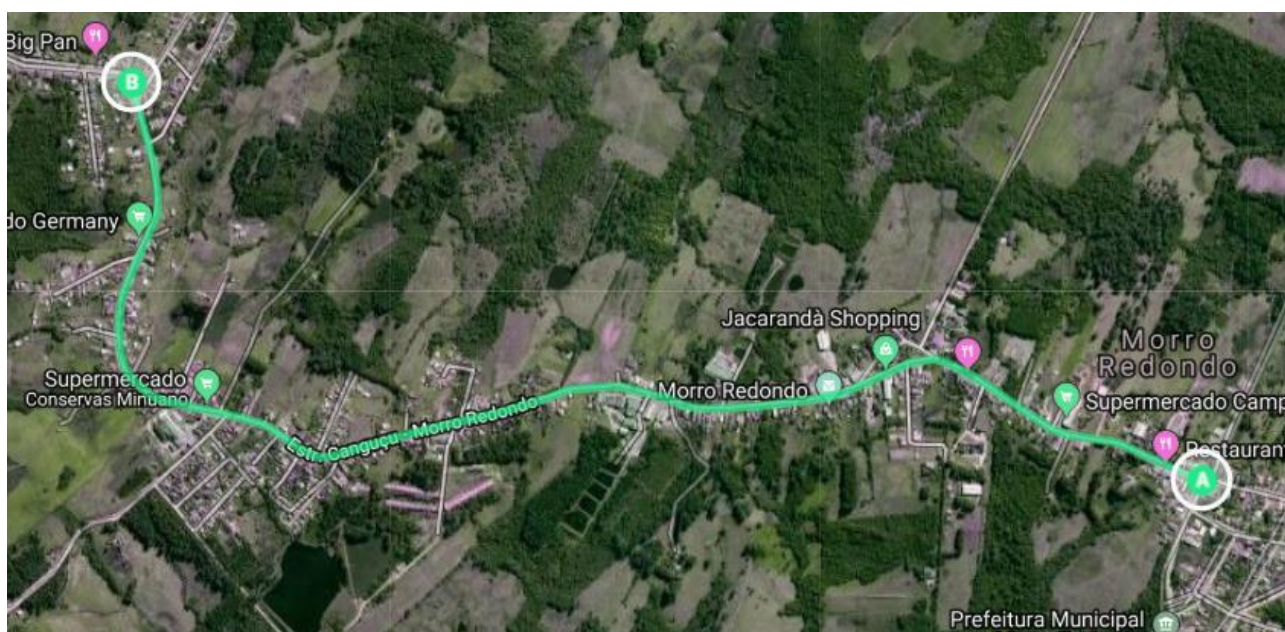


Figura 2 - Avenida Jacarandá-Morro Redondo RS.
Fonte: Google Maps, 2019.

³ No capítulo 3 será descrito mais detalhadamente a metodologia utilizada.

O patrimônio de que estamos falando vai de encontro ao patrimônio formal, que é objetivo. Já o patrimônio afetivo, está ligado aos efeitos gerados nos sujeitos, não tendo seu valor baseado nas tangibilidades. Desta forma, não estamos trabalhando com referências monumentais ou das belas artes, como geralmente é o nosso patrimônio oficial, mas estamos expressando sobre o que em um primeiro momento pode ser visto como banal. Entretanto, estão guarnecidos de significados e afetos, esses que convertessem em fatores positivos para o reconhecimento e preservação de um patrimônio, pois possibilita uma relação mais íntima entre os sujeitos e os bens, o que conseqüentemente reflete em apropriação e identificação.

Ocupamo-nos de observar os afetos que são enunciados e expressados através das narrativas dos idosos, considerados por nós substratos e potencializadores do espírito dos lugares. Segundo a Declaração de Québec, o espírito do lugar é constituído pelo “conjunto de bens materiais e imateriais, físicos e espirituais, que atribuem sentido, valor, emoção e mistério ao lugar” (DECLARAÇÃO DE QUÉBEC, 2008, p. 2). O espírito do lugar é essencialmente transmitido por pessoas e a sua difusão é parte importante de sua conservação. Assim sendo, no decorrer deste estudo voltaremos a discutir esse conceito.

Sabemos que alguns patrimônios formais tombados no Brasil não encontram ressonância⁴ (GONÇALVES, 2005). O que pode assinalar uma possível falência das políticas públicas para o patrimônio. Nesse contexto, por que parte considerável de indivíduos não se identificam com o patrimônio institucionalizado? Possivelmente uma das causas pode ser a falta de ativação dos significados que o bem possui, de modo que toque o emocional dos sujeitos. Deste modo, o que propomos neste estudo é justamente buscar nos patrimônios o que há de mais sensível e humano, por isso, chamamos de patrimônios afetivos, porque eles são ligados às emoções e às subjetividades, proporcionando aos indivíduos que esses Bens possam ser dotados de vários sentidos. O mesmo patrimônio pode ser provido de vários significados, pode ser lembrado de diversas maneiras, já que o que importará será sua capacidade de identificação com os sujeitos. Só assim, sua ressonância estará presente.

⁴ Termo utilizado por José Reginaldo Santos Gonçalves para tratar do poder que um objeto pode possuir para atingir um universo mais amplo. Este conceito de ressonância será tratado futuramente.

Inicialmente, o projeto de pesquisa pretendia identificar os patrimônios culturais da cidade de Morro Redondo, na visão de idosos que fazem parte do grupo Café com Memórias, porém, participando das atividades do Museu, dos encontros com o grupo de idosos, eventos da cidade, foi percebido que o termo patrimônio cultural não se encaixava no contexto encontrado. Os idosos, em nossa percepção, não compreendem e não veem sentido quando pensamos em um patrimônio de modo formal, institucionalizado.

A cidade não possui monumentos históricos, obras de artes, chancelados como patrimônio, entretanto, recentemente, teve um bem imaterial registrado como patrimônio. São eles os doces coloniais apontados pelo IPHAN no livro dos saberes⁵, esse reconhecimento ocorreu enquanto esta pesquisa encontrava-se em desenvolvimento, mais precisamente em 15 de maio de 2018. Há alguns anos vinha sendo realizado estudos através de pesquisas realizadas pelo curso de Antropologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), o que possibilitou que a tradição doceira fosse declarada patrimônio imaterial. O registro abrangeu além de Morro Redondo as cidades de Pelotas, Arroio do Padre, Capão do Leão e Turuçu.

Em Morro Redondo, quando falamos de um patrimônio informal, nos deparamos com objetos, lugares, manifestações do cotidiano, ligados à cultura e à vida em uma cidade do interior, desta maneira nos referimos a um patrimônio local e não chancelado. Ao pensar em um patrimônio informal, de um ponto de vista afetivo, percebemos que o município é rico em patrimônios. Há uma vontade de memória (NORA, 1993) por parte da população Morro-Redondense, principalmente pelos idosos da cidade que anseiam pela preservação dos lugares de memória da cidade. “O patrimônio é menos um conteúdo que uma prática de memória, obedecendo a um projeto de afirmação de si mesma” (NORA, 1993 p. 163).

Assim, as memórias fixadas nos lugares reafirmam a identidade dos indivíduos e para a mesma permanecer viva, é preciso que haja um trabalho efetivo de transmissão memorial. Em vista disso, essa dissertação tem como objetivos específicos avivar as histórias dos antepassados, despertar as camadas de memórias, preservar a cultura da cidade, transmiti-las para as próximas gerações e a criação de

⁵ Foi verificado a existência de patrimônios tombados nos sites do IPHAN: <http://portal.IPHAN.gov.br> a nível estadual IPHAE: <http://www.iphae.rs.gov.br/Main.php?do=BensTombadosAc&Clr=1> e a nível local Prefeitura de Morro Redondo: <http://www.pmmorroredondo.com.br/index.html> Acesso em: 18 dez 2018

um mapa de calor que localizará os patrimônios afetivos. Consequentemente, diante das percepções já abordadas anteriormente, surge o pensamento de um patrimônio afetivo, pois todos os patrimônios informais possuem valores emocionais muito fortes e subjetividades que tangenciam suas materialidades, o que nos leva a refletir sobre o potencial que os afetos podem possuir e como o mesmo pode contribuir para manter viva uma cultura.

Esse patrimônio afetivo, tem como base sua relação de reconhecimento pela comunidade local. Reconhecimento que o autor Thomson nos diz ser:

Um termo apropriado para descrever o processo de afirmação pública de identidades e reminiscências. O reconhecimento é essencial para a sobrevivência social e emocional; a alienação e a exclusão como alternativa pode ser algo psicologicamente devastador. Podemos buscar o reconhecimento em outras comunidades ou relacionamentos mais empáticos, mas nossas reminiscências precisam ser apoiadas pelo reconhecimento público e, portanto, são compostas de modo a serem reconhecidas e confirmadas (THOMSON: 1997, p. 58-59).

Todavia, para alcançarmos o objetivo central desta pesquisa, a identificação desses patrimônios afetivos, foi necessário compreender diversos campos, que se entrelaçam nesse conceito, como o memorial, patrimonial, emocional. Sendo assim, esta pesquisa trará três capítulos para abordar todos os elementos necessários para o entendimento desses patrimônios. O primeiro capítulo abordará a memória de velho e identidade, trabalharemos com esses temas porque é indispensável a compreensão sobre memória, uma vez que é ela a nossa fonte de ligação com o passado. Também, abordaremos aspectos sobre identidade, precisamos saber com que os indivíduos se identificam. Logo após, estarão sendo discutidas as memórias da cidade, onde compreendemos um pouco mais sobre a leitura do local. Para complementar, discutiremos por último sobre os lugares de memória e o espírito do lugar, o que nos ajudará a entender os acúmulos de memórias nos lugares e por que se tornam locais únicos e de referência.

No capítulo dois, abordaremos a construção do conceito de patrimônio afetivo. Em um primeiro momento, trabalharemos a compreensão da palavra afeto e seus significados. Caminharemos por outras áreas, como a filosofia e a psicologia, para alcançar esse entendimento. Em seguida, arrazoaremos, brevemente, sobre um apanhado histórico a respeito do surgimento do patrimônio ocidental. Primeiramente, faremos uma abordagem ampla, passando pelos percursos do patrimônio no Brasil e

discutindo esse conceito localmente. Assim, conseqüentemente, traremos nossas reflexões para o que entendemos por patrimônio afetivo.

No terceiro e último capítulo, faremos alusão ao desenvolvimento metodológico desta pesquisa, onde nos dedicaremos em apresentar os instrumentos utilizados, método e suas funcionalidades. Também, discutiremos, com ênfase, as narrativas, pois são o nosso principal método de abordagem. Posteriormente, discorreremos um pouco mais sobre a cidade na qual esta pesquisa está sendo desenvolvida e sobre trechos das narrativas, a respeito dos patrimônios afetivos. Por fim, traremos um mapa de calor para a identificação dos patrimônios afetivos no espaço. Sendo assim, após tomarmos conhecimento de como acontecerá o desenvolvimento deste estudo, daremos início ao primeiro capítulo desta dissertação.

1- IDOSOS, NARRADORES DE MEMÓRIAS

Neste capítulo, serão abordados os conceitos de memória e identidade, a importância dos objetos para o afloramento das memórias e seus valores afetivos. Traremos, como bases teóricas para esta pesquisa, os pensamentos de Halbwachs (1990) versando a respeito de uma memória coletiva. Como o objetivo da pesquisa é identificar os patrimônios afetivos da cidade de Morro Redondo, a partir da memória dos idosos, a memória coletiva vem ao encontro do que almejamos, pois será de um grupo social chamado “Café com memórias” que partirá esta identificação. Halbwachs (1990), traz o conceito de memória coletiva, destacando a seletividade da memória e seu papel de destaque na coesão social pela conexão afetiva com os grupos de pertencimento que possuímos ao longo da vida. A memória coletiva nos faz pensar em acontecimentos do passado compartilhados pelos grupos sociais por meio da memória.

Além disso, sobre o âmbito da memória, trabalharemos com os pensamentos de Joel Candau (2011), porquanto os grupos compartilham certas lembranças, podendo ser chamadas de marcos sociais, por meio das memórias fortes e fracas. Candau (2011), diz que, não podemos falar de uma memória comum a todos, mas sim de memórias fortes, que são marcos sociais comuns entre os grupos, divergindo assim do pensamento de Halbwachs (1990). O autor ainda contribuirá com esta pesquisa por meio de sua teoria a respeito dos sociotransmissores. Ele diz que a pluralidade dos quadros sociais e também de objetos podem agir como

sociotransmissores para o despertar de memórias. Sendo assim, objetos tangíveis, intangíveis, como, por exemplo, os lugares de memória, permitem estimular uma cadeia causal cognitiva entre, pelo menos, dois espíritos-cérebros (CANDAU, 2005).

Já por estarmos tratando de idosos, Ecléia Bosi (1994), também fará parte da construção deste capítulo, uma vez que, como Bosi (1994), enfatiza, recordar é uma das funções sociais do idoso, ou seja, ele reconstrói o passado com o olhar do presente, pois o ato de lembrar é fundamental para a própria vida e também para reconhecer a si mesmo. “Um mundo social que possui uma riqueza e uma diversidade que não conhecemos pode chegar-nos pela memória dos velhos” (BOSI, 1994, p. 82). É por meio deste estudo, portanto, que pretendemos ouvir os velhos e conhecer esse mundo social.

Posteriormente, compreenderemos como essas memórias estão plasmadas em lugares da cidade. Logo, Michel de Certeau (1994), será um dos autores utilizados para compreendermos a leitura da cidade. Ela é constituída não só por ruas, avenidas, praças, mas também por pessoas e suas memórias, significados e sensibilidades. Assim, os pensamentos de Fenelon (1999) e de Pesavento (2004), nos ajudarão a entender um pouco mais deste espaço que a cidade ocupa. E, por fim, para complementar os pensamentos sobre memória da cidade, abordaremos os lugares de memória e o espírito que podem possuir. Deste modo, daremos início ao primeiro capítulo desta dissertação.

1.1 MEMÓRIA DE VELHO E IDENTIDADE

O passado só permanece “vivo” por meio de trabalhos de síntese da memória, que nos dão a oportunidade de revivê-lo, a partir do momento em que o indivíduo passa a compartilhar suas experiências, tornando a memória “viva” (ALBERTI, 2004, p. 15). Segundo Halbwachs (1990), a memória deve ser compreendida como um fenômeno coletivo e social.

Nossas lembranças permanecem coletivas, e nos são lembradas por outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos e com objetos que somente nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem (HALBWACHS, 1990, p. 26).

Mesmo que as lembranças sejam construídas a partir de experiência individuais, sempre serão necessários instrumentos de meio social. O sujeito isolado não seria capaz de obter experiência e registros do passado. Por consequência, compreende-se que a memória coletiva e a memória individual se encontram interligadas, já que as duas são constituídas socialmente. A sucessão de lembranças, mesmo as mais pessoais, sempre é explicada pelas mudanças geradas em nossas relações com os diversos ambientes coletivos, ou seja, em definitivo, pelas transformações desses ambientes, cada um tomado separadamente e em seu conjunto (HALBWACHS, 1990).

A memória é coletiva, mas somente o indivíduo é capaz de lembrar. Halbwachs (1990), ainda afirma que, em um ato de memória, se tem uma espécie de “intuição sensível”, que significa a participação do indivíduo na formação da lembrança. Entretanto, o sujeito é apenas um instrumento das memórias do grupo, mesmo se for lembrada individualmente.

Voltando à pesquisa em questão, uma das metodologias, que contribuiu para chegar aos resultados esperados, é a narrativa, forma pela qual o ser humano sempre buscou se expressar e transmitir seus conhecimentos. Por meio dela, o sujeito dá voz às memórias e “aquilo que não era transmitido oralmente estava irremediavelmente perdido” (CANDAU, 2005, p. 66). Dessa forma, as histórias narradas pelos idosos complementam umas às outras, como um palimpsesto de histórias, localizando e provendo sentidos para esses lugares de memória. Refletindo sobre esses compartilhamentos de memórias pelo grupo de idosos, se faz necessário trazer p discussão a existência ou não de uma “memória coletiva”.

O entendimento de que a memória não é unicamente individual, como também sofre influências devido aos contextos sociais, nasceu por meio dos pensamentos de Maurice Halbwachs (1976, 1990). Halbwachs (1976), teve, como sua principal contribuição, a teoria dos “quadros sociais da memória”, que são vistos como grupos sociais dos quais o sujeito faz parte ao longo da vida, como família, igreja, língua, classes sociais. O grande destaque de Halbwachs (1976, 1990) foi instigar a compreensão da memória sobre a concepção do significado das lembranças e experiências vivenciadas por meio da relação que o indivíduo possui com ele mesmo e com a sociedade. Os grupos sociais que os sujeitos fazem parte colaboram para que eles criem pensamentos, sentimentos e reflexões. Os quadros sociais funcionam

como meios para que a memória coletiva reconstrua acontecimentos do passado, de acordo com os valores da sociedade atual (HALBWACHS, 1976).

A pluralidade dos quadros sociais e também de objetos podem agir como vetores, que possibilitam a transmissão de significados e também o despertar de memórias nos indivíduos. É o caso de alguns lugares de Morro Redondo que foram identificados nesta pesquisa, a Igreja da comunidade, advento como veremos mais adiante, é um deles. Nela encontramos vários quadros sociais, como a religiosidade, o lazer e a família.

As atividades realizadas no Museu de Morro Redondo utilizam objetos do acervo como sociotransmissores (CANDAU, 2011) para a evocação de memórias, como é o caso do Café com Memórias⁶. Visto que esses objetos afetivos despertam as memórias dos sujeitos e suas famílias que ao tocar, manusear e gesticular, as narrativas são evocadas. Dessa forma, não só as histórias aparecem, mas também teias de significados representados pelo objeto.

Ferreira afirma que “[...] são, portanto, as narrativas pessoais que dão aos objetos dilacerados pelo tempo, [...] o sentido de patrimônio” (FERREIRA, 2008, p. 37). Nessa perspectiva, objetos do cotidiano, por meio da musealização, se modificam e se tornam bens culturais, ganhando um papel de sociotransmissores (CANDAU, 2011). Além disso, percebemos, nesta pesquisa, que os objetos também podem nos indicar lugares, pois eles são usados socialmente em contextos espaciais delimitados. Isto é, no momento em que o idoso está fazendo uma narrativa sobre um determinado objeto, será lembrado o contexto, local que o objeto ocupa ou ocupava. Nas reuniões do Café com Memórias, é frequente o surgimento de lugares na cidade, porquanto os objetos possuem essa ligação com o meio e o espaço.

Os seres humanos possuem neurotransmissores e, partindo desse princípio, Candau (2005), usa da analogia para chamar de sociotransmissores essas redes sociais que transmitem memórias, que podem ser objetos e lugares. A conexão das memórias individuais que se entrelaçam e se acrescentam a partir dos

⁶ Essa atividade é um dos projetos desenvolvidos pelo “Museu Morrorredondense - Espaço de memórias e Identidades”, por intermédio do projeto de extensão, em parceria com membros da Associação Amigos da Cultura, do Conselho Municipal de Idosos, de educadores de ambas as redes de ensino, de representantes da Prefeitura Municipal e de membros das comunidades.

sociotransmissores criam uma sensação “de memória comum a todos” e, conseqüentemente, contribuem para uma identidade coletiva.



Figura 3 - Atividade Café com Memórias.
Fonte: Acervo Museu Histórico de Morro Redondo, 2016.

Segundo o sociólogo Michael Pollak (1992), que defende a relevância dos rastros significativos de um indivíduo ou grupo deixado a partir de suas experiências, os fundamentos que constituem a memória tanto individual quanto coletiva são aqueles episódios ocorridos pessoalmente e também os vividos pelo grupo no qual a pessoa se insere. O autor ainda diz que a memória é indispensável para a percepção de si e dos outros. Ela organiza e seleciona o que é importante para o sentimento de unidade, continuidade e de coerência, ou seja, de identidade (POLLAK, 1992). A construção da memória está intimamente ligada à identidade e é considerada fundamental, pois, a partir dela, podemos reconhecer e preservar as informações do passado, tanto na memória individual quanto na coletiva (KRAISCH, 2007).

Mais que uma simples forma de contar e reproduzir a história, a memória é extremamente relevante para a formação de identidades. Segundo Paul Ricoeur (2007), ela é a única guardiã de algo que “efetivamente ocorreu no tempo”, tornando possível a continuidade temporal. Ela pode ser aflorada por intermédio de objetos, lugares, imagens que remetem a um espaço temporal. De acordo com Ferreira (2013), os vestígios memoriais, por meio de objetos, fotografias ou lugares habitados no

passado, são importantes porque podem servir como instrumentos em oposição à desconfiguração social dos idosos.

Para Le Goff (1997), a memória acaba estabelecendo um “vínculo” entre gerações humanas e o “tempo histórico que as acompanha”. Esse vínculo, torna-se afetivo, possibilitando que a população passe a se enxergar como “sujeitos da história”. Sendo assim, por mais que os relatos dos idosos de Morro Redondo pareçam individuais, essas narrativas entrecruzam vários sujeitos, lugares e histórias. Nesse sentido, essa memória é essencialmente constituída e partilhada socialmente. São narrativas que, em um primeiro momento, são pessoais, mas que são relacionadas às histórias de outros indivíduos que moram no local e que, juntas, contam a história da cidade, ajudando na construção de uma identidade social para a comunidade.

Segundo Le Goff (1997 apud PELEGRINI, 2006, p. 177), a “identidade cultural de um país, estado, cidade ou comunidade se faz com a memória individual e coletiva” e, a partir do momento em que a sociedade se dispõe a “preservar e divulgar os seus bens culturais”, dá-se início ao processo denominado pelo autor como a “construção do A necessidade de assegurar a comunicação linguística entre as gerações seguintes acaba por transmitir aos jovens o saber dos velhos, isto é, todo um conjunto cultural e de sua cidadania” (PELEGRINI, 2006: p. 116-117). Pelegrini (2006, p. 3), diz que estamos admitindo “que o patrimônio é historicamente construído e conjuga o sentimento de pertencimento dos indivíduos a um ou mais grupos”, sentimento esse que acaba por assegurar uma identidade cultural. No âmbito deste estudo, não será pelo patrimônio formal, aquele chancelado pelo estado, que consagraremos o sentido que o autor faz referência, mas sim o patrimônio que vem de memórias afetivas, possibilitando uma identificação dos indivíduos com o patrimônio e suas memórias, dando sentido a um patrimônio afetivo.

Na construção de um patrimônio, podemos pensar que os vestígios materiais são elementos indispensáveis e primários. No entanto, as narrativas e a oralidade têm destaque e é preexistente, porque construímos e mapeamos os patrimônios por intermédio do escutar e do ouvir o que os sujeitos contam a respeito da sua comunidade. Histórias, contos, músicas compõem o cenário que nos ajudam a compreender a identidade de uma comunidade, identidade. Os idosos, por meio de suas memórias, reorganizam o passado e nos contam histórias, nos demonstrando lugares que fazem parte de um coletivo.

Segundo Izquierdo (2002, p.9), “O passado contém o acervo de dados, o único que possuímos, o tesouro que nos permite traçar linhas e, a partir dele, atravessando o efêmero presente em que vivemos, rumo ao futuro”. Assim, só é possível conhecer a nossa identidade individual e coletiva se conhecemos o nosso passado. Portanto, para a identificação dos patrimônios afetivos, é relevante compreender o olhar do idoso sobre a cidade, já que eles vivenciaram o passado e vivenciam o presente, possibilitando a compreensão de quem somos e a que local pertencemos. Dá-se, então, sentido e significado para os patrimônios afetivos, sendo assim, não serão esquecidos, mas sim transmitidos para as próximas gerações, tornando a identidade da cidade mais vívida.

Na fase da terceira idade, com a chegada do envelhecimento, independentemente da situação sociocultural do idoso, surgem preconceitos, estigmas e desvalorização familiar e social, por não estar mais na fase produtiva da vida, ligada ao trabalho. Assim, quando os idosos não aceitam a chegada da aposentadoria e dos problemas decorrentes da idade, podem passar por problemas de ordem física, social e psíquica (PONT GEIS, 2003). Marques e Pachane (2010), ressaltam que a sociedade determina o papel e o lugar do idoso, muitas vezes, colocando-os em um cenário de desvalorização e abandono, como se não se encaixassem mais na sociedade. Paula (2009), complementa essa visão quando fala que os mais velhos não são ouvidos, não são vistos e, por consequência, não são respeitados, demonstrando, assim, que, atualmente, os idosos são ignorados ao invés de serem vistos como detentores do conhecimento e da sabedoria.

Para Tedesco (2004, p.21), pesquisar memórias de idosos possibilita “torná-los agentes e sujeitos do vivido, permitindo que pudessem se presentificar pelo passado por intenções transtemporais”. Ao refletirmos sobre os idosos na sociedade atual, percebemos que muitos são esquecidos pelos anos vividos ou pelo fato dos velhos se repetirem e relembrem a todo momento do passado. Assim como Tedesco, o nosso objetivo por meio do Café com Memórias é tornar os idosos agentes do vivido, trazendo-os para o presente, porém sem abandonar o passado, possibilitando que realizem seu papel social através dos tempos. Além de nos propiciar e nos guiar para o passado, os idosos do grupo nos ajudam a identificar os patrimônios afetivos da cidade.

Diante de todos esses argumentos, percebe-se a importância de manter o idoso inserido na sociedade e de entendermos o valor histórico e social que ele possui. A tradição oral é uma tendência natural do sujeito, embora, com o tempo, tenha sido perdida. Desde os primórdios, o sujeito já se preocupava em registrar sua história. Além disso, sabemos o quanto conhecemos sobre diferentes épocas por meio da história contada por idosos. Eles se alimentam do passado e, por intermédio da memória, revivem épocas, relatam fatos, reativam suas lembranças, repassam suas crenças e os valores de um tempo (PIAÍ; PACCINI, 2004).

Porque decaiu a arte de contar histórias? Talvez porque tenha decaído a arte de trocar experiências. A experiência que passa de boca em boca e que o mundo da Técnica desorienta. A guerra, a Burocracia, as tecnologias desmentem cada dia o bom senso do cidadão; ele se espanta [...] mas cala-se porque lhe é difícil explicar um todo irracional (BOSI, 1994, p.84).

Ecléa Bosi (1994), enfatiza que recordar se torna uma das funções sociais do idoso, ou seja, ele reconstrói o passado com o olhar do presente, sendo o ato de lembrar fundamental para a própria vida e também para reconhecer a si mesmo. Segundo Bosi (1994, p. 82), “Um mundo social que possui uma riqueza e uma diversidade que não conhecemos pode chegar-nos pela memória dos velhos”. E é por meio deste estudo que pretendemos ouvir os velhos⁷ e conhecer esse mundo social.

Bosi (1994, p. 53), afirma que a lembrança é a reedificação do passado. Esse passado é conservado “no espírito de cada ser humano, aflora à consciência na forma de imagem lembrança” são momentos adormecidos que acabam sendo despertados por estímulos, como palavras, odores, sabores, paisagens. A memória identifica as sensações já vividas, trazendo para o presente prazeres ou desprazeres, que emocionam o indivíduo, porém as lembranças podem ser reinventadas. Bosi (1994, p. 55), refletindo sobre o pensamento de Halbwachs, entende que, na maioria das vezes, “lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado [...] a lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição”.

Analisando as narrativas dos idosos de Morro Redondo compreendemos que lembrar dessas experiências, também é relembrar os afetos que essas experiências proporcionaram. E assim como Bosi destacou, as lembranças ao serem narradas são reconstruídas, pois são repensadas com base nas experiências que esses sujeitos já

⁷ Termo utilizado pela pesquisadora Ecléa Bosi para se referir ao idoso.

acumularam após o acontecimento lembrado. É o caso dos bailes que veremos no decorrer dessa pesquisa.

Os indivíduos estão diretamente ligados por meio de suas vivências e de seus sentidos, em que cada sujeito percebe a realidade de forma diferente, sendo cada concepção sobre o espaço composta de uma consciência baseada em experiências pessoais, aprendizados, imaginação e memória. Isso ocorre partir das percepções humanas sobre o mundo e o espaço, no entanto, não invalidam a afirmação de que todos os seres humanos compartilham de determinadas percepções comuns tendo em vista a vivência em um mundo comum (ROCHA, 2007, p.23).

Por conseguinte, os moradores de Morro Redondo estão ligados por meio de suas vivências aos espaços da cidade, todavia cada indivíduo pode obter uma leitura diferenciada dos lugares que a cidade ocupa porque, em sua memória um fato, um local pode não ser lembrado do mesmo modo que outro sujeito. Entretanto, essas memórias se complementam, se somam e ajudam a contar a história do município. Sendo assim, são as memórias que dão vida a cidade, sem elas o que chamamos de cidade se tornaria apenas um espaço vazio e sem espírito.

Duarte (2004), ao falar sobre Freyre nos traz que:

Gilberto Freyre nunca se esquecera daquela excursão a uns restos de matas virgens do sul de Pernambuco, pertencentes a um amigo. Crescido na cidade estranhou o fato de que seu cicerone também nada sabia acerca das frondosas árvores próximas ao seu engenho, apesar de “serem elas suas conhecidas velhas desde o tempo de menino”. Mas, se elas ali estavam, presentes por toda uma vida, parecia que mal tinham sido vistas: delas não sabia sequer o nome, nem nenhuma de suas características. Foi preciso chamar um velho lavrador. Este, sim, solucionou os enigmas, nomeando as árvores e, ao mesmo tempo, contando como esta continha um leite que curava ferida brava, daquela outra se fazia um chá para febre, e assim por diante. A este amigo, Pedro Paranhos, senhor de Japaranduba e ignorante da vida a seu redor (FREYRE, 1989 apud DUARTE, 2004, p.126).

Podemos compreender, com a leitura desse trecho, a importância dos idosos, os anciões, os guardiões da sabedoria. O menino que habitava aquele lugar nada sabia a respeito das árvores, mas por que isso acontece? Talvez por não ter conhecimento do verdadeiro significado delas, pois, se nunca soube do seu significado, do simbolismo e crença que elas representavam, para ele era só mais uma árvore, comum como qualquer outra. Entretanto, à medida que for dotada de significado, passa a ter novos sentidos e apropriações, ganhando valor e sentido. Entretanto, o que os saberes a respeito das árvores têm a ver com o conceito de patrimônio afetivo? Ao nosso ver, tudo, visto que são essas percepções do sensível

que destacam e diferenciam o patrimônio afetivo do formal; são exatamente esses significados, simbolismos e saberes transmitidos pelos idosos que dão sentido aos patrimônios, o que, por consequência, age como agente para a preservação da identidade cultural de uma comunidade.

1.2 MEMÓRIAS DA CIDADE

A cidade se embebe como uma esponja dessa onda que reflui das recordações que se dilata. Uma descrição de Zaíra como é atualmente deveria conter todo o passado de Zaíra. Mas a cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas, nas antenas dos para-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras (CALVINO, 1990, p. 14).

Assim como Zaíra, a cidade de Morro Redondo também contém seu passado, inscrito nas ruas da cidade, nas casas, nos lugares. Porém, como fazer os indivíduos terem uma melhor percepção dos patrimônios afetivos da cidade, seus lugares e significados. A mesma não conta seu passado, e acreditamos que as narrativas dos idosos servem como mediadores para que os sujeitos tenham uma melhor percepção dos patrimônios afetivos da cidade e, conseqüentemente, o passado será contado.

Sendo assim, estamos vivendo em um tempo em que tudo é versado como patrimônio. Segundo Henri Pierre Jeudy (2005), são forjadas identidades para dar fundamento ao recurso identitário conferido ao patrimônio, evidenciando a obsessão contemporânea de tudo preservar (NORA, 1993). Nesse turbilhão, não raro, deixa-se esquecido o processo de recuperação do passado de um lugar, cidade, espaço, porém, nesses procedimentos não podemos esquecer os idosos, os que contêm a memória da cidade. No caso deste estudo, tratamos da cidade e, mais especificamente, do espaço que se delimita na rua principal da cidade, uma vez que é um espaço de produção social, formado por várias camadas de tempo, que conferem sentido, significado e sensibilidades aos espaços e lugares.

Sensibilidades se exprimem em atos, em ritos, em palavras e imagens, em objetos da vida material, em materialidades do espaço construído. Falam, por sua vez, do real e do não-real, do sabido e do desconhecido, do intuído, do pressentido ou do inventado. Sensibilidades remetem ao mundo do imaginário, da cultura e seu conjunto de significações construído sobre o mundo. Mesmo que tais representações sensíveis se refiram a algo que não tenha existência real ou comprovada, o que se coloca na pauta de análise é a realidade do sentimento, a experiência sensível de viver e enfrentar aquela representação. (PESAVENTO, 2005, p. 58).

Sensibilidades percebidas nas músicas típicas alemãs, bandinhas, ritmos como o stipa⁸, por meio do canto, do som, dos inúmeros dialetos, mas que também se materializam nos objetos do Museu e se espalham pelos espaços que a cidade ocupa. As ruas da cidade funcionam como rios que seguem seus cursos e deixam suas marcas, o afeto age como a correnteza que direciona as águas, mas somente aquele dotado de sensibilidade conseguirá compreender o que as águas vêm a revelar. Ademais, para os que não enxergam ao primeiro olhar, o Museu é fonte de partida e as ruas são suas extensões, ao ser recepcionado por um dos idosos que participa do Museu, ao ver a simplicidade nas suas palavras, mas também a sabedoria que nos ajuda a cristalizar as águas turvas dos rios, é que compreendemos o valor de algo que, em um primeiro momento parece simples, porém é a maior riqueza que os indivíduos podem possuir.

Se o patrimônio é considerado um transmissor, um meio para refletir a respeito das referências de identidade de um povo e é referendado por seus valores e práticas culturais em diferentes espaços, é necessário atentar para a historicidade desse processo (NOGUEIRA, 2014). Sabido isso, não podemos decretar patrimônios sem uma abordagem e um estudo mais amplo das histórias e dos processos temporais da cidade. No entanto, nesta pesquisa a historicidade não é baseada em documentos tradicionais, mas nas memórias narradas, essas que, muitas vezes, são reinventadas e imaginadas. Da mesma forma, não podemos descartar os significados imersos nos lugares, cristalizados pelos relatos dos idosos. Assim, Fonseca (2008), complementa nosso pensamento dizendo que a chave está na questão do “olhar” e da perspectiva de abordagem do bem cultural.

O grande desafio é entender a magnitude da cidade para, a partir de seu entendimento, pensar e agir sobre seus patrimônios. No entanto, o autor Michel de Certeau (1994), ressalta que na atualidade com arquiteturas grandiosas, grandes construções, prédios exuberantes que rasgam os céus, estamos perdendo a essência do olhar. E apenas tendo uma visão panorâmica das cidades, ou seja, uma visão geral e a distância. Impossibilitando que a cidade seja praticada, desta forma, práticas urbanas não são mais vivenciadas. Ao adotar um estilo de apreciação da cidade, os

⁸ Stipa: semelhante a uma serenata, acontece no sábado de aleluia, em que pessoas caracterizadas visitam as famílias, acompanhadas de músicos que executam, em cada residência, duas a três músicas. Essas pessoas são recepcionadas pelos donos da casa com doces, cucas, bebidas e recebem uma pequena quantia em dinheiro para cobertura do deslocamento.

sujeitos contribuem para a construção do espaço, pois caminhos que são percorridos tecem os lugares.

Conforme Meneses (1985 p. 1999.), a cidade é um artefato construído pelo indivíduo e socialmente apropriado. Sendo assim, ela é concebida a partir das relações sociais e memórias, a autora ainda complementa dizendo “todo artefato é produto é, ao mesmo tempo, e vetor de relações sociais, a cidade é também lugar onde agem forças múltiplas: produtivas, territoriais, de formação e de pressões sociais”.

As cidades e seus espaços, de acordo com Fenelon (1999), têm um importante papel na aprendizagem dos sujeitos que as habitam, podendo ser interpretadas e dotadas de sensibilidades, gerando uma relação social com seus moradores e, conseqüentemente, uma rede constituída de afetos. E são essas relações que, dotadas de emoções que dão significados aos lugares, acabam por definir e delinear a paisagem urbana, criando, assim, referências culturais que nos ajudam a entender as imagens das cidades. Ao compreendermos esses referenciais, estamos ao mesmo tempo entendendo memórias que se encontram fixadas nesses lugares. Dessa maneira, a cidade está repleta de camadas de memórias que guardam as histórias da cidade e de seus moradores.

Os recursos mnemônicos nos ajudam a detectar os inúmeros tempos que a cidade absorve. Nesse estudo, os lugares de memória desempenham esse papel e no Museu de Morro Redondo também utilizamos esses recursos mnemônicos, entretanto, além desse recurso, utilizamos objetos do acervo, suportes para a conexão entre o objeto, sujeito e espaço, tornando esses instrumentos sociotransmissores dos afetos.

De acordo com o IPHAN (2013, p. 5), o inventário é uma maneira de poder adquirir informações, organizar e pesquisar sobre algo de interesse. Salientando que “é necessário um olhar ao redor dos espaços da vida, inclusive os que podem estar junto à escola, buscando identificar as referências culturais que formam o patrimônio cultural do local”. Trazemos esse assunto para debate, já que assim como o IPHAN destaca a importância de um olhar para os espaços da vida e escola, também acreditamos e usamos esses parâmetros para identificar os patrimônios afetivos de Morro Redondo. Porém, nossa abordagem se diferencia de alguns princípios do

IPHAN por ser com nossa definição de patrimônio que tem como encargo os afetos, isto é, os sentimentos que os idosos possuem pelos lugares de memória.

Além disso, sabemos que, para sua proteção, o patrimônio cultural passa por diversos instrumentos jurídicos, sendo um deles o inventário (CAMPOS, 2013). No entanto, no caso deste estudo, a intenção não foi registrar nos livros tombos essas imaterialidades, mas o seu reconhecimento pela população, para que a vontade de preservar e conhecer mais sobre sua identidade parta da população local. Tendo em vista que os inventários, muitas vezes, são realizados de forma limitada, com um foco e valor predeterminado, deixa-se, assim, de realizar uma investigação profunda dos processos de valoração do patrimônio cultural (NOGUEIRA, 2007, 2014). Para a realização de um estudo que objetiva identificar os patrimônios de uma cidade, é preciso ter um olhar atento às temporalidades múltiplas que a cidade possui. Com um trabalho de campo aprofundado, os patrimônios podem funcionar de forma esperada, como gatilhos da história e memória e proporcionando diferentes leituras sobre o espaço. Viabiliza-se, desse modo, a evocação das memórias da cidade e emergem as sensibilidades urbanas.

Os indivíduos necessitam de representações visuais para a melhor captação do espaço que a cidade se encontra. Dessa maneira, a cartografia urbana buscou lançar, em meio bidimensional, uma representação que possibilitasse aproximar lugares e planejar, ainda que de forma inicial, a implantação das novas cidades no novo mundo (SANTOS, 2001). Nenhuma representação, contudo, substitui a experiência de praticar a cidade (CERTEAU, 1994). Ao andar por suas ruas, sentir os cheiros, entrar em contato com os lugares, escutar seus habitantes, o sujeito constrói um elo afetivo com a cidade. Ler seus lugares pressupõe uma disposição do corpo e da mente, mas, praticar a cidade (CERTEAU, 1994) é algo que também deve ser feito pelo pesquisador. É o que realizamos nessa pesquisa, compreender a cidade, vivenciando-a e não apenas por meio das narrativas dos idosos.

A cidade, devido a suas diferentes formas e sentidos, permite nos apropriarmos de várias maneiras (CHARTIER, 1991). Ela propicia leituras e interpretações diversas para os caminhos e percursos percorridos pelo leitor do espaço. O sujeito se apropria de divergentes formas da cidade, podendo ser a cidade que o indivíduo habita ou visita, o que corrobora a diversidade de possibilidades de olhar e ler os espaços. Entretanto, esta leitura não necessariamente deve ser feita de forma individual, ela

pode ser compartilhada e complementada por outros sujeitos que se encontram em relação com a cidade.

Certeau (1994, p. 200), nos diz que os espaços são lugares praticados. São, ainda, relatos da experiência do vivido e dos sentidos atribuídos aos espaços, constituindo-se em referências culturais e memórias. Sendo assim, esses espaços praticados na cidade de Morro Redondo, pelos idosos, foram narrados, possibilitando a identificação dos patrimônios afetivos do município. Dessa maneira, percebemos a importância da cidade para trazer à tona as memórias.

Visto que, a cidade vai se constituindo de vivências pessoais em um primeiro momento, porém, no instante que outro indivíduo narra sobre suas experiências de vida, vão surgindo locais em comum, lugares de memória partilhados, desta forma, as narrativas nos proporcionam acesso às memórias da cidade, o que consequentemente nos viabiliza perceber o espírito dos lugares. Sendo eles os responsáveis por dar sentido, significado e tornar lugares em um primeiro momento visto como comuns em verdadeiros patrimônios dos moradores.

1.3 LUGARES DE MEMÓRIA E O ESPÍRITO DO LUGAR

Nora (1993), nos diz que a memória está nos espaços, nos objetos e nos gestos. Sendo assim, no instante em que essas “coisas” se relacionam com os indivíduos, obtemos lugares de memórias, que contribuem para a preservação do passado e fomentam a identidade do local, tornando-se lugares únicos e com significados afetivos. Os lugares de memória podem nos ajudar a lembrar pessoas, fatos, histórias. Um simples lugar pode aflorar memórias de brincadeiras de infância, assim como prédios que não estão mais na paisagem, acontecimentos em geral, que marcaram a vida dos indivíduos. A relação que o sujeito é capaz de estabelecer com esse local vem acompanhado de emoções e significados que evocam memórias e identidades. Dessa maneira, pode-se dizer que existe “um espírito do lugar”. Nele, encontramos sujeitos despertados por meio de relatos da memória dos indivíduos. Assim, trabalharemos com a Declaração de Québec de 2008 sobre a preservação do “*spiritu loci*” ou “espírito do lugar”.

Para obter a identidade de um lugar, segundo Relph (1980, p. 41 apud FERREIRA 2000, p. 68), é necessária uma combinação de observações, de um contato direto com o lugar e, ainda, que o sujeito possua uma expectativa antes de

experienciar o local. A socialização, adaptação e conhecimento de tal seriam os elementos constituidores da identidade. O lugar seria o núcleo de significados e impossível de ser substituído para que o indivíduo e a comunidade o reconheçam como lar. O autor ainda complementa que, ao associar o lugar com o lar, pode haver vários níveis de ligações. A relevância de dispor de uma relação para com os lugares extrapola a consciência que o sujeito pode ter de possuir ou não esta ligação.

Como diz o autor (1980, p.41 apud FERREIRA 2000, p. 68), “uma relação profunda com os lugares é tão necessária, e talvez tão inevitável, quanto uma relação próxima com as pessoas; sem tais relações, e existência humana, embora possível, fica desprovida de grande parte de seu significado”. Portanto, essa relação dos sujeitos com os lugares é o que constatamos nas narrativas dos idosos, um envolvimento com o local, que deixa transparecer a relação de afeto, dando sentido ao lugar e os transformando em referências que contam não somente as histórias individuais, mas sim as memórias de uma coletividade.

A memória está vinculada ao lugar, as histórias contadas estão enraizadas no meio, vivas na saudade e na procura de pistas da ausência que descreve a memória do lugar. Gastal (2002. p. 77), diz que “conforme a cidade acumula memórias, em camadas que ao somarem-se vão constituindo um perfil único, surge o lugar de memória [...] onde a comunidade vê partes significativas do seu passado com imensurável valor afetivo”. Como forma de interpretar o passado, a memória é a voz e a ilustração do ocorrido, configurando e representando o tempo vivido. Contudo, poucas vezes é utilizada dessa fonte para a reconstrução da história de um lugar. Freire esclarece:

A memória, compreendemos melhor, elabora-se a partir da ausência, e com pé fincado no presente, volta-se para frente. Nesse terreno, as mais aparentemente insignificantes lembranças são artigos de valor, sendo necessário guardá-las com cuidado, sabendo do risco que se corre com a perda desse que é o nosso mais valioso e invisível patrimônio (FREIRE, 1978, p. 45).

Nora (1993. p. 9), enfatiza que “a memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto”. Surgem, assim, os lugares de memória, patrimônios culturais, trazendo à tona um passado vivo e identidade para o lugar. Por intermédio da memória, espaços se transformam em lugares únicos e com grande significado afetivo para quem mora nesse local ou até mesmo para quem o visita (GASTAL, 2002). A comunicação entre memória e paisagem é trazida à tona por lembranças dos

idosos de tempos já vividos na cidade e que foram construídos na paisagem local. Porém, esses visitantes só perceberam esses significados com a ajuda de um trabalho de comunicação, pois não é algo que ocorre de forma natural.

Na cidade de Morro Redondo, essa mediação é realizada por meio do Museu Municipal e, futuramente, almejamos que este trabalho também venha ser um meio de diálogo com os turistas e também moradores, pois, após a identificação dos patrimônios afetivos, Em razão de o município estar se desenvolvendo turisticamente⁹ e buscando novos atrativos, este estudo fornece uma base para o desenvolvimento de um roteiro turístico, ou até mesmo um complemento para o roteiro Morro de Amores já existente na cidade. Trazendo visibilidade a esses locais adormecidos, proporcionando, para os indivíduos, o conhecimento desses lugares e contribuindo para manter viva a identidade cultural da cidade.

Pelo âmbito da geografia, quando acontece a apropriação simbólica de um espaço cheio de sentimentos, ele acaba se transformando em um lugar. Diante dessa circunstância, o conceito de Tuan (1983. p. 6) expõe: “o espaço é mais abstrato do que o lugar. O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que conhecemos melhor e o dotamos de valor [...]”. Como salienta Carlos (2002, p.16), o lugar é a reorganização do espaço, contendo sensações, afeição e referência da experiência vivida. “O lugar guarda em si, não fora dele, o seu significado e as dimensões do movimento da história em constituição enquanto movimento da vida, possível de ser apreendido pela memória, através dos sentidos e do corpo”. Os registros vívidos da memória, por meio das lembranças, perpetuam lugares e servem como chaves para uma constante visita ao passado, trazendo diversos sentimentos que se tornam documentos por meio da narrativa. Conforme Moran (1994, p. 235), “o afetivo dinamiza as interações, as trocas, a busca, os resultados. Facilita a comunicação, toca os participantes, promove a união”.

Os lugares de memória vêm acompanhados de emoções e significados que sustentam memórias e identidades. Estamos tratando de algo que, em um primeiro momento, pode parecer banal, mas que traz o lado mais humano para o patrimônio:

⁹ O município de Morro Redondo enfrenta uma grande crise financeira, devido ao fechamento de uma empresa do setor aviário. Ela empregava grande parte dos moradores e produtores rurais, pois os mesmos forneciam os animais. Sendo assim, o turismo rural surgiu como uma nova fonte de renda, o roteiro Morro de Amores é criado através de uma associação de empreendedores e conta com o apoio do Sebrae.

o afeto. Dessa maneira, pode-se dizer que existe “um espírito no lugar”. Segundo a Declaração de Québec, o espírito do lugar é constituído pelo:

conjunto de bens materiais (sítios, paisagens, edificações, objetos) e imateriais (memórias, depoimentos orais, documentos escritos, rituais, festivais, ofícios, técnicas, valores, odores), físicos e espirituais, que atribuem sentido, valor, emoção e mistério ao lugar (QUÉBEC, 2008, p. 2).

Nele, encontramos sujeitos despertados por meio de relatos da memória dos indivíduos. Conforme foi manifestado na Declaração de Québec de 2008¹⁰ sobre a preservação do “*spiritu loci*” ou “espírito do lugar”

O espírito do lugar é essencialmente transmitido por pessoas e que a transmissão é parte importante de sua conservação, declaramos que é por meio de comunicação interativa e participação das comunidades envolvidas que o espírito do lugar é preservado e realçado da melhor forma possível. A comunicação é, de fato, a melhor ferramenta para manter vivo o espírito do lugar (QUÉBEC 2008, p. 4).

Desse modo, no momento em que os idosos narram sobre algum lugar, estão ajudando a manter vivo o espírito desse lugar. E, a cada narrativa, o espírito fica mais vívido, porque alcançará mais pessoas, o conhecimento dos lugares de memória por parte da população é de fundamental importância para a preservação do espírito do lugar. Como evidência Ecléa Bosi (2003, p.15), “a memória dos velhos pode ser trabalhada como um mediador entre nossa geração e as testemunhas do passado. Ela é o intermediário informal da cultura (...)”. Dessa maneira, se as memórias dos idosos estiverem acessíveis aos jovens, poderão contribuir para que entendam um pouco mais sobre o lugar em que vivem.

O autor Méo (1999), tratando do conceito de mundo vivido, caracteriza uma relação de existência e subjetividade do indivíduo ou grupo social com os lugares, demonstrando um pertencimento de um determinado grupo em um determinado lugar, o que evidencia a complexidade dos lugares e da mescla de realidade e subjetividade. Desse modo, a narrativa nos ajuda a representar, descrever, compreender e interpretar o mundo em relação a um sujeito, o que nos possibilita enxergar todo o valor afetivo que esses lugares representam para os idosos, por fazerem parte da história de vida de cada um deles e por terem marcado momentos importantes em sua trajetória. Esses lugares de memórias possuem importância não por sua

¹⁰ Reunião realizada na cidade de Québec (Canadá), em 2008, a convite do *International Council of Monuments and Sites* (ICOMOS), Canadá, na ocasião da 16ª Assembleia Geral do ICOMOS.

materialidade ou monumentalidade, mas pelo potencial transformador que pode ser gerado nas pessoas.

Ainda salientando o valor das narrativas para a percepção dos lugares de memória e para que a alma do lugar venha à tona, Entrikin (1997), ressalta que a narrativa cumpriria a função de contar a história dos lugares ligando suas realidades e subjetividades. O autor fala que, ao ouvir a interpretação do narrador, não se deve apenas descrever as experiências, mas ir em busca da compreensão objetiva do lugar sem perder, entretanto, a dimensão dos fatos dos experienciados.

Essas narrativas, portanto, quando transmitidas, podem servir como nexos identitários, criando o que Candau chama de metamemória.

A metamemória é:

[...] uma parte da representação que cada indivíduo faz de sua própria memória, o conhecimento que ele tem e, de outra parte, o que ele diz. É uma memória reivindicada, ostensiva. Porque é uma memória reivindicada, a metamemória é uma dimensão essencial da construção da identidade individual ou coletiva. Em sua forma coletiva, é a reivindicação compartilhada de uma memória que se supõe ser compartilhada (CANDAU, 2009, p. 51).

Partimos da premissa de que é importante manter os idosos inseridos no meio social. Uma das formas que pode contribuir para essa inserção na sociedade, na compreensão proposta nesta pesquisa, seria por meio de grupos de convivência, nos quais os idosos encontram um espaço para desenvolver atividades e conviver entre eles (KNOPLICH, 2001). Por meio deste trabalho, propiciamos aos idosos o sentimento de pertencimento e de importância social, pois eles são atores ativos que contribuíram para a identificação dos patrimônios afetivos da cidade de Morro Redondo.

Desta forma, as atividades Café com Memórias e Caminhada da Percepção desenvolvidas pelo Museu de Morro Redondo são elementares tanto para a participação dos idosos na sociedade como para essa pesquisa, uma vez que são essas narrativas que nos possibilitam enxergar e perpetuar o espírito dos lugares. Por meio das narrativas sabemos que alguns lugares de Morro Redondo já se encontram com outras características, usos ou mesmo ausentes na paisagem, tendo como exemplo o sobrado restaurante Muller, que dona Ilda descreve nas suas narrativas¹¹. Sendo assim, quando a Caminhada da Percepção ocorre, proporciona que crianças do município que não possuem conhecimento sobre esses lugares entenda-os e

¹¹ As narrativas dos idosos serão trabalhadas no capítulo 3.

consigam “enxergar” o espírito desses lugares de memórias, pois, sucede um calibrado do olhar das crianças que é provocado pelos relatos dos idosos. Isso acarreta em uma comunicação entre gerações, amplia o acesso e a vitalidade do espírito dos lugares, uma vez que antes uma casa era simplesmente uma casa e hoje possui um espectro bem maior de significados.



Figura 4 - Caminhada da Percepção.
Fonte: Acervo Museu Histórico de Morro Redondo, 2017.

Estimulamos a participação das crianças da cidade para que as histórias continuem vivas e sejam passadas de geração para geração, porquanto, segundo Pomian,

É a linguagem que engendra o invisível. [...] Sobretudo, a linguagem permite falar dos mortos como se estivessem vivos, dos acontecimentos passados como se fossem presentes, do longínquo como se fosse próximo, e do escondido como se fosse manifesto. [...]. A necessidade de assegurar a comunicação linguística entre as gerações seguintes acaba por transmitir aos jovens o saber dos velhos, isto é, todo um conjunto de enunciados que falam daquilo que os jovens nunca viram e que talvez jamais verão (POMIAN, 1984 p. 68).

Fica claro, portanto, a relevância deste trabalho, pois o mesmo torna oportuno o conhecimento por intermédio da narrativa dos idosos.

2- REFLETINDO SOBRE UMA NOVA PERCEPÇÃO: PATRIMÔNIOS AFETIVOS

Diante das narrativas dos idosos, a questão emocional, o valor simbólico e a afetividade eram maiores, mais significativas do que a vontade de transformar essas referências em patrimônios formais. Porém, ao tratar de um patrimônio afetivo, nos deparamos com as dificuldades de não haver um conceito delimitado sobre o assunto. Dessa forma, percebemos a potencialidade de pensar em um patrimônio afetivo, o que impulsionou o surgimento desta temática.

Neste capítulo, daremos início as nossas primeiras reflexões sobre um conceito para o patrimônio afetivo, porém há, para isso, a necessidade de compreendermos, primeiramente, a palavra afeto e o que gira ao seu redor. Portanto, passaremos por algumas áreas do conhecimento, como a psicologia e a filosofia, para construir uma base sólida para esta compreensão. Após, partiremos para um breve apanhado histórico a respeito da construção do conceito de patrimônio no ocidente que conhecemos, porém, este estudo não terá como base o mesmo e sim visto de forma diversa, moldável e de diversos pontos de vista, ou seja, um patrimônio que não é institucionalizado. No primeiro momento, trataremos de forma mais ampla sobre patrimônio, após nos dedicaremos aos percursos do patrimônio no Brasil e por fim discutindo este conceito localmente. Assim, conseqüentemente, traremos nossas primeiras reflexões sobre o que entendemos por patrimônio afetivo e que continuaremos a desenvolver em futuros trabalhos.

2.1 AFETO

São complexas as relações existentes entre as representações sociais e as dimensões que a afetividade possui. O que influencia nesta ocorrência é a escassez de teorias da afetividade ou do comportamento emocional que possa ser trabalhada em conjunto com os processos sócio-cognitivos. Por conta disso, para o desenvolvimento do trabalho em questão será necessário compreendermos um pouco sobre afeto para que, assim, seja possível pensarmos sobre um possível conceito de patrimônio afetivo. Dessa forma, caminharemos por outras áreas do conhecimento, fora das adjacências do patrimônio, para, após, sintetizarmos e sustentarmos esse novo pensamento sobre patrimônio afetivo.

Assim sendo, partiremos este estudo da área da filosofia e por meio do que Spinoza¹² (1632,1677) nos define por afeto: um estado da alma, um sentimento. De acordo com a Ética III, 3, Definição 3, de Spinoza, o afeto é uma mudança ou modificação que ocorre simultaneamente no corpo e na mente. A maneira como somos afetados pode diminuir ou aumentar a nossa vontade de agir. Afeto do latim *affectus* ou *adfectus*, no dicionário de português afeto, substantivo masculino, significa sentimento, paixão, amizade, amor, simpatia. Mas também pode significar dedicado, afeiçoado, incumbido, entregue (GLEIZER, 2005).

Spinoza (2017) define, em Ética III, dois tipos de afeto, sendo o primeiro definido como as afecções do corpo, podendo aumentar ou diminuir a potência deste corpo de agir. Nesta definição, Spinoza considera claramente os afetos tanto ao corpo quanto à alma, as afecções que modificam a potência de agir do corpo, as ideias dessas afecções na potência da alma, sendo assim a potência de pensar são os afetos. Porém, a segunda definição de afeto por Espinosa tem como nome “definição geral dos afetos” e nos diz que:

um afeto chamado paixão da alma *animi pathema*, é uma ideia confusa pela qual a alma afirma a força de existir, maior ou menor do que antes, do seu corpo e pela presença da qual a alma é determinada a pensar tal coisa de preferência a tal outra (GLEIZER, 2005. P. 34).

Na filosofia spinosiana, a alma refere-se à consciência, ela nasce a partir de vivências e experiências do sujeito, de uma afecção (*affectio*) que corresponde à ação de um objeto sobre seu corpo. Uma afecção retrata as ações de outros corpos e ideias sobre os sujeitos, já a consciência é um conjunto de conhecimentos e necessita das afecções ou de como o sujeito é afetado e percebe os objetos, assim como também as pessoas que se relacionam com ele.

Afeto diz respeito àquilo que afeta, ao que mobiliza, por isso reporta à sensibilidade, às sensações. Podemos, ainda, referir afeto como ser tomado por, atravessado, perpassado, quer dizer: afetado. Esse atravessar, perpassar é o que propriamente dá o caráter de afecção (GOMES E MELLO, 2010, p.684).

No momento em que o sujeito passa por uma alteração (do corpo, da mente), essa vivência desencadeia uma alteração da sua potência de pensar e agir e reflete nos objetos encontrados. A partir deste encontro, emerge, do corpo do sujeito, um sentimento que influenciará na sua potência de agir e de pensar. Para a teoria de

¹² Ao longo deste capítulo o leitor encontrará duas formas de escrita Espinoza e Spinoza, isto se dá pelo fato que as duas grafias estão corretas, mas variam de acordo com a editora do livro citado.

Espinoza, o afeto pode ser definido como uma variação que acontece à medida que vamos experienciando objetos, acontecimentos, ideias (Deleuze, 1978). Sendo assim, essas potências de agir e pensar podem se manifestar de forma elevada, levando o sujeito a um estado de alegria ou diminuindo sua potência causando a tristeza. Essas reações dependerão da forma como o sujeito se relaciona com o objeto.

O tratamento dispensado por Espinoza à relação entre afecção (*affectio*) e afeto (*affectus*) nos remete à relação sujeito-objeto, uma vez que a afecção indica a ação do objeto sobre o sujeito enquanto o afeto, como indutor da potência de agir, nos remete à ação do sujeito sobre o objeto (GOMES, 2008, p. 74).

Os debates sobre o lugar que a afetividade ocupa na subjetividade humana ocorrem desde a antiguidade, mas como parte indissociável da cognição. Nos últimos vinte anos, estudiosos em neurociência, psicologia e ciências cognitivas vêm evidenciando a ligação da afetividade com a cognição, sobremaneira complexa e criando parte essencial em ações como memorização, criatividade e decisões. Na psicologia, autores discutem esta ligação entre afetividade e cognição e acabam evidenciando que estas proporções psicológicas operam de forma conjunta. Entendendo que cognição e afeto estão presentes a todo momento, porém, pode haver momentos que um se sobressaia ao outro ou que estejam ambos somados. A afetividade humana é um conjunto de fenômenos psíquicos, que se manifestam a todo momento sob a forma de emoções, sentimentos e acompanhados de impressões como o cheiro, o gosto, o prazer, alegria ou tristeza (PINTO, 2005; CODO E GAZZOTTI, 1999).

Ao tratar das funções mentais, a psicologia as separa em funções cognitivas, afetivas e volitivas. Sendo as funções cognitivas as que possibilitam ao sujeito conhecer o mundo, tanto o mundo externo quanto o próprio mundo do sujeito ou mundo interior. Exemplificando podemos falar de funções como a memória, o pensamento, o raciocínio, as percepções. Já as funções afetivas são expressas pela suscetibilidade vivenciada pelo indivíduo por meio de alterações que acontecem no mundo exterior ou em si próprio. Destacando que os afetos possuem um caráter subjetivo. E, por fim, as funções volitivas, que referênciam aos comportamentos exteriorizáveis (AMARAL, 2007).

Claro que quando tratamos dessa divisão das funções da mente, elas são apenas para entendimento do seu funcionamento, pois essas funções cognitivas, afetivas e volitivas estão interligadas (AMARAL, 2007). Deste modo, se o sujeito

obtiver uma lembrança triste (função cognitiva), despertará o sentimento de tristeza (função afetiva) e podendo se transformar em expressões faciais como o choro (função volitiva).

Durante as entrevistas detectamos a ocorrência dessas reações que Amaral (2007) destacou acima. Ao narrar sobre épocas difíceis da vida, como a respeito do trabalho arduo da lavoura, alguns idosos se emocionaram. Foi possível perceber as funções volitivas agindo, tanto ao lembrar de momentos tristes como felizes, pois ao narrar sobre as festas que existiam no passado a felicidade era notória e o riso vinha átona.

As manifestações afetivas são descritas normalmente como: comportamento amoroso, atitudes delicadas, bom humor, ou seja, atitudes ou comportamentos positivos. Não imaginamos como afetividade sentimentos como ódio, raiva, medo, porém, a psicologia nos informa que o afeto ou a afetividade é um conjunto de todos os nossos sentimentos, podendo ser positivos ou negativos (AMARAL, 2007). O que vem ao encontro com os pensamentos de Spinoza (2017), quando o filósofo nos fala em uma potência de agir, podendo ser ela positiva ou negativa.

Na teoria psicogenética, do Francês Henri Wallon (1986), a afetividade é preexistente à formação sensório-motora e mental. As primeiras formas de pensamento são chamadas de pensamento sincrético e todas estão saturadas de afetividade. Wallon também nos traz duas formas de pensamento: o categorial e o temporal, que também são fortemente instigados pelas experiências afetivas do sujeito. Categorial, referindo-se mais ao plano intelectual para que seja compreendido o exterior, é a forma cognitiva da afetividade, onde o sujeito diferencia o eu e o outro, dando condições estáveis para a exploração do mundo físico, mediante atividades de agrupamento, seleção, classificação. Já o temporal, é onde o sujeito reflete sobre a finitude da vida, que tem forte conotação emocional, é o tempo de ordenar as escolhas e comportamentos, que serão pontos de referência para suas ações de definição da sua identidade (WALLON, 2006).

Segundo Wallon, (1972) a emoção é a primeira expressão de afetividade do ser humano e este estímulo não pode ser controlado pela razão. Com uma característica mais cognitiva, o sentimento é a representação da sensação e desperta somente após o indivíduo já conseguir falar sobre o que lhe afeta. Wallon (1972) destaca a emoção como a maneira mais significativa de afetividade, pois ela pode ser

mais visível do que as outras manifestações. Wallon (1972) demonstra o quanto a afetividade está presente nas nossas vidas por meio de movimentos e ações que realizamos e também no ato motor e cognitivo. Sendo assim, o autor diz que a afetividade é um dos conjuntos funcionais da pessoa e atua, juntamente com a cognição e o ato motor, no processo de desenvolvimento e construção do conhecimento. Ainda sobre Wallon, de acordo com o autor Galvão:

As emoções, assim como os sentimentos e os desejos, são manifestações da vida afetiva. Na linguagem comum costuma-se substituir emoção por afetividade, tratando os termos como sinônimos. Todavia não o são. A afetividade é um conceito mais abrangente no qual se inserem várias manifestações. (GALVÃO, 1999, p.61):

A autora Dantas (1992, p, 85) reforça que a emoção é concomitantemente social e biológica, pois efetua a passagem do estado orgânico do ser para a cognitiva, racional que só é alcançada por meio da mediação cultural. Assim, inferimos que, para Wallon, a afetividade é uma das dimensões da pessoa e faz parte desde as etapas mais antigas do desenvolvimento humano, pois quando o homem deixou de ser apenas orgânico, passou a ser afetado e, com emoções, passou a ser, então, racional.

O neurologista António Damásio (2001), inspirado em Spinoza, ressalta que um conjunto de emoções é uma “narrativa sem palavras” baseada em relações de natureza sensoriais e motoras, que nos ajudam a construir quem somos. O patrimônio tem este poder de despertar emoções, desta forma, nos ajuda a constituir nossa identidade, sendo ela individual ou coletiva. Ele pode ser formado por um conjunto de sinais, onde um desses sinais pode marcar o sujeito. O patrimônio pode demonstrar culturas diferentes ou próximas, formando uma rede de sinais culturais, no entanto, esta rede pode ser maleável ao longo da vida.

Nas entrevistas realizadas torna-se nítido a ligação e contribuição desses patrimônios afetivos na vida dos idosos. Sendo que, ao longo das narrativas, os idosos demonstraram sinais, como pausa na narrativa para buscar uma foto, silêncio para refletir sobre o momento lembrado, ou sinais positivos como o riso, que nos possibilitou perceber como eles foram afetados pelos lugares e a contribuição dos mesmos para a construção de sua identidade.

Seguindo a mesma linha de pensamento de Wallon, que defende que a inteligência e a afetividade estão integradas, o biólogo suíço que se tornou psicólogo Jean Piaget (1983) discute a relação entre razão e emoção, cognição e afetos. O autor é um dos primeiros estudiosos a se preocupar com esse tema. Para ele, a afetividade

e a cognição são aspectos inseparáveis. Mesmo possuindo naturezas diferentes toda a ação e pensamentos compreendem um aspecto cognitivo. Retratado pelos suportes mentais e um aspecto afetivo, de acordo com Piaget apud Arantes (2002, p.3) não existem estados afetivos sem elementos cognitivos, assim como também não existem comportamentos puramente cognitivos.

Piaget (1983, p. 226), salienta que “a afetividade é caracterizada por suas composições energéticas”. Para o autor todo processo afetivo é composto de uma energia que pode desencadear uma representação maior ou menor, positiva ou negativa, de acordo com a capacidade de interação do sujeito com o objeto. Esta energia permanece potencial e poderá ser desencadeada a qualquer momento (ULLER, 2012, p. 25). Desta forma, percebemos que, mesmo o autor tratando de uma energia que pode ser desencadeada, o seu pensamento vem ao encontro com os pensamentos de Spinoza (2017), quando nos fala de uma potência de agir. E, ainda, podemos destacar que os dois autores nos falam que (a potência ou energia) pode ser positiva ou negativa.

Lane (1995, p.65) salienta que “um segundo aspecto, emergente em várias pesquisas, foi a constatação da importância das emoções como uma mediação, ao lado da linguagem e do pensamento, na constituição do psiquismo humano”. As emoções que são definidas por Nobre de Melo (1979), como:

Complexos psicofisiológicos que se caracterizam por súbitas e insólitas rupturas do equilíbrio afetivo, com repercussões leves ou intensas, mas sempre de curta duração, sobre a integridade da consciência e sobre a atividade funcional dos diversos órgãos e aparelhos (NOBRE DE MELO, 1979, p. 503-504).

Portanto, as emoções são afetos fortes, podendo ser passageiras ou não, funcionando como uma linguagem por meio da qual expressamos nossas percepções. Ela é dotada de subjetividades e de significados pelo sujeito que a possui, e só saberemos das emoções deste sujeito, caso o mesmo venha a narrar seus afetos fortes. Porém, essa narrativa só ocorrerá se encontrarmos um “gatilho” para aflorar suas memórias.

Por fim, após todos os apanhados teóricos o que podemos destacar? Constatamos que todos os autores citados de alguma forma se conectam, seus pensamentos muitas vezes se complementam. Apesar das dissonâncias, tempos e áreas do conhecimento há um fio condutor entre as ideias dos autores. Consequentemente, as funções cognitivas, afetivas e volitivas estão interligadas.

Sendo que os afetos estão diretamente ligados às vivências do sujeito, sua relação e percepção dos lugares e também sua construção social (função cognitiva).

Os afetos são desencadeados no momento em que o indivíduo vivência uma relação com alguma “coisa” a partir deste momento o corpo do sujeito emerge um sentimento que influenciará na potência de agir e de pensar do mesmo (função afetiva). Esses fatores foram possíveis de verificamos através das narrativas, pois todos os idosos possuem vivencias relacionadas com seus patrimônios afetivos.

Sendo o afeto ou a afetividade um conjunto de todos os sentimentos, podendo ser positivos ou negativos. Essas potências de agir e pensar podem se manifestar de forma elevada, levando o sujeito a um estágio de alegria provocando como exemplo o riso ou diminuindo sua potência causando a tristeza dando início ao choro (funções volitivas). E essas reações dependem da forma como o sujeito se relaciona com as “coisas”.

Tais “coisas” da qual nos referimos, podem ser objetos, lugares, rituais, manifestações culturais. Assim como também podem ser consideradas patrimônios. Desta forma, a seguir discutiremos a respeito do conceito de patrimônio, suas interpretações e seus âmbitos.

2.2 PATRIMÔNIO

Na atualidade, a economia de países desenvolvidos industrialmente e tecnologicamente tem gerado mudanças e influências nas culturas. Diante disso, destacamos o valor do patrimônio, já que esse elemento propicia a identificação do sujeito no tempo e no espaço onde em que vive, tornando possível ressaltar vidas anteriores e memórias, consagrando-as como significativas. O termo “patrimônio” é utilizado frequentemente no dia a dia, quando discutimos sobre os patrimônios de um indivíduo ou de uma empresa, sendo eles econômicos, imobiliários, financeiros. Além disso, podemos falar de um patrimônio herdado ou de patrimônios culturais, arquitetônicos, históricos, artísticos, etnográficos, patrimônios intangíveis, entre outros. O dicionário de língua portuguesa define patrimônio como:

m. [...] 1. herança familiar 2. conjunto dos bens familiares 3. fig. Grande abundância; riqueza; profusão (p. artístico) 4. bem ou conjunto de bens naturais ou culturais de importância reconhecida num determinado lugar, região, país, ou mesmo para a humanidade, que passa(m) por um processo de tombamento para que seja(m) protegido(s) e preservado(s) [...] 5. JUR. Conjunto dos bens, direitos e obrigações economicamente apreciáveis, pertencentes a uma pessoa ou a uma empresa [...]. (Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa)

Quando pensamos em patrimônio, na maioria das vezes, associamos a definição imediatamente ao material. Porém, para fins deste projeto, patrimônio não se limita à materialidade, pois, antes, pode referir-se aos bens produzidos pelos nossos antepassados, que resultam em experiências e memórias, coletivas ou individuais, encontradas não só em bens materiais, embora as materialidades sirvam de ancoragem para essas memórias. O patrimônio surgiu com o intuito de evocar e celebrar datas marcantes para a história, como Nora nos fala, se ainda habitássemos a nossa memória não precisaríamos de lugares para lembrar (NORA, 1993). A partir dele surgem questionamentos a respeito da sua proteção, transmissão, normas patrimoniais e conservação perante o vandalismo. Define-se patrimônio, ao mesmo tempo, pelos seus objetos, estética documental e de reconhecimento sentimental que lhe atribui o saber comum, sendo ele apropriado e constituído de identidades.

Utiliza-se, tradicionalmente, o patrimônio para a legitimidade de poder. Para os romanos, tal era o conjunto de bens familiares, compreendidos não a partir do seu valor típico, mas a partir de sua condição de bens-a-transmitir. O século XVIII e o século XIX foram marcados pela elaboração de padrões, regras e catálogos de teatro, música, literatura, pintura e, especialmente, de museus, porque foram os primeiros

lugares de objetivação de culturas. A rivalidade entre partidários e adversários da patrimonialização gera reflexões contraditórias sobre a relação das obras com o seu público. A ortodoxia museal descreve os efeitos positivos dos museus no espírito de reivindicações de abertura na metade do XVIII permitindo, assim, a iniciação de visitantes à alta cultura até então reservada. O Museu alterava a cultura em nome da utilidade social e modificava as condutas legítimas sem deixar de permanecer estranho ao visitante (POULOT, 2009).

Para os progressistas estava havendo o confisco da cultura pelos museus em benefício apenas dos privilegiados da sociedade. Bem longe de autorizar uma apropriação qualquer, coletiva ou elitista, o Museu era, por excelência, um lugar de desapossamento generalizado. O espetáculo do Museu alimentava, então, uma postura sobre a decadência ou sobre o exílio da cultura, além de reunir a ampla literatura de melancolia pós-revolucionária, a propósito de um mundo fragmentado ou perdido (POULOT, 2009). Refletindo sobre estes acontecimentos, percebemos que eles não ficaram no passado, pois observamos esse “confisco da cultura” em relação aos nossos patrimônios no Brasil, que nos contam a história da elite e ignoram o passado escravocrata.

No final do século XVIII em meio a Revolução Francesa com o surgimento de conceito de nação e de nacionalidade nasce um pensamento a respeito do patrimônio, monumentos, documentos obras de arte constituem uma memória coletiva, formando assim, uma identidade nacional essencial (TORELLY, 2012).

Assim sendo, a noção de patrimônio ganha potência no século XIX posteriormente a Revolução Francesa e a industrial. Primeiramente, essa noção manifesta-se com a finalidade de restaurar os prédios destruídos com a guerra, mas foi modificada para o intuito de selecionar monumentos que conseguissem contestar o esquecimento do passado. Nesse momento, os monumentos deveriam representar a natureza única e grandiosa porque o patrimônio deveria ser o portador da arte, as questões estéticas de beleza e harmonia estavam profundamente enraizadas.

A noção de patrimônio é, portanto, datada, produzida, assim como a ideia de nação, no final do século XVIII, durante a Revolução Francesa, e foi precedida, na civilização ocidental, pela autonomização das noções de arte e de história. O histórico e o artístico assumem, nesse caso, uma dimensão instrumental, e passam a ser utilizados na construção de uma representação de nação (FONSECA, 1997. p.37).

Consequentemente, surge o patrimônio cultural, que pode ser definido como um conjunto de bens culturais, que representam identidades coletivas. Essa nova configuração do patrimônio se torna mais favorável e benéfica. Porquanto, aborda diversas perspectivas como as paisagens, tradições, particularidades gastronômicas, expressões artísticas, sítios arqueológicos entre outros. Gerando assim, uma valorização pelas comunidades e instituições governamentais (FONSECA, 1997).

No século XIX, surgem as legislações nacionais, garantindo um destino no meio das manifestações sociais. Conforme Poulot (2009, p. 26-27), “a Patrimonialização confundia-se, mais ou menos, com a narrativa de uma socialização progressiva e generosa de coleções e de títulos de propriedade: ao servir-se da pátria como ilustração, ela enaltecia a ciência e os avanços da instrução pública”. Já no final do mesmo século, por toda a Europa, a literatura do patrimônio se confundia com a denúncia das perdas constatadas e com uma tipologia histórica das destruições. O conceito de patrimonialidade é um termo usado para designar a modalidade sensível de uma experiência do passado, articulada com uma organização do saber. A nação tornou-se o objeto, por excelência, da patrimonialidade. Na França, a patrimonialização social foi elaborada a partir da Revolução, com o desaparecimento da igreja e das corporações, a patrimonialidade tradicional perde espaço (POULOT, 2009).

Com a chegada da Primeira Guerra Mundial ocorre uma repulsa aos patrimônios estrangeiros. No período entre as guerras, são manifestadas ideologias totalitárias, com o intuito de transformar a exaltação da herança em um instrumento de propaganda, gerando críticas. Já na Segunda Guerra Mundial, diante do tamanho das destruições, foi gerada uma consciência patrimonial europeia, assim como as modalidades de restauração de uso. Pretendiam, com um discurso de conservação de monumentos, propiciar, ao país, a consciência de um passado cultural que havia sido ameaçado. O termo Patrimônio teve um notável sucesso no mundo todo, sendo assim, a França usufruiu da comemoração do ano do Patrimônio, na década de 1980. Com a alegação da preservação da herança foram criadas iniciativas patrimoniais, utilizando espaços públicos que estavam sem uso. A partir de 1980 até 1990, políticos e cidadãos compartilharam um universo onde tudo deveria ser considerado elemento do patrimônio (POULOT, 2009).

No Brasil, a Semana de Arte Moderna oportunizou a exposição da cultura brasileira e o manifesto de Oswald de Andrade, em 1928, propôs produzir arte e cultura efetivamente nacionais. Refere-se a valorizar o passado indígena, africano, caipira que até então era visto com desprezo. Logo, uma nova forma de ver a cultura e o imaginário nacional surge, introduzindo manifestações populares. Porém, em 1930 devido a revolução no Brasil houve a necessidade de mudanças, sendo a valorização da nacionalidade indispensável pelo regime que controlava o país (TORELLY, 2012).

Na segunda década do século XX, uma sequência de projetos de intelectuais foi provocando interesse na criação de uma instituição nacional para a preservação do patrimônio cultural. A criação de alguns órgãos dentro da esfera pública como a Inspetoria de Monumentos Nacionais em 1934, deram respaldo para a construção do projeto de Mario de Andrade que deu origem ao Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), cujo objetivo era a proteção da história do país e das obras de arte. Deste modo, foi escolhida a arquitetura colonial como representação da nacionalidade brasileira (CHUVA, 2009). Consequentemente, o decreto de lei Nº 25, de 1937, concebeu o conceito de patrimônio cultural e criou o mecanismo do tombamento.

Segundo Torelly (2012), as ações de proteção estiveram focadas quase que unicamente em monumentos, edifícios e conjuntos urbanos os quais tinham interesse histórico e artístico, mais conhecido como período “pedra e cal”. De acordo com Chuva (2009), o período colonial foi o fundador do pensamento que diz respeito a uma nacionalidade para o patrimônio. Desta maneira, Minas Gerais, Bahia e Pernambuco obtiveram o maior número de bens tombados. Diante deste panorama, percebemos que apesar dos avanços ainda encontramos resquícios na atualidade de um patrimônio baseado em concepções de identidade nacional e aportada no período colonial.

O contexto da preservação dá indícios de mudanças na década de 1960, quando surgem novos fatores sobre a discussão do que era válido preservar para as gerações futuras. Em 1964, no congresso Internacional de Arquitetos e de Técnicos de Monumentos Históricos, foi publicada a Carta de Veneza que solicitou um novo modelo de preservação. Por meio dela, houve uma expansão no conceito de bem cultural, sendo suas convicções válidas ainda nos dias de hoje e servindo como documentos-base do Conselho Internacional de Monumentos e Sítios (Icomos). Na

carta, o valor patrimonial não estaria restrito aos grandes monumentos, mas também a obras mais singelas, que por seus processos históricos e sua cultura se tornariam patrimônios.

Torelly (2012), destaca aspectos importantes para a evolução do conceito de patrimônio cultural:

a descaracterização e a perda de qualidade dos espaços públicos, bem como o reconhecimento de aspectos psicossociais ligados à memória urbana, não relacionados especificamente a critérios históricos ou de excepcionalidade, mas a referências espaciais e vivências afetivas reconhecidas como o “espírito do lugar” (TORELLY, p.7, 2012).

Na atualidade, a conceituação de patrimônio aborda duas categorias dissemelhantes, uma é mais tradicional, que versa sobre o patrimônio material, englobando assim esculturas, conjuntos arquitetônicos, obeliscos, belas-artes entre outros. E a segunda nomeada de patrimônio imaterial é destinada a bens como paisagens, gastronomia, danças, manifestações religiosas entre outros. As organizações governamentais são as grandes responsáveis pela patrimonialização e preservação dos patrimônios. Mas, o engajamento e participação da população é de grande valor e desempenha um papel imprescindível para a proteção e apropriação do bem tombado.

Além disso, por meio deste estudo também entendemos que há outras formas não formais de patrimônio. O patrimônio afetivo, que pode desempenhar as mesmas atribuições de um patrimônio institucionalizado, como a representação da identidade cultural de uma comunidade, desta forma, por ser um patrimônio informal não se baliza em critérios técnicos, nem são divididos em categorias, pois o material e o imaterial podem andar juntos.

Ainda hoje, desafios ligados ao patrimônio, uma vez que até então, conseguimos enxergar em algumas circunstâncias o patrimônio sendo dividido em várias categorias e subitens para a sua compreensão, mas, ao final, vislumbramos uma divisão do que não é divisível, visto como o patrimônio só será patrimônio se for dotado de valores que não cabem ao visível. Sabemos que o patrimônio imaterial tem ganhado espaço e respaldo politicamente em suas práticas. Segundo De Varine (2012, p. 152), “o patrimônio imaterial está no coração da vida cultural e do desenvolvimento comunitário”. Contudo, não estamos tratando apenas de questões políticas e regulamentares de tombamento e preservação, mas sim de como estes patrimônios serão percebidos pela população e selecionados para representação de

uma cultura. Ao refletirmos sobre esta questão acreditamos que não seria o Estado que elegeria estes patrimônios, no entanto as pessoas que indicariam os elementos que ao seus julgamentos e sentimentos são raros e dignos de preservação. Por conta desses pensamentos, referimo-nos a um patrimônio afetivo, material ou não, a nosso ver, ele só ganhará reconhecimento e ressonância se dotado de significado para a população que o escolhe.

Prats (2005), salienta que o patrimônio é um conjunto de representações, tendo como base a externalidade cultural. Constituído de objetos, de lugares e de manifestações, este conjunto de representação eclode com o desenvolvimento do capitalismo e da revolução industrial. No artigo *Concepto y gestión del patrimonio local*, o autor realiza questionamentos muito pertinentes para este estudo, como quando ele questiona sobre a percepção do patrimônio na sociedade capitalista ocidental e por que ainda perdura esta visão antiga sobre patrimônio. Precisamos nos desonerar destas concepções que perduram por séculos e que já não cabem mais na sociedade atual. Esta interpretação equivocada de um bem intocável, sagrado, moldurado e engessado não encontra mais espaço em um mundo de diversidades, com valores múltiplos, significados e simbolismos.

O IPHAN (1995), nos diz que não é só pela estrutura física que ocorre o caráter e a identidade de uma cidade, mas também por características sociológicas, ressaltando a importância de preservar o patrimônio cultural, conservando os valores para afirmar a personalidade comunal ou nacional e/ou daqueles que têm um autêntico significado para a cultura em geral. Entretanto, analisando os Livros do Tombo, do IPHAN, percebe-se que as limitações, trazem consequências graves, retratando uma nação que termina por se identificar a cultura trazida pelos colonizadores europeus, reproduzindo a estrutura social por eles aqui implantada e excluindo outros tipos de bens culturais. Reduzir o patrimônio cultural de uma sociedade às expressões de apenas algumas de suas matrizes culturais é tão problemático quanto reduzir a função de patrimônio à proteção física do bem.

Na nossa sociedade, os processos de patrimonialização são ponderados como bens absolutos e evidentes, cuja conservação é incontestável. Mas será que todo bem patrimonializado, tombado, declarado é realmente indispensável à conservação?

Mesmo se ele não desempenhar seu papel de sociotransmissor¹³ (CANDAU, 2005), por que devemos preservá-lo? As ações como identificar, documentar, promover e difundir deve vir antes de uma ação de proteção a um Bem, porque elas não são apenas critérios técnicos, são as provas da representatividade do Bem para a sociedade. Mas Fonseca (2009), acentua que não basta uma revisão dos critérios adotados pelos órgãos que fazem com que a lei seja cumprida, pois há uma dinamização dos valores atribuídos. Sendo assim, só com uma mudança de procedimentos, abrindo espaço para a participação da sociedade no processo de construção e de apropriação de seu patrimônio cultural que mudaremos este cenário.

No âmbito deste estudo, por estarmos tratando de uma cidade pequena do interior do Rio Grande do Sul, há a inevitabilidade de tratarmos de um patrimônio local, definido, por Prats (2005), como todos aqueles objetos, lugares e manifestações locais que, em cada caso, têm uma relação metonímica com a externalidade cultural. Mais precisamente, ele faz referência a localidades sem patrimônio, ou melhor, a localizações com referências patrimoniais de pouco interesse, além dos da própria comunidade. Já o patrimônio localizado é aquele cujo interesse transcende sua localização e é capaz de provocar, por si só, fluxos de visitantes com relativa independência dele. O autor destaca que o patrimônio localizado forma parte também do patrimônio local e vice e versa, mesmo de forma proeminente, uma vez que o interesse externo pode contribuir para uma reavaliação interna, embora, por outro lado, a sua avaliação e interpretação à nível local não tenha que coincidir necessariamente com a valorização e a interpretação geral e dos visitantes.

Referindo-se aos processos de patrimonialização, Prats (2005), destaca uma importante indagação, relativa a como seriam esses processos e especificações a nível local. O valor dos patrimônios segue pelos princípios de legitimação como sua natureza, passado, história, mas, baseados em Prats, salientamos que seu valor principal é seu *significado*, podendo ser um objeto, uma manifestação, lugar, material ou não, arquitetônico ou não. Entretanto, a importância do seu significado não é só ao nível local, mas é sim aplicável ao patrimônio como um todo, sendo ele local, regional, nacional e mundial. Todas as categorias de patrimônios estão interligadas

¹³ Candau (2005), chama de sociotransmissores essas redes sociais que transmitem memórias. A conexão das memórias individuais que se entrelaçam e se acrescentam a partir dos sociotransmissores, criam uma sensação “de memória comum a todos” e consequentemente a contribuição para uma identidade coletiva.

demasiadamente com a vida, história e memória dos indivíduos e suas relações afetivas.

Conforme Pelegrini (2006), há um vínculo entre as noções de patrimônio cultural e memória, que são de grande importância no que diz respeito às ações patrimonialistas, por isso que os bens culturais são preservados por desempenho da relação que mantêm com as identidades culturais. Le Goff (1990), ressalta que o passado não é totalmente esquecido, a memória conserva certas informações e acaba por capacitar o sujeito a atualizar informações e impressões passadas e, assim, a história é eternizada na consciência humana.

Por intermédio de manifestações como interpretações musicais, rituais, conhecimentos tradicionais, práticas terapêuticas, culinárias e o lúdico preservamos a memória. Tendo como efeitos a aproximação do patrimônio com a produção cultural do passado e do presente; viabilizando leituras da produção cultural dos diferentes grupos sociais, sobretudo daqueles cuja tradição é transmitida oralmente; cria melhores condições para que se cumpra o preceito constitucional do “direito à memória” como parte dos “direitos culturais” de toda a sociedade brasileira. Contribuindo assim, para que a inserção em novos sistemas, como o mercado de bens culturais e do turismo, de bens produzidos em contextos culturais tradicionais possa ocorrer sem o comprometimento de sua continuidade histórica, contribuindo, ainda, para que essa inserção aconteça sem o comprometimento dos valores que distinguem esses bens e lhes dão sentido particular (FONSECA, 2009).

A memória possui uma função deliberativa sobre as referências que serão escolhidas por uma comunidade para compor seus discursos identitários. Uma memória compartilhada, como nos diz Candau (2011), uma metamemória ao invés de uma memória coletiva a todos. Ela é uma construção social, diversa, seletiva e pode ser reescrita a cada vez que é narrada. Sendo assim, é imprescindível, antes de decretar um patrimônio, ouvir as narrativas da comunidade, saber de suas memórias e de suas construções identitárias, caso contrário, serão apenas monumentos, prédios, lugares sem vida, sem sentido e significado, causando, assim, o que Prats (2005), chama de *frustração museológica*. Esse conceito, refere-se a quando a população depara-se com patrimônios, celebrações e festas com as quais não possui identificação.

Gonçalves (2005), ressalta que, nas enunciações sobre patrimônio cultural na atualidade, o destaque tem sido um patrimônio “construído” ou “inventado”. Dessa forma, cada nação construiria o seu patrimônio com o objetivo de manifestar a sua identidade e sua memória, e essa discussão é efetiva para um entendimento sociológico dessa categoria. Porém, algo que deve ser discutido e que normalmente não encontra respaldo é quando bens culturais são considerados patrimônios por algum órgão do município ou do estado, mas não são reconhecidos pela população local. Ocorre, então, uma rejeição e um sentimento de não pertencimento para a comunidade, pois, normalmente, não são consultados, convocados, ouvidos para expressar a sua opinião sobre o que realmente é relevante e que retrata a identidade dos indivíduos.

Respaldados por Gonçalves (2005), acreditamos que um patrimônio não pode ser exclusivamente decidido por agências do Estado. Ele deve ser definido em conjunto com a população, que precisa encontrar pertencimento, identidade, ou o que Gonçalves (2005) chama de “ressonância” por parte dos indivíduos em questão. Ressonância que evoca no observador todas as culturas presentes no patrimônio. Deste modo, assim como Gonçalves (2005) fundamentados por Stephen Greenblatt (1991) entendemos por ressonância:

O poder do objeto exibido de alcançar um mundo maior além de seus limites formais, de evocar em quem os vê as forças culturais complexas e dinâmicas das quais emergiu e das quais pode ser considerado pelo espectador como uma metáfora ou simples sinédoque (Greenblatt, 1991, p. 250).

Os patrimônios afetivos de Morro Redondo dispõem de ressonância, pois não dependem de estímulos visuais para existirem, uma vez que eles vivem na memória dos idosos. Sendo que os idosos narram sobre os mesmos, logo seus significados continuam vivos e se perpetuam pelos indivíduos. Entretanto, nem todos os patrimônios vivem na ausência, mas ainda assim também possuem ressonância uma vez que esses lugares não estão mortos, longe disso, sua ressonância só os torna mais vivos e presentes. É o encantamento e o poder do imaginar que evoca a história e cultura desses lugares.

Portanto, há uma cadeia muito mais complexa para se chegar à definição de um patrimônio, envolvendo vários fatores como o passado, o presente, a sociedade, a memória e a identidade. Todos estes elementos, trabalhando de forma conjunta para que mantenha pulsante o espírito do patrimônio, geram uma comunicação com o

sujeito que o observa. Sendo assim, mais do que gerar a comunicação, o patrimônio desencadearia a emoção patrimonial, que estamos desenvolvendo nesta pesquisa por meio da afetividade que os idosos possuem por locais da cidade.

Como queremos que uma comunidade preserve um patrimônio se a mesma não vê valor, sentido e uso em um patrimônio declarado? Essa questão, torna-se difícil quando a população não foi consultada sobre o que era de real importância para a sua história ou se apenas a história da elite é reconhecida no patrimônio. Anteriormente, vimos esta visão equivocada era utilizada há anos com o intuito de demonstrar que o Brasil também apresentava um patrimônio digno, por meio de seu estilo colonial, barroco, remetendo aos padrões Europeus. É notório que, apesar de nos encontramos no século XXI, ainda observamos alguns atos semelhantes aos do passado. Todavia, a maneira de transformar um patrimônio reconhecido e ativo, como frisa Prats (2005), é dar prioridade plena ao capital humano, *pessoas antes das pedras*.

Com a participação da maioria da população, com a contribuição de técnicos de gestão patrimonial e agentes locais que estão envolvidos no desenvolvimento da comunidade local, podemos chegar mais próximos de um patrimônio que extrapole as questões jurídicas, que destacam as monumentalidades, e realçar os valores subjetivos, aproximando o campo das sensibilidades. Os patrimônios, sendo eles localmente construídos ou não, devem dispor de utilidade social e participação. Eles deveriam ser reintroduzidos no uso das comunidades, assim ganhariam um ideal, especialmente presentes nas experiências da população.

Neste sentido, Prats (2005) propõe que o patrimônio local não seja considerado como de princípios abstratos de legitimação, mas como um fórum de memória, em toda a sua complexidade, refletividade poliédrica em apoios diversos, que com base nas preocupações e desafios do presente, refletem sobre o passado, projetando participativamente o futuro. Esta é a maneira de Prats (2005, p. 16) entender o patrimônio como "Recursos para viver". Em Morro Redondo, para os idosos, esses patrimônios afetivos servem exatamente para o que Prats (2005) salienta, um recuso para viver, como já abordado anteriormente, para aqueles sujeitos pouco importa o patrimônio consagrado. Visto que, os patrimônios afetivos são artifícios para a manutenção de suas próprias vidas.

Seguindo o viés de pensamento que a comunidade deve participar do processo de declaração de um patrimônio, Prats (2005) destaca a importância da participação da comunidade e De Varine (2012), em sua obra *As raízes do futuro: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local*, propõe debater o desenvolvimento local. Porém, não como um conteúdo acadêmico visto apenas pelos livros e aulas, mas sim partindo de uma vivência prática, com um contato com a comunidade local, visando vislumbrar a realidade do local. O patrimônio, em suas diferentes formas, é uma estrutura para o desenvolvimento local, todavia, só desenvolve seu papel se for utilizado de forma efetiva, ativa e consciente da parte da comunidade que o detém isto é, um patrimônio que encontre uma harmonia e contribua com o progresso de sua comunidade.

Um patrimônio principiado de uma coletividade, que seja usufruído para viver, produzir e que continue em transformação para prosseguir em uso e sendo útil, obtém reconhecimento e traz benefícios para a comunidade. Contudo, estamos tratando de pessoas e de sua cultura viva, tornando esta tarefa complexa. De Varine (2012), cita como uma estratégia o inventário como objeto e meio para o conhecimento do patrimônio. O autor discorda dos critérios estéticos adotados para a escolha de um patrimônio e ressaltando que os processos não levam em conta a comunidade que deu origem e que detém este patrimônio. Os inventários classificação/tombamento são vistos por De Varine como ineficientes, portanto, mesmo sabendo das dificuldades de implantação, sugere um inventário compartilhado e participativo, mostrando, assim, a importância e responsabilidade da comunidade sobre seu patrimônio e desenvolvimento local (DE VARINE, 2012). Em nosso entendimento, essas dimensões do patrimônio partiriam pelos critérios subjetivos das comunidades, pela via da emoção patrimonial, deste modo, ao realizar um inventário seria ponderado também as relações afetivas da comunidade com o possível patrimônio.

Assim como o inventário, a proteção e a conservação são um procedimento complexo passando por escolhas e elucidações de critérios e todas essas ações necessitam do apoio da comunidade. Estes patrimônios, devem servir ou vir a servir para algo, tornando-os vivos e necessários para manter a identidade das comunidades. De Varine (2012, p. 64) comenta que “A esterilização sob o pretexto de conservar um valor raro leva inevitavelmente à perda de uma grande parte de seu significado”.

Tratando do estudo de que se fala, para a identificação dos patrimônios afetivos de Morro Redondo, partimos das atividades desenvolvidas em conjunto com o Museu de Morro Redondo, salientando a relevância dos museus nos processos de patrimonialização e de relação com a comunidade, por meio dos projetos exteriorizados. De Varine (2012), evidencia que os Museus são considerados em todos os países as instituições mais representativas do patrimônio e das ações sobre o mesmo. Portanto, o Museu é um instrumento de ativação patrimonial e de desenvolvimento local.

A diversidade de bens culturais na cidade de Morro Redondo pode ser observada através do Museu de Morro Redondo. Além disso, essa pluralidade representa um grande potencial para as atividades de pesquisa, porém apresenta desafios no estabelecimento de procedimentos metodológicos que permitam a descoberta, identificação, análise e descrição desses bens, porque grande parte da cidade se encontra em meio rural. Marins (2013), aperfeiçoa a ideia da importância de estudos no meio rural afirmando:

Se hoje compreendemos as manifestações da arquitetura rural antes como suportes de memórias sociais e como documentos históricos sobre a vida social e material das populações brasileiras e não apenas como monumentos que celebram uma visão cristalizada e excludente da sociedade brasileira baseada no cânone nacional, a proteção de edificações e agenciamentos espaciais constitui imenso desafio às políticas de preservação do patrimônio cultural, especialmente no caso paulista (MARINS, 2013, p. 164).

No caso da cidade de Morro Redondo, não há interesse nas referências arquitetônicas em si, mas sobretudo nas memórias, histórias, crenças subjacentes a elas. A cidade possui um labirinto que envolve toda a vida social dos que a habitam e pretendemos compreender o processo de atribuição de valores em sua complexidade, já que não há preocupação com os monumentos representativos neste caso, muito menos com patrimônios institucionalizados, mas com as memórias que são narradas pelos idosos e que se fixam nos lugares de memória. Alguns patrimônios não existem mais na paisagem materialmente, mas continuam vivos através das narrativas dos idosos e, assim, disseminam sua ressonância.

Observamos também que, por o município se situar em meio rural, muitos dos lugares de memória citados pelos idosos são pontes, diques, equipamentos e máquinas, festas e arte popular, hábitos, costumes, crenças e modos de fazer (TOGNON, 2007). Todos estes elementos são ativados por mediação do trabalho

desenvolvido sobretudo com idosos, estimulando-os para que as suas memórias sejam afloradas e tragam à tona os sentimentos guardados.

Introduzimos a sensibilidade pelo entendimento de Pesavento (2004), quando ela diz que há outra forma de ver o mundo que ultrapassa o conhecimento científico, correspondendo a um centro primário da percepção e tradução das experiências humanas que se esbarra na criação do imaginário social. Para Tornatore (2009), o patrimônio surge de uma sensibilidade para o passado, sendo que o patrimônio, visto apenas pela esfera política e institucional, irá enfraquecer a relação com o passado. Portanto, um patrimônio é construído com sensibilidade aguçada e retrata as vivências dos indivíduos e suas memórias, sendo elas reconstruídas e fortificadas a cada narrativa.

As sensibilidades fazem parte deste mundo cognitivo, tratando de sensações, emoções, subjetividades, valores, sentimentos, e, por isso, incluem-se em outra gama de lógicas e sentidos, fugindo do tangível. As experiências vividas e memórias pessoais afloradas nas narrativas se transbordam em emoções. As experiências sensíveis partilhadas ou não devem ser consideradas enquanto fontes para se contar o passado, objetivando-as em registros que permitam a apreensão dos seus significados. O sujeito aprende a sentir e pensar, traduzindo o mundo em razões e sentimentos (PESAVENTO, 2004).

Em nossa visão, o patrimônio não é apenas das instituições e sim das pessoas que se apropriam dele, que atribuem valor, simbolismo, emoção para que seja preservado e transmitido. Jean Louis Tornatore (2007), é um dos autores que defende uma sociologia do patrimônio que organiza os processos de patrimonialização das emoções coletivas. Portanto, neste trabalho, a identificação será baseada na emoção e partilha de afetos, tornando possível um novo valor social para o local, não presidindo os critérios institucionais de declaração do patrimônio.

No artigo publicado na revista Memória em Rede, Tornatore (2009), traz três situações contemporâneas para debate, uma delas é sobre o castelo de Luneville, onde ocorreu um incêndio acidental no ano de 2003. O autor conta que a emoção e a comoção local foram imediatas e de maneira muito vigorosa para a reconstrução do castelo. O processo teve o apoio da municipalidade mas também das coletividades, muitos escreveram cartas, doações de dinheiro, serviços comunitários.

Tornatore (2009, p. 9), faz questionamentos durante o texto, como “O que há por trás do monumento?”, “De quem ele é bem comum?”, “De quais relações e vinculações ele é testemunho?”. Para responder essas perguntas, o autor analisou testemunhos ao perceber que as pessoas não se comoviam e choravam pelos mesmos objetos e motivos. Em uma entrevista com um funcionário, ele obteve esta narrativa:

Por ocasião de minhas passagens por Luneville, eu almocei com um dentista da cidade, um repatriado da Argélia que ali se instalou já bem há uns trinta anos. Ele disse: ‘Me fez muito mal o incêndio do castelo’. Então eu disse: ‘Ah claro...é um monumento histórico, etc’; E ele disse: ‘Não, não mesmo. Eu passei lá meu barmitzva, eu me casei naqueles salões...todos os meus amigos casaram ali.É um pedaço da minha vida que foi queimado’. E eu estava muito, muito surpreso: quer dizer que para ele havia sido um dano irreparável, mas que nada tinha a ver com Stanislas e Leopoldo (TORNATORE, 2009, p. 9-10).

Por meio deste depoimento, exposto por Tornatore, sobre um caso do outro lado do mundo, percebemos os mesmos sentimentos expressos nos patrimônios afetivos de Morro Redondo-RS. Não é só seu valor material e histórico que importa, mas também as emoções e afetividades que o lugar possui. Estes lugares estão marcados na memória dos indivíduos como momentos meritórios, dotados de simbolismos. Como Tornatore (2009) salienta, alguns indivíduos choram pelos testemunhos da história, pelos objetos perdidos e danificados, já outros choram pelas lembranças, pela perda de seu referencial de memória.

Fabre (2000 apud TORNATORE, 2009), ressalta que o objeto da emoção não é apenas o castelo na sua forma material e jurídica, pois ele é também formado por lembranças das pessoas que viveram algum acontecimento neste local. Torna-se possível, assim, o pensamento de um patrimônio afetivo, porque não precisamos ficar presos aos valores históricos, artísticos e materiais. As emoções, o sensível e o simbólico dão vida às coisas, sejam elas castelos, objetos ou espaços, tornando essas “coisas” patrimônios de relevância para as pessoas e obtendo, assim, a comoção e a vontade de preservar um patrimônio pela comunidade. Tornatore diz que:

A sequência é política: a de se conformar à razão patrimonial, como aquela de ultrapassar as categorizações pré-constituídas. Se deve aqui insistir sobre o fato heurístico do caso: mostrar que a patrimonialização ou a monumentalização procede de um trabalho de imaginação no sentido da produção de uma imagem do patrimônio (TORNATORE, 2009, p.11-12).

No caso de Morro Redondo, essas manifestações de emoção não se dão por conta de referenciais monumentais, mas por lugares aparentemente banais do ponto

de vista arquitetônico e artístico. No entanto, as lembranças dos momentos vividos nesses lugares dão vida aos mesmos, e ao narrar esses lugares os idosos mesclam afeto, sentido e imaginação.

Normalmente, partimos de decisões políticas e institucionais para declaração de um patrimônio, porém precisamos extrapolar essas questões pré-construídas no momento em que a população se apropriar e reconhecer sua identidade em determinada “coisa”. Essa é a construção de um patrimônio partindo de um campo subjetivo e imaginário e não de algo concreto e objetivo. O artefato pode ser constituído e, assim, ganhar valor pela a imaginação de quem o enxerga, podendo ser visto de vários ângulos e feições, sendo capaz de ser modificado e adaptado conforme variadas interpretações. Fonseca (2009), salienta que existem vários bens procedentes, mas que fazem parte do fazer popular, sendo assim são inseridos na dinâmica do cotidiano, portanto são desconsiderados bens culturais.

No entanto, é a partir deles que se afere o potencial, se reconhece a vocação e se descobrem os valores mais autênticos de uma nacionalidade. Além disso, é deles e de sua reiterada presença que surgem expressões de síntese de valor criativo que constitui o objeto de arte (FONSECA, 2009, p. 70).

Certeau (1994), já ressaltava que o patrimônio também pode ser constituído e traduzido nos objetos e nas capacidades criativas, as “artes de fazer”. Entendemos patrimonialização como a maneira pela qual os grupos conferem, aos objetos reais ou idealizados, um estatuto particular de coisas que podem representá-los, tornando-se, assim, elementos operacionais na construção de uma identidade no tempo e de uma relação com os “outros” (DAVALLON, 2012, p. 41). Esses elementos são dotados de sentimentos que se manifestam por intermédio de atos, ritos, narrativas, objetos e espaços construídos ou não, e podem se misturar com o real ou não-real, sendo capazes de reproduzir a história “real” reconhecida nos livros ou a desconhecida, inventada e reinventada. Mesmo que este patrimônio seja surgido do mundo do imaginário, o que nos interessa é a sua ressonância.

2.3 PATRIMÔNIO AFETIVO

"O essencial é saber ver",
(PESSOA, 1914, p. 44-45)

Anteriormente nos dedicamos a dialogar e compreender outras áreas do conhecimento que trabalham questões afetivas e cognitivas para o entendimento dos pontos emocionais e subjetivos que o indivíduo possui. Após trabalhamos com os aspectos do patrimônio e autores que já possuem uma leitura mais ampla sobre o mesmo, desta forma, abrindo fronteiras para novas formas de pensar. Portanto, este subcapítulo tem como objetivo demonstrar nossa compreensão até o momento sobre um possível conceito para o patrimônio afetivo, tomando como base os temas já abordados anteriormente.

O patrimônio se tornou de extrema relevância para a sociedade por poder representar a identidade cultural de uma comunidade e por salvaguardar a memória, assim sendo, tratamos de um patrimônio que possa contribuir social e culturalmente e que possibilite tomar a forma necessária para que tenha relevância para os indivíduos. Muitos confundem patrimônio com propriedade, porque, se você possui um objeto, ele é de sua propriedade, entretanto, um objeto é muito mais do que algo que possuo para o uso: ele retém significados e seu espírito pode revelar todo o seu valor social, funcionando como extensões de seus proprietários. Como é destacado na declaração de Québec (2008, p. 2), "o espírito do lugar é construído por vários atores sociais, seus arquitetos e gestores, bem como seus usuários que contribuem ativamente e em conjunto para dar-lhe um sentido".

O patrimônio possui um papel essencial na continuidade da elaboração de subjetividade individual e coletiva. Funcionando como um mediador mais sensível, o patrimônio pode transmitir a cultura e a identidade de um povo. O estudo em questão investigou quais são os patrimônios afetivos da cidade de Morro Redondo na visão dos idosos que habitam o município. Por meio da memória desses velhos, partindo da hipótese de que parte dos patrimônios afetivos não existe mais materialmente, porém ainda vive no espírito dos lugares de memória.

O patrimônio estabelece vínculos com as emoções e afetos na falta de um patrimônio material, pode-se pensar a memória não como uma parte de um determinado bem, mas sendo a própria memória o bem a ser preservado, nas suas formas de lembranças e narrativas. O que o idoso guarda na sua memória é o que ele

considera de maior importância da sua vida, ganhando um lugar afetivo e de identidade (BORGES, 2013).

Borges (2013), trata de um patrimônio como categoria vinculada aos afetos e à relação das memórias de idosos. No trabalho que a autora desenvolveu a mesma optou por não usar a categoria patrimônio cultural, pois no decorrer de sua pesquisa identificou que quase não existia a categoria patrimônio cultural no imaginário dos idosos. Borges (2013), ao se deparar com esta questão utilizou em seu trabalho o patrimônio ligado estritamente aos afetos íntimos, individuais e familiares dos informantes.

Desse modo, o patrimônio pode ser também reivindicado como vínculo memorial, afetivo, em que as lembranças gravadas no passado sejam atualizadas a partir do trabalho de memória de modo que o reconhecimento se dê como forma de preservar a si próprios no presente (Borges, 2013, p. 128).

Os indivíduos vivenciam fatos diariamente, porém os mais especiais, os que deixaram marcas, são os que são guardados na memória. Mesmo com o passar dos anos o sujeito rememora o fato e também recorda o sentimento que sentiu quando o vivenciou. Essas características, que acompanham os momentos já vividos são nossos afetos, são o pano de fundo dessas memórias. O que constatamos ao ouvir as narrativas dos idosos de Morro Redondo, porquanto junto com os gestos para representar o momento da fala, também é notório os sentimentos que aquelas memórias guardam. Expressões faciais que revelam a importância e a afetividade que o idoso possui pelo local, pois ao observar e narrar é como se o indivíduo vivesse novamente aquele momento especial e junto dele as sensações sentidas.

Nos relatos dos idosos, foi destacado tudo que faça parte da cultura, de suas relações sociais e simbólicas. Muitos objetos, lugares, festas e brincadeiras podem ser identificados como patrimônios afetivos, por meio de seu impacto social e a disseminação dessas memórias num coletivo. Como Gonçalves (2005, p.22) nos diz, eles efetuam mediações “entre o passado e o presente, entre o imaterial e o material, entre a alma e o corpo, entre outras”.

A consciência aflora, conseqüentemente, o sentido e significado contido nas coisas, e afeta o sujeito durante sua existência. Se a humanidade é racional e ao mesmo tempo movida pelas emoções, por que não pensar em um patrimônio com um sentido afetivo, que possua mais do que um valor material, mas que possibilite o pensar, o sentir e o fazer do indivíduo? Por que não pensar em um patrimônio como

um processo por meio do qual o afeto ganha sentido, subjetividade e profusas proporções para se obter ressonância? González Rey (2003, p. 349), afirma que “uma experiência ou ação só tem sentido quando é portadora de uma carga emocional”.

Desta maneira, o ser humano é movido por suas emoções e afetividades provocadas pelas coisas, despertando uma potência de agir conforme os objetos, pessoas, que encontrar. Sendo assim, as emoções estão condicionadas pelas afecções (efeitos) que nos são aguçados pelos objetos (coisas) e das relações que estabelecemos com as pessoas, causando um aumento ou diminuição na sua potência de agir, ou seja, no seu modo de ser afetado. Por trás de uma ação do sujeito, estão suas emoções e, nitidamente ligadas, às suas relações sociais. O meio, o grupo, a comunidade que o indivíduo pertence também interfere nos seus processos afetivos. Portanto, para se pensar em um patrimônio afetivo devemos percorrer todos os espaços ocupados pelo sujeito.

Roland Barthes, tratando de sensibilidade, aborda *studium* e *punctum*, sendo *studium* dedutivo e explicativo da realidade e *punctum* um índice sobre emoções. Enfatizamos este, por ele operar sobre o sensível, o emocional e as experiências e sensações do indivíduo. Porém, os dois são intrínsecos, já que tudo que faz parte do sensível é implementado na cultura e no espaço de conhecimento científico que cada um possui dentro de si. Este mundo do sensível se constrói a partir da visão e de leituras do espectador sem possuir regras além das emoções e afeições (Roland Barthes, 1980 apud PESAVENTO 2004 p.2).

Neste sentido, pensamos em um patrimônio afetivo, porque ele atua sobre o sensível, emoções e experiências que o sujeito vivenciou e vivencia. São lugares de memória que se tornaram parte dos idosos de Morro Redondo e que não só ajudam a recordar as histórias de vida dos mesmos, como também se tornam companheiros dos velhos. Sendo assim, podemos dizer que os patrimônios afetivos além de representarem a identidade dos indivíduos, agem de forma terapêutica.

Provavelmente, todos os acontecimentos que foram vividos nesses lugares vêm acompanhados de algo especial, não foram momentos que simplesmente aconteceram, mas que deixaram marcas na vida dos sujeitos. Mesmo com o passar dos anos, além da lembrança dos fatos em si, eles também recordaram o que sentiram quando os vivenciaram, e esses sentimentos que acompanham os indivíduos são o que chamamos de afetos, que não são apenas individuais, eles são compartilhados e

complementadas por outros indivíduos que também viveram a mesma época e que possuem lembranças dos mesmos lugares. Halbwachs (1976), já salientou essas memórias também são coletivas, na medida que o sujeito nunca está só.

Desta forma, ao identificar uma “coisa” como um patrimônio afetivo, não estaremos identificando somente um bem material, mas os sentimentos que o envolvem, portanto, quando falamos de um lugar identificado como um patrimônio afetivo, o mesmo pode não estar mais materialmente no local ou poderá já ter sofrido alterações. Mas enquanto o idoso, a comunidade local o narrar ele permanecerá vivo, assim como os sentimentos que ele transmite, o que consequentemente promove a sua conservação. Pesavento (2004, p. 5), comenta que esses patrimônios por meio de “imagens, de palavras, de textos, de sons e práticas seriam o que talvez seja possível nomear como *evidências* do sensível. Mas, para encontrá-las, é preciso uma reeducação do olhar” Mas o que poderia nos ajudar para esta reeducação do olhar? Pensamos que partindo dos museus podemos realizar este calibramento, para enxergar o sensível e o subjetivo, visto que os museus funcionam como uma grande fonte de transmissão memorial, que nos ajudam a compreender histórias, épocas e memórias. Nos permitindo uma viagem no tempo pela nossa memória e a compreensão do invisível.

Por isso, quando falamos de um patrimônio afetivo, destacamos a importância de um calibramento do olhar, haja vista que só assim conseguiremos compreender os significados, simbolismos e afetividades que os patrimônios transmitem. Diante disto, este estudo tem como base fundamental o Museu Histórico de Morro Redondo, que nos auxilia na compreensão dos fatos memoriais. “O essencial é saber ver”, diz o verso de Alberto Caeiro, um dos heterônimos de Fernando Pessoa, no poema “O que vemos das cousas” (PESSOA, 1914, p. 44-45). Com esta expressão do poeta, podemos destacar a relevância da percepção dos sujeitos em relação ao patrimônio. É através do saber ver, do calibramento do olhar que teremos acesso ao lado mais sensível patrimonial, para que seja possível a compreensão de sua existência.

Ao refletir sobre as definições de afeto, inferimos que ele é mais que um puro sentimento ou emoção sentido pelo indivíduo, mas é acima de tudo uma ação. Ao aumentar ou diminuir a potência de agir do sujeito, o afeto passa por um processo de transformação. Assim, quando pensamos a respeito de um patrimônio devemos ter como encargo as questões afetivas. Gonçalves (2005), ressalta que o patrimônio não

tem utilidade apenas para simbolizar ou representar algo, ele é bom para agir. Dessa forma, um patrimônio afetivo encontraria mais representatividade, ação, apropriação e proteção do que algo convencional e burocrático.

Quando Spinoza (2017), nos fala das ações de outros corpos, objetos e ideias sobre os sujeitos, entendemos que o afeto, e por consequência o patrimônio afetivo, realiza uma mudança no estado de espírito do indivíduo. Tendo como resultado, um patrimônio que desempenha um papel de ação e reação. Os idosos possuem uma ligação com a rua Jacarandá, e a Caminhada da Percepção¹⁴ estimula a emersão dos afetos. Portanto, por meio de uma ação, como a caminhada, é despertada esta ligação, tornando possível a compreensão dos lugares e seus significados.

Atualmente, podemos constatar a todo momento uma busca pelo sensível, pelos sentimentos, emoções que nos torna mais humanos. Em vista disso, notamos o uso da palavra afeto ou até mesmo memórias afetivas incessantemente, em redes sociais, meios de comunicação e TV aberta. Isto nos faz pensar que independente de classes, grupos e sociedade há uma preocupação com as emoções. Vivemos num mundo pós-moderno, onde buscamos a imediaticidade e a praticidade, fazendo-nos deixar em segundo plano as relações sociais. Entretanto, ainda não somos autossuficientes, precisamos conviver, sentir e experienciar. Sentimos necessidade de saber quem somos, de onde viemos, e o patrimônio nos ajuda a compreender e encontrar nossa identidade.

¹⁴ A Caminhada da Percepção é mais uma atividade realizada com o grupo Café com Memórias. São caminhadas praticadas com os idosos, onde os mesmos indicam no espaço os lugares que foram citados nas suas narrativas.

3- MORRO REDONDO E SEUS PATRIMÔNIOS AFETIVOS

Neste último capítulo, compreenderemos um pouco mais sobre a cidade na qual esta pesquisa está sendo realizada. Após, será abordado o desenvolvimento metodológico deste estudo. Serão detalhados cada instrumento, método utilizado e suas finalidades. Daremos ênfase às narrativas por serem o nosso principal método de abordagem. Por meio das narrativas dos idosos participantes do grupo Café com Memórias, chegamos ao nosso objetivo de pesquisa. A seguir, será trazido, para a discussão, Morro Redondo e seus Patrimônios Afetivos, seção em que descreveremos um pouco das narrativas e dos lugares que estes patrimônios ocupam. E para a finalização desta dissertação será apresentado um mapa que localizará esses Patrimônios Afetivos no espaço da cidade de Morro Redondo-RS.

3.1 MÉTODOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA DE CAMPO

A cidade de Morro Redondo está localizada na Serra dos Tapes RS, possuindo cerca de 6.227 habitantes, segundo o CENSO (2010), sendo 20,8% da população de idosos de 60 anos ou mais (IBGE, 2018). Deste modo, o estudo em questão tem como sujeitos da pesquisa os idosos, pois são eles testemunhas e atores das mudanças que ocorreram no decorrer dos anos na cidade de Morro Redondo. Eles são importantes atores sociais, pessoas que fizeram e ainda fazem parte dos processos de mudanças sociais. Os idosos não são meros espectadores das mudanças dos lugares, eles agem sobre esses lugares, assim como os lugares agem sobre os idosos e suas memórias, estabelecendo uma relação de reciprocidade. Por compreendermos o papel dos idosos como atores sociais fundamentais e a importância das suas memórias na compreensão das transformações da cidade, é que a identificação dos patrimônios afetivos foi consumada por meio da memória deles, e também a cartografia representativa da memória local.

Para delimitar a idade dos entrevistados utilizamos como critério o estatuto do idoso, cuja definição de idoso no Brasil é vencer a barreira do tempo dos 60 anos e estar amparado pela Lei 8.842/94, pelo Decreto 1.948/96 e pela Lei 10.741/03, conhecida como Estatuto do Idoso. No Art. 10 da Lei 8.842/94, de 4 de janeiro de 1994, que trata da Política Nacional do Idoso, está claro que esta lei tem como objetivo

assegurar os direitos sociais do idoso, criando condições para promover sua autonomia, integração e participação efetiva na sociedade (BRASIL, 1994). Porém, essa base não eliminou sujeitos que possuem menos de 60 anos, foi levado em ponderação a categoria de auto reconhecimento, ou seja, o indivíduo que se auto declarar ou se auto reconhece como idoso. Logo, entre os idosos entrevistados pode haver sujeitos com menos de 60 anos.

Ainda na Lei. 10.741(BRASIL, 2003, p.4), do estatuto do idoso, capítulo V, sobre educação, cultura, esporte e lazer, no Art. 21. de 1º de outubro de 2003, está inferido que “os idosos participarão das comemorações de caráter cívico ou cultural, para transmissão de conhecimentos e vivências às demais gerações, no sentido da preservação da memória e da identidade culturais”. Isso comprova e destaca a importância dos idosos e deste estudo, pois por meio desta pesquisa colaboramos para a integração efetiva dos idosos de Morro Redondo na sociedade, além de agir como meio para a transmissão dos conhecimentos e vivências desses, o que, conseqüentemente, auxilia na preservação das identidades culturais. Além disso, essa pesquisa serve de instrumento para evocar memórias e fortalecer os afetos.

Foram adotados como instrumentos metodológicos entrevistas, relatos, depoimentos e narrativas. Esta pesquisa é de cunho qualitativo e está enquadrada na pesquisa social, dando ênfase às narrativas. A pesquisa qualitativa é um conjunto que engloba diferentes técnicas de interpretação, buscando descrever os componentes em estudo e tem como objetivo compreender e expressar os sentidos dos fenômenos sociais, tratando de diminuir a distância entre teoria e dados (VAN MAANEN, 1979). Também foram utilizados, como auxílio, diários de campo onde a entrevistadora pode anotar datas, expressões faciais e demonstrações de afeto percebidas durante as narrativas, esse material foi fundamental no processo metodológico, pois apenas através dos áudios não seria possível registrar os gestos e emoções presentes no ambiente. Produção de registros fotográficos, gravação de áudios e encontros com o grupo de idosos “Café com Memórias”. Assim, por meio da memória, o passado se torna presente, na oralidade. Optou-se pelo uso de narrativas e relatos de memórias por serem bons instrumentos, que harmoniza a relação entre sujeito e entrevistador, possibilitando melhor interpretação e contribuição para a pesquisa. No momento de ouvir os relatos dos idosos, podemos descobrir quem são, quem foram e suas colaborações para a cultura local.

Segundo Benjamin (1994, p. 105), narração é o que é capaz de transmitir, “matéria de tradição, tanto na vida privada quanto na coletiva”. O autor escreveu em seu texto, *O Narrador* (1994, p. 198), “as ações da experiência estão em baixa”. Essa experiência da qual nos fala está fixada nas práticas da arte da narrativa: Ainda, Benjamin (1994, p. 197-198), comenta que “quando se pede num grupo que alguém narre alguma coisa, o embaraço se generaliza. É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências”. Em relação aos idosos desse estudo, não foi diferente, em primeiro momento há um embaraço e desconfiança, pois para os entrevistados o que eles têm a contar são vivências comuns. No entanto, iniciamos com uma conversa informal, explicamos a pesquisa e aos poucos os entrevistados foram se sentindo à vontade. Destacamos também que todas as entrevistas foram concedidas na casa dos idosos o que colabora para tranquilizar os mesmos.

A narrativa para o autor Certeau (1994), diverge de uma simples técnica de descrição. Narrar uma história é criar um espaço para a ficção, é a arte de dizer e de fazer a história. Essa prática parte da memória, tornando-se presente por meio do ato de falar, Mairesse e Fonseca (2002, p.114) trazem que “o discurso produz efeitos ao querer dizer outra coisa do que aquilo que se diz; exerce sua estratégia por um desvio pelo passado, recorrendo à memória como uma de suas táticas geradoras de sentido”. Além disso, também comentam que o saber narrativo busca, no passado, as histórias guardadas na memória e é pela memória que o passado se faz presente, “a memória se constrói no encontro com os acontecimentos, em seu instante ainda virtual, quase pronto para realizar-se. Assim, a memória consiste num meio de transformar os lugares”.

Uma forma de reafirmar a vivência de um fato é por meio da narração. Quando recordamos os acontecimentos que estão guardados na nossa memória, é possível reafirmar a existência dos fatos. O que possibilita reconhecermos a nós mesmos, apesar de passarmos por transformações ao longo da vida. Ao analisarmos nosso passado, a partir da visão atual, revisamos a ideia que temos de nós mesmos, colaborando, assim, para a concepção da nossa identidade, e tudo isso é devido ao ato de lembrar. Ainda sobre isso, Connerton (1993, p. 27) diz que “a nossa história passada é uma fonte importante da ideia que fazemos de nós próprios”. Dessa forma,

as narrativas se transformam em registros da memória que, ao serem compartilhadas, transcritas e interpretadas se transformam em fonte de história e de cultura.

A história de um lugar sendo narrada pelos moradores locais traz memórias esquecidas pelo tempo, desperta as lembranças, tornando vivo um passado ausente. Assim, a cidade se reencontra com sua história. Em Morro Redondo, são as afetividades presentes nas narrativas que trazem, para o presente, as ausências. É o caso do cine Recreio Familiar e seus bailes, do Armazém Fiss e sua groselha. Thompson (1998. p. 21), afirma que “por meio da história local, uma aldeia ou cidade busca sentido para sua própria natureza em mudança, e os novos moradores vindos de fora podem adquirir uma percepção das raízes pelo conhecimento pessoal da história”. Conhecer sua história é um autoreconhecimento, em que o passado é transmitido por meio dos sentimentos de pertencimento, afetividade e identidade local. O autor salienta, ainda, que:

A história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação [...]. Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade [...] ela pode dar um sentido de pertencer a determinado lugar e a determinada época (Thompson, 1998. p. 44).

Tendo em vista que grande parte da cidade se encontra em meio rural e de difícil acesso, foi feito um recorte para a aplicação e viabilização desta pesquisa. Foram identificados os patrimônios afetivos da Avenida Jacarandá, principal rua da cidade (Figura 1), na qual identificamos vários pontos significativos para a comunidade local. Devido a cidade de Morro Redondo ser emancipada a pouco tempo, o município busca a partir da releitura do passado construir sua identidade no presente. Desde a criação do município esta rua possui destaque entre os Morro-Redondenses, pois ela relembra acontecimentos, objetos, ritos, festas que marcaram a história da cidade e que servem como base para a cultura local. Desta maneira, durante a pesquisa, surgiram outros lugares de memória¹⁵ que não se encontravam nessa rua, porém não iremos discutir a respeito deles, apenas referenciá-los.

¹⁵ Inicialmente alguns desses lugares de memória foram coletados da atividade Café com Memórias e ao longo das entrevistas foram narrados novamente.

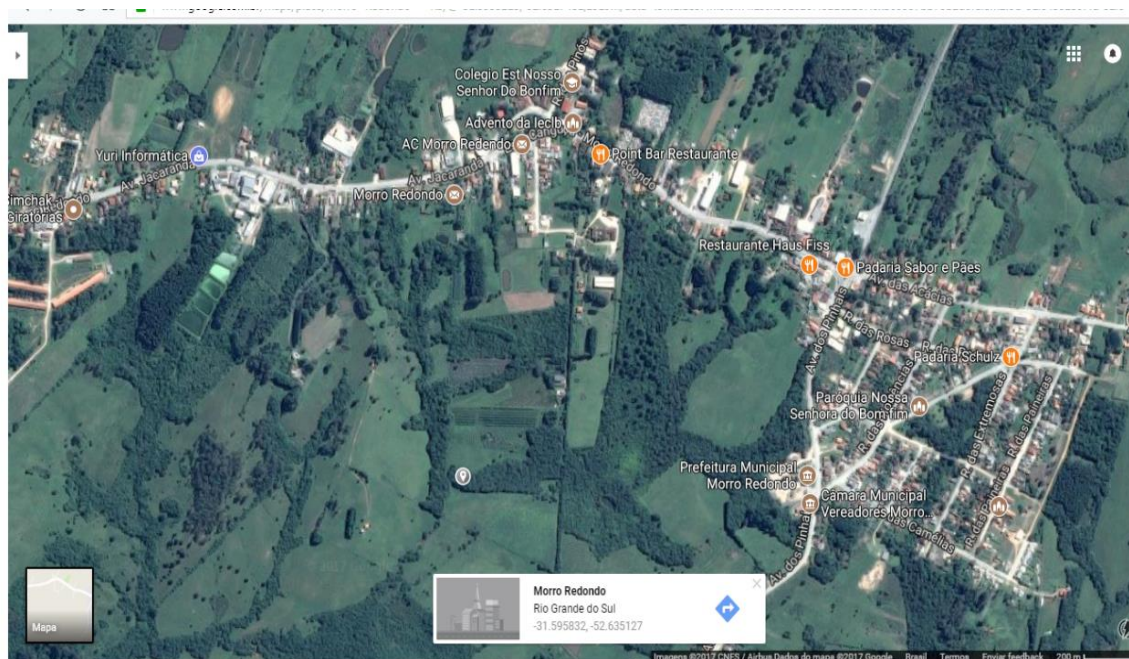


Figura 5- Visão aérea, Avenida Jacarandá, Morro Redondo-RS.

Fonte: Google mapas, 2018.

Em um primeiro momento, foram realizadas visitas às casas dos integrantes assíduos do grupo Café com Memória para ouvir suas memórias e percepções, segundo Yi-Fu Tuan (1971, p. 181), são os sujeitos que “atribuem significado e organizam o espaço de acordo com os símbolos que constroem a partir da sua percepção”. Assim sendo, a percepção está inserida no “calibramento do olhar” e estará visivelmente em destaque neste estudo, pois é sobre a visão dos moradores que identificamos, no espaço, os lugares onde esses patrimônios afetivos estão fixados. A percepção é sentir o exterior e dotá-lo de significado, caso não possua significado para o sujeito, não será registrado na memória e, conseqüentemente, será esquecido. Muito do que percebemos tem valor para nós, para a sobrevivência biológica e para propiciar algumas satisfações que estão enraizadas na cultura (TUAN, 1983).

Posteriormente às narrativas, será solicitado, aos participantes, que cada um indique mais um idoso de fora do grupo para reviver memórias da cidade. Se ao longo das entrevistas algum ator-social for relatado repetidamente, demonstrando sua relevância para aquele lugar, também será convidado a participar da pesquisa. Contribuindo assim para a construção de uma memória social, Guimarães diz que:

Dessa forma, o ato de contar é criador, ele “dá a ver”, desenhando os espaços habitados, do mesmo modo que as imagens de ruas, casas, praças, compostas em cena, geram quadros narrativos: contam as

histórias das cidades e, por conseguinte, de seus espaços habitados, a exemplo dos bairros (GUIMARÃES NETO, 2010, p.150).

As narrativas dos idosos estão repletas de afeto e imaginação. As memórias narradas, são capazes de formatar, criar e recriar imagens e acontecimentos sobre uma determinada situação. Por meio das palavras, os idosos nos transmitem todos os seus conhecimentos de vida e todas as histórias que já passaram e foram vivenciadas por eles. As palavras são um dialeto pelo qual os indivíduos podem se expressar e expor seus sentimentos, emoções, crenças (PESAVENTO, 2008). Esses fatos que a autora ressalta, também percebemos nos relatos dos idosos de Morro Redondo, pois, quando os mesmos narram sobre os lugares, ao mesmo tempo recriam a imagem dos locais, contam sobre suas experiências e exteriorizam seus afetos.

Após, por meio de um roteiro de perguntas semiestruturada (anexo 1), foram feitos questionamentos que despertam a memória dos idosos. A formulação dessas perguntas foram guiados por referências como o Manual de Aplicação de Inventário de Patrimônio Cultural, elaborado pelo Programa Mais Educação e IPHAN, e o Manual de Inventário Participativo, criado pelo IPHAN. A aplicação desse roteiro de perguntas foi feita de maneira dialogada, isto é, foram feitas de forma espontânea em meio a narrativa e não necessariamente na ordem apresentada, pois, desta forma as entrevistas se tornaram mais naturais e fluídas. Entende-se como entrevista semiestruturada aquela que, conforme Minayo (2009, p.64), “combina perguntas fechadas e abertas, em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada”.

Por conseguinte, ao analisar os dados obtidos chamamos de patrimônios afetivos os lugares de maiores recorrências e convergências, ou seja, os locais que os sujeitos narraram com maior frequência, demonstram um acúmulo de memórias no mesmo lugar e desta forma, os indivíduos se conectam e compartilham de um afeto pelo lugar. Porém, os lugares que forem citados de forma isolada e particular, foram considerados memórias afetivas.

Analisando as narrativas também percebemos que ao serem questionados sobre o trabalho, os entrevistados preferiam não alongar suas narrativas. Todos tiveram uma vida difícil, por morarem em uma cidade pequena e do interior muitos trabalhavam na lavoura¹⁶. Um serviço cansativo, onde eles dependiam da terra para

¹⁶ Segundo o dicionário de português lavoura é o termo usado para se referir a Terra lavrada ou preparação da terra para cultivar; agricultura.

sobreviver. Sendo assim, suas memórias referentes ao trabalho vêm carregadas de sofrimento, de lembranças duras, de tempos difíceis. O que acarreta numa negatividade a respeito do trabalho, mas também agradecimento por terem conseguido por meio dele uma vida melhor na velhice.

O ato de lembrar é decisivo para reter e transmitir experiências do indivíduo e é característica de sua natureza para que ocorra a consolidação e estruturação da identidade de um grupo social. A passagem de sua cultura, ideias, reflexões para as gerações seguintes é igualmente importante e se faz necessário para a sociedade. Um bom exemplo é quando os sujeitos realizam uma troca de experiências por meio do compartilhamento de memórias vividas e, assim, começam a se encontrar em uma mesma história. Michael Pollack (1992), ressalta que a memória é concebida socialmente. Ela é formada a partir da família e pelos grupos sociais que os indivíduos fazem parte ao longo da vida. Assim sendo, o que se faz individual se torna social. Sobre isso, Jucá (2003, p. 85), diz que “as lembranças que guardamos são partilhadas com outras pessoas, revelando aspectos intrínsecos dos grupos sociais nos quais nos envolvemos”.

Desse modo, após elucidarmos sobre escolhermos os idosos como nossas fontes e as entrevistas, as narrativas e relatos como instrumentos utilizados nesta pesquisa e seus fins, compreende-se a relevância deles para a viabilização deste estudo, principalmente as narrativas, que nos possibilitam uma harmonia entre sujeito e pesquisador, o que colabora para as manifestações de afeto.

3.2 GUARDIÕES DA MEMÓRIA, DA SABEDORIA E DA HISTÓRIA

Quem são eles? Que narram, que contam as memórias de Morro Redondo-RS. Antes de discutimos sobre os patrimônios afetivos, devemos tratar dos sujeitos, como foi possível perceber desde o início deste trabalho, não podemos discorrer sobre patrimônio sem antes falar dos indivíduos que dão sentido a ele. Precisamos compreender quem são os sujeitos responsáveis por esse trabalho, os detentores dos patrimônios afetivos, aqueles que ajudam no desdobramento desta pesquisa, pois sem suas memórias nada do que encontramos nesse estudo seria possível, ou se fosse possível não teria sentido, são esses que dão vida aos lugares de memória, são eles que despertam o espírito desses lugares.

Veronica Rosler Krause possui 74 anos, faz parte da congregação da igreja Luterana comunidade Advento desde sua infância. Seu primeiro casamento com Gilberto aconteceu na mesma igreja, já a festa foi realizada na sociedade Lírica Orfeônica. Uma das atividades que dona Veronica mais gosta é tocar gaita. A mesma conta que ficou viúva aos 42 anos, após alguns anos, casou-se novamente com Antônio Reichert com quem vive até os dias atuais.



Figura 6 - Veronica Rosler.
Fonte: Acervo Museu Histórico de Morro Redondo, 2018.

Antônio Reichert, 84 anos casado com Veronica Rosler é um dos fundadores do Museu Histórico de Morro Redondo. O senhor Antônio nos conta que foi ele quem deu o nome para a Avenida Jacarandá, pois quando o mesmo estava em uma esquina da rua viu um pé de Jacarandá e foi a partir daí que surgiu a nomeação. Frequentador dos bailes que havia na cidade e das sociedades Lírca Orfeônica e Tiro ao Alvo também relata que já foi rei em uma das festas.



Figura 7 - Antônio Reichert.
Fonte: Acervo Museu Histórico de Morro Redondo, 2018.

Ervino Büttow, 64 anos, um dos fundadores do Museu histórico de Morro Redondo, apaixonado por objetos antigos, grande colecionador e parceiro do Museu, sempre presente em todas as ações realizadas. Ainda quando criança já frequentava as sociedades Lírica Orfeônica e Tiro ao Alvo, casado com dona Edith na Igreja comunidade Advento onde o mesmo relata que fazia um dia muito quente na data de seu casamento.



Figura 8 - Ervino Büttow.
Fonte: Acervo Museu Histórico de Morro Redondo, 2018.

Osmar Franchini, 74 anos, nasceu em Morro Redondo, após seu casamento mudou-se para Capão do Leão por motivos de trabalho. No ano de 1989 voltou para a cidade de Morro Redondo, onde concorreu para vereador, ficando de primeiro suplente. Neste momento foi convidado pelo prefeito para trabalhar como zelador. Morou no CETAPE, (centro de treinamento agropecuário) que pertencia a igreja do Advento. Morou 15 anos neste local, até construir sua própria casa. Nas horas vagas era radialista, iniciou na rádio no programa chamado Musical Classe A. Após algum tempo criou o programa de rádio Alô Alô Morro Redondo. É um dos criados do Museu Histórico de Morro Redondo, onde o mesmo teve a ideia de criar um museu para a cidade e fez um chamado na rádio para arrecadar artefatos.



Figura 9 - Osmar Franchini.
Fonte: Acervo Museu Histórico de Morro Redondo, 2018.

Edith Neumam Büttow, 62 anos, casada com Ervino Büttow há 39 anos, moradora de Morro Redondo e artesã do município. Trabalha com artesanatos baseados na cultura local. Dona Edith nos conta que foi nos bailes do Reichow que conheceu o senhor Ervino e o casamento foi realizado na Igreja comunidade Advento, sendo que ela e também seus filhos foram batizados na mesma Igreja.



Figura 10 - Edith Neumam Büttow,
Fonte: Da autora, 2018.

Ilda Müller Thiel tem 79, passou sua infância em Morro Redondo, trabalhou na lavoura, se casou com Evaldo Thiel e tiveram filhos. Após um tempo quando tinha 33 anos se mudou para Pelotas com seu marido e depois para a cidade de Caxias do Sul em busca de uma vida melhor. No entanto após 11 anos voltou para Morro Redondo onde se encontra com seu marido atualmente. Dona Ilda era assídua na Sociedade Lírica Orfeônica e foi neste lugar que conheceu seu marido.



Figura 11 - Evaldo e Ilda Thiel.
Fonte: Acervo Museu Histórico de Morro Redondo, 2017.

Evaldo Ilach Bart Thiel, tem 84 anos passou a infância em Morro Redondo, morou alguns anos na cidade de Pelotas e na cidade de Caxias do Sul, mas após algum tempo voltou para Morro Redondo onde vive atualmente com sua esposa Ilda Thiel. Frequentava as sociedades do município de Morro Redondo, em especial a sociedade Lírica Orfeônica onde conheceu sua esposa e ressalta que neste local a diversão e cerveja era garantida.



Figura 12 - Evaldo Thiel.
Fonte: Ângela Tavares imagens, 2018.

Erica Thiel Rickes, 79 anos residiu alguns anos no interior do município de Morro Redondo, por volta dos seus 12 anos de idade mudou-se para o centro da cidade de Morro Redondo onde vive até os dias atuais. Teve nove irmãos, sendo dois homens e sete mulheres. Durante sua vida trabalhou na fábrica Ptzlaff de pêssego e conservas, após trabalhou 30 anos no armazém Fiss, torcedora do clube esportivo Índio. Tem dois filhos, viúva, conheceu seu marido nos bailes do Cine Recreio Familiar.



Figura 13 - Senhora Ilda, dona Erica ao meio e senhor Evaldo.
Fonte: Acervo Museu Histórico de Morro Redondo, 2018.

Terezinha Manzolli Corrêa, 76 anos, nasceu em Morro Redondo, quando possuía um ano e meio de idade se mudou com seus pais para Monte Bonito, interior de Pelotas. Quando seu pai faleceu voltou com sua família para Morro Redondo. Depois de algum tempo, casou-se com Carlos Correa e foi morar no Morro Redondo de Cima como é popularmente chamado uma parte da cidade, onde viveu por três anos na propriedade de seu sogro. Mudou-se com seu marido para outro local da cidade, onde começou a cultivar pêssego, depois de algum tempo começou a criar frangos para a indústria Cosulati. Também trabalhou por algum tempo em uma farmácia, mas é conhecida no município por produzir bolos, doces para casamentos, aniversários, comércio.



Figura 14 - Terezinha Correa mexendo o doce no tachão.
Fonte: Acervo Museu Histórico de Morro Redondo, 2018.

Carlos Corrêa morador de Morro Redondo desde os 4 anos de idade, atualmente com 69 anos, casado com Terezinha Correa há 47 anos. Senhor Carlos destaca o Armazém Fiss como um grande comércio que o município possuía e lastima o fechamento da indústria Cosulati, a qual gerava muitos empregos para a cidade.



Figura 15 - Carlos Correa e Terezinha.
Fonte: Da autora, 2018.

Rosemarie Fiss tem 72 anos, neta de Ernesto Arndt primeiro médico do município. Nasceu em Morro Redondo, mas morou muitos anos na Inglaterra. Atualmente, se encontra novamente na cidade de Morro Redondo onde vive com sua filha e netos. Ela narra com detalhes o Armazém Fiss por ter vivenciado sua infância no local, além disso, ressalta o quanto gostava do cine Recreio Familiar.



Figura 16 - Rosemarie Fiss.
Fonte: Da autora, 2018.

Imergard Norenberg, 78 anos nasceu em Morro Redondo, após seu casamento foi morar em uma parte mais afastada da cidade. Depois de algum tempo voltou para o centro da cidade, na avenida Jacarandá onde vive até o momento. Sempre trabalhou em casa e nas horas vagas também trabalhava como cozinheira em festas e eventos, seja eles particulares ou da própria comunidade, como as festas da igreja Advento.



Figura 17 - Imergard Norenberg.
Fonte: Da autora, 2018.

Lili Krause krüger tem 81 anos, morou por muito tempo na colônia Bernadino de Morro Redondo. Depois de casada morou por algum tempo em Pelotas, mas voltou para Morro Redondo, tem 3 filhas e 7 netos. A senhora Lili evidencia o quanto gostava dos bailes do Cine Recreio Familiar, pois era possível levar os filhos por ser um ambiente familiar.



Figura 18 - Lili Krüger.
Fonte: Da autora, 2018.

Maria Lorena Ebeling tem 52 anos, nasceu em Morro Redondo e permaneceu na cidade até seus 15 anos, após se mudou para Pelotas por motivos de estudo. Estudou magistério, se formou no curso de geografia da Universidade Federal de Pelotas. Começou a trabalhar em Morro Redondo como professora de geografia e na cidade de Pelotas com as series iniciais e com a pré-escola. Permaneceu por 10 anos trabalhando nas duas cidades até que realizou um novo concurso e foi trabalhar em Capão do Leão, depois de algum tempo conseguiu uma transferência para a cidade de Morro Redondo onde trabalha até os dias atuais. Dona Lorena se emociona ao falar do Armazém Fiss e do Armazém Muller, pois era nesses lugares que ela comprava doces em sua infância.



Figura 19 - Lorena Ebeling.
Fonte: Da autora, 2018.

Valter Henrique Steffemmborg, 83 anos, nasceu em Morro Redondo, morou no interior da cidade, já casado com Nelda Milech Steffemmborg mudou-se para a cidade de Pelotas onde trabalhou em uma empresa no setor de sementes. Alguns anos depois voltou para Morro Redondo onde se encontra há 17 anos. No entanto, não podemos falar do senhor Valter separadamente da esposa, pois a união dos dois já completa 63 anos. Dona Nelda tem 79 anos, nasceu em Morro Redondo, trabalhou na lavoura grande parte de sua vida, mudou-se para Pelotas junto com o marido Valter, mas após algum tempo voltaram a residir em Morro Redondo, pois sentiam muita falta da cidade que nasceram. Os dois são membros assíduos da Igreja Comunidade Advento e enfatizam a falta que sentem dos bailes e festas que a Igreja promovia.



Figura 20 - Valter e Nelda Steffemmborg.
Fonte: Da autora, 2018.

Apesar desta breve apresentação dos idosos, podemos perceber o quanto as histórias de vida dos mesmos se inter cruzam com os lugares de memória que serão tratados na sequência. Sendo assim, compreenderemos com mais clareza essas ligações na continuidade desse estudo e através das discussões acerca dos patrimônios afetivos.

3.3 MEMÓRIAS AFETIVAS OU PATRIMÔNIOS AFETIVOS?

No presente subcapítulo apresentaremos brevemente os lugares identificados e nossas reflexões sobre os patrimônios afetivos de Morro Redondo. Tivemos como base um roteiro semiestruturado de perguntas (ANEXO I) para a realização das entrevistas, que possibilitaram a identificação dos lugares de memória. Inicialmente começamos a dialogar com os idosos sobre suas histórias de vida, vivências, lazer e trabalho, o que proporcionou aos idosos mais tranquilidade para o desdobramento das narrativas. Foram entrevistados 16 indivíduos, pois como destacamos anteriormente, partimos dos integrantes do Café com Memórias e os mesmos indicaram outros sujeitos que achavam relevantes. O que proporcionou a identificação de 56 pontos de memória, isto é, 56 lugares, sendo que alguns deles se repetiram pelos sujeitos. Por meio dos relatos dos idosos de Morro Redondo obtivemos 14 lugares diferentes, sendo 8 considerados memórias afetivas e 6 patrimônios afetivos. Sendo que, o Patrimônio Afetivo com maior ressonância e potencial sociotransmissor identificado foi a Igreja comunidade Advento.

Começaremos a apresentação dos lugares identificados seguindo uma ordem de maior recorrência. Onde temos como lugar de maior reincidência citado pelos entrevistados a Igreja comunidade do Advento, quando fundada mais conhecida como São Domingos. Localizada na avenida Jacarandá, pertencente à comunidade luterana, segundo relatos orais a igreja foi construída no ano de 1892 com a ajuda de Germano Rosler. De acordo com o (PLANO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, 2015) sua inauguração foi em 03 de dezembro de 1905.

Nela era realizada festas para os membros da congregação além da realização de casamentos, batizados, confirmações de fé e bailes. Atualmente, ainda existem eventos promovidos pela igreja, porém, não mais do mesmo formato. Hoje, devido as novas normas da diretoria, não é possível a realização de festas com músicas e bailes, apenas em eventos privados. No entanto, a igreja ainda realiza almoços, cultos e corais. Há uma recorrência deste local nas narrativas, porém, a igreja não é lembrada por sua grandiosidade, monumentalidade ou antiguidade, e sim por ser um referencial dos momentos vividos no cotidiano, principalmente pelas festas que eram promovidas, o que ocasionava numa grande conjunção de indivíduos. Um lugar onde os moradores sociabilizavam, comemoravam e agradeciam por um bom ano de plantação.

Através da memória os idosos revivem o passado, porém constatamos que conforme Halbwachs (1990), nos comunicava, neste caso, a memória pode ser vista como coletiva. A cada narrativa realizada individualmente há uma recorrência dos fatos, como no caso da Igreja do Advento, as festas que eram realizadas pela congregação fazem parte de uma coletividade e de um ciclo social. Desta forma, cria-se uma memória em rede, onde os sujeitos encontram memórias em comum, que geram intercruzamentos e constroem novas memórias em conjunto.

As lembranças narradas são primeiramente de vivências individuais, porém há uma necessidade de um meio social para que elas tenham ocorrido. Gera-se, assim, uma ligação entre uma memória individual e coletiva. Há um compartilhamento de ambiente pelos entrevistados, ou como Halbwachs (1990) chama, de quadros sociais.

As instituições religiosas possuem influência na vida dos moradores. Também podemos destacar que a religiosidade é um dos quadros sociais, sendo a Igreja Advento um marco de memória. Sobre tal local, o senhor Osmar relata que:

Eu gosto muito, sinto muita saudade, eu me emociono quando vou nesse lugar. Que lugar o senhor escolheria da cidade? A cachoeira aqui da pousada da cachoeira, era o lugar onde nos ia tomar banho na cachoeira, nós pegava a bicicleta e ia para lá tomar banho na cachoeira até arriscando morrer dentro do canal. Mas não era os donos de hoje? Não, os donos já faleceram todos, mas ali era um lugar muito divertido, que nos ia. E quem era as pessoas que o senhor costumava ir nas festas da cidade? Era com a juventude, com a turma do meu tempo, a gente tinha uma turminha então se juntava e ia aquela turma até nos baile que a gente ia era aquela turminha, a gente ainda conta que não se juntava com aqueles mais por cima, a gente era uma turma mais por baixo (risos). Mas era divertido. A igreja, a gente participava muito da igreja, eu quando era pequeno, eu participo da igreja até hoje, porque a minha avó ela prendia os cavalos na carroça e aquilo eu achava uma coisa tão bonita, a gente vinha de lá de baixo, daqui dá 5 quilômetros de carroça só para ir no culto. Então aquilo me marcou muito, então até hoje a gente participa muito. Então a igreja o senhor consideraria um lugar importante? Importante também, porque também tinha as festas.

Segundo Halbwachs (1990), a lembrança é constituída em um processo coletivo, onde há necessidade de uma comunidade afetiva, sendo que a mesma serve de referência para os indivíduos. Da qual, a continuidade de uma ligação afetiva a uma comunidade, a um lugar dá consistência às lembranças. Reconhecemos nas falas dos entrevistados vários grupos, comunidade e coletividades, em razão de que eles necessitam desses para lembrar. Como se essas comunidades agissem como uma bússola, que ajudam os sujeitos a se localizarem no tempo, nos lugares.

E quando vocês eram novos que lugar que vocês frequentavam aqui em Morro Redondo, para se divertir? A gente ia nessas festas de igreja e bailes, mas sabes quando a gente é novo tem os filho pequeno a gente não sai tanto

assim, a gente sai quando tinha uma festa de igreja, um almoço, mas nem sempre, porque eu tenho um casal de filho né. Então tinha as festas de igreja que vocês frequentavam? Sim e participava da diretoria da igreja, daí também tem o grupo de mulheres que a gente participa (NELMA STEFFEMMBERG, 2018).

Na narrativa abaixo também percebemos o uso de uma comunidade afetiva como base para a fala, no entanto também podemos destacar na mesma as mudanças que ocorreram com o tempo na Igreja Advento, que é lamentada pelos entrevistados. Valter comenta que:

Eu cheguei a ser presidente da comunidade, participei uns 25 anos sem sair fora, tudo isso, aí quando foram os 100 anos da igreja eu fui presidente da comunidade.[...]. E fora isso aí nós gostamos muito de baile. E aqui em Morro Redondo tinha muitos bailes, ou tinha algum em específico? Tinha, um tempo atrás tinha bastante, na própria nossa comunidade, quando eu era presidente eu cheguei a fazer 3 ou 4 bailes durante o ano e outros mais, e depois de uns 4, 5 anos para cá mudou a diretoria eles não querem baile, não querem bebida de álcool, é uma coisa muito estranha. Tanto que a gente gostava, nós temos um rico de um salão ali, mas o pastor e a diretoria não aceitam mais (VALTER. STEFFEMMBERG, 2018).

Se desejamos que um patrimônio seja reconhecido pela comunidade local e ativo, Prats (2005), nos infere que precisamos dar prioridade aos indivíduos “pessoas antes das pedras”. Portanto, respaldados por este pensamento podemos dizer que a Igreja Advento é um patrimônio afetivo reconhecido e ativo em Morro Redondo, devido a sua relevância ser diretamente ligada as vivencias dos sujeitos. São eles que dão sentido a esse lugar de memória.

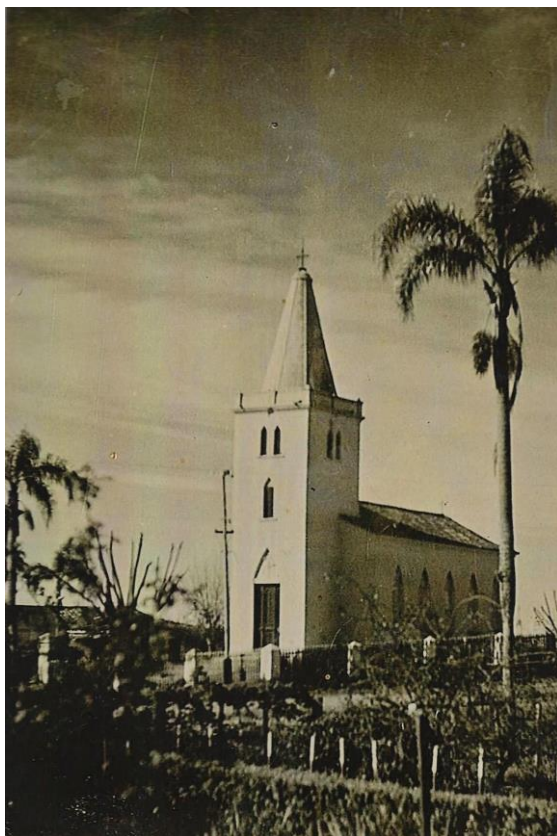


Figura 21 - Igreja luterana Com. Advento.
 Fonte: Acervo pessoal Verônica Rosler, década de 50 aproximadamente.



Figura 22 - Igreja luterana Comunidade Advento atualmente.
 Fonte: Da autora, 2018.

A Sociedade Tiro ao Alvo, se localizava na Av. Jacarandá, nos dias atuais ainda podemos visualizar o prédio da sociedade, no entanto, se encontra fechado e sem

uso. O local era utilizado para o lazer dos moradores. No salão da sociedade aconteciam festas e bailes, além do famoso tiro ao alvo que o senhor Osmar explica em sua narrativa:

E que lugares o senhor costumava frequentar aqui na cidade quando era mais novo? Ahh aqui no Morro Redondo era baile era festas essas coisas assim. E o que o senhor mais gostava? Olha eu de baile não era muito chegado, mas gostava de ir numa festa, porque ai tinha jogos, tinha brincadeiras, cerveja pra tomar (risos). E onde acontecia essas festas? Aqui mesmo onde eu tô morando, aqui na frente era uma sociedade, sociedade do bolão, que tá lá no museu ate aquelas bolas grandes, bochas. Isso dava festa muito grande, festas de arrombar mesmo, sempre regada com a banda farroupilha, a banda farroupilha que era seu Evaldo é um remanescente da banda farroupilha, ele era o baterista ai a gente participava muito dessas festas, e ali na frente tinha a festa do tiro ao alvo, a sociedade tiro ao alvo. E como era essa festa? Isso era assim, também era regado a banda farroupilha, tinha churrasco e o tal de caldo verde que eles ofereciam antes na xicara e depois tinha as pessoas que se escreviam para fazer o tiro ao alvo, então tinha uma arma uma Winchester e tinha um lá em baixo a sem metro tinha um alvo e ai as pessoas então faziam isso ai. Mas então era assim, era festas divertidas.

Destaca-se a Sociedade Tiro ao Alvo como um sociotransmissor (Candau, 2005), pois este lugar serve como um ponto de conexão de memórias individuais; nele se acumulam várias experiências, que são relatadas pelos idosos de forma afetiva. Nas narrativas é possível perceber os afetos agindo de forma positiva, trazendo para o presente lembranças de uma época feliz e geram uma memória que é compartilhada por outros indivíduos que também presenciaram as atividades que eram realizadas nesse local, como podemos observar abaixo na narrativa de dona Irmgard:

Do outro lado tinha o tiro ao alvo e lá então era assim, os homens que eram sócios eles atiravam ali no alvo para ver quem acertava o número maior, então aquele que acertava era o rei e ai quando era festa de novo aquele rei esperava em casa, as vezes era longe na colônia para dentro, esperava em casa e os outros iam em casa buscar ele, era tão bonito ia uma banda na frente e lá vinham eles marchando e o rei na frente. Tudo a pé? Não quando era longe eles buscavam tudo em um caminhão e quando chegava mais perto eles desciam e vinham todos a pé marchando. E tinha uma banda especifica? Tinha uma banda, a banda farroupilha, muito lindo aquilo, terminou, terminou tudo.

Assim como na memória de dona Irmgard, a banda farroupilha se faz presente em várias narrativas, no entanto, ela percorre e ocupa vários lugares da cidade. Sempre citada de forma afetiva e carregada de boas lembranças, mas a mesma não possui um lugar único para rememorá-la, o que não diminui sua potência de agir nos sujeitos, pelo contrário, ela complementa e aumenta a carga afetiva dos lugares em que ela perpassa.

Quando tratamos de lugares como a Sociedade Tiro ao Alvo, identificamos invisibilidades e ainda que exista vestígios de sua existência materialmente, elas

encontram-se em segundo plano, pois esses lugares não estão sendo relatados como se encontra no presente, mas em um passado vivo através das memórias que se abrigam nesses lugares. Por conseguinte, percebemos que não estamos lidando apenas com lugares físicos, mas com lugares simbólicos.

Fenelon (1999), nos ressaltou anteriormente que as cidades e seus espaços contribuem para a aprendizagem dos sujeitos e esses interpretam e atribuem sensibilidades aos lugares. Gera-se, dessa forma, uma relação afetiva entre o lugar e o indivíduo, o que torna esses lugares pontos de referência. No caso da sociedade Tiro ao Alvo, esse local se tornou referencial para rememorar as festas e brincadeiras que aconteciam no município, mas também para recordar o Armazém Muller, que existiu neste mesmo lugar posteriormente o fechamento da sociedade Tiro ao Alvo. Nos permitindo analisar as temporalidades vividas, os contextos que a cidade já atravessou e também as camadas de memórias. Uma vez que, os relatos sobre esses lugares podem variar de acordo com a época que o sujeito obteve contato com o local.

Nesse contexto, temos como exemplo as narrativas do senhor Osmar e dona Irmgard, que relembram a sociedade Tiro ao Alvo, relatando detalhadamente tudo que era realizado no local. Já nas narrativas de dona Lorena e da senhora Terezinha, relembram uma outra temporalidade desse mesmo lugar. Elas relatam sobre o Armazém Muller. Dona Lorena conta que era no comércio dos Muller que ela comprava doces e bolachas para a merenda antes de ir para a aula na antiga escola Brasil. Já Terezinha, descreve que era um dos locais que existia na cidade para comprar alimentos e utensílios. Verificamos nesse momento, referente ao Armazém, uma memória ligada individualmente à vida de cada sujeito. Não existindo um evento coletivo que as façam rememorar o lugar. Entretanto, essas memórias individuais também se fixam no mesmo lugar de memória.



Figura 23 - Sociedade Tiro ao Alvo, sócios.
Fonte: Acervo pessoal Verônica Rosler, década de 40-50.



Figura 24 - Local onde era a sociedade Tiro ao Alvo.
Fonte: da autora, 2018.

Já o local intitulado Cine Recreio Familiar se encontrava localizado na Avenida Jacarandá, era conhecido por realizar inúmeros bailes e por ser sede central do clube Esportivo Índio, onde o mesmo também realizava seus eventos no local. Mas, além disso, o lugar também abrigava o cinema da cidade. De acordo com relatos orais foi construído por Emilio Lang e o primeiro proprietário foi Adolfo Kutter. Atualmente, encontra-se em funcionamento neste local uma padaria, mas ainda permanece

preservada a fachada original do prédio, nos possibilitando visualizar o nome Recreio Familiar. Esse lugar é descrito como mais acessível pelos entrevistados, porque diferente dos outros locais da cidade onde ocorriam bailes, o Cine Recreio Familiar não era uma sociedade.

No entanto, também era um lugar de convívio familiar e com normas para poder participar dos eventos, sendo uma delas a forma de se vestir: homens de terno e mulheres com roupas longas. Esse lugar de memória possui uma relação intensa com os indivíduos, há um envolvimento e compartilhamento, como se todos fizessem parte de uma grande família. Desta forma, dizemos que há uma coletividade, descrita nas entrevistas, como se percebe na fala da dona Lili:

Eu me divertia aqui na comunidade Advento, e lá no recreio familiar. E como era lá no recreio familiar? Aquilo era muito, ali não era sociedade, era toda gente, tudo era conhecido. A dona que tinha ali ela liberava para nós abrir uma porta para casa dela na sala, e aí nos botava as crianças tudo a dormir na sala ali e ia dançar volta e meia ia lá espiar, ela botava colchão no chão e tudo.

Também havia no Cine Recreio Familiar bailes específicos, onde era possível que as mulheres da época tirassem os homens para dançar. Esse momento era chamado de traval, onde uma boneca era pendurada no salão. Mas os entrevistados destacam que esse tipo de baile era esporádico, a fala de dona Erica corrobora:

Eu tenho curiosidade para saber como era esses bailes, porque dizem que era diferente né esses bailes do cine recreio familiar, como era? Ahh, é os homens convidavam a gente para dançar e depois era traval e aí pendurava uma boneca, aí as mulheres tinham que convidar pra dançar. E a senhora convidava? Ahh Convidava (risos).

Analisando esta narrativa da senhora Erica, entendemos que também há uma seleção de memórias, os momentos vivenciados podem ser guardados na memória por suas diferenças, como é o caso do traval, um acontecimento circunstancial e que diferencia esses bailes dos outros. De acordo com Halbwachs (1990),

a memória não tem alcance sobre os estados passados e não nô-los restitui em sua realidade de outrora, senão em razão de que ela não os confunde entre si, nem com outros mais antigos ou mais recentes, isto é, ela toma seu ponto de apoio nas diferenças (HALBWACHS, 1990, p.96).

Contudo, o tempo também interfere na diferenciação das lembranças, do qual, as divisões temporais são específicas para cada comunidade e para cada sujeito. O tempo demonstra continuamente as mudanças, já o espaço oferece uma imagem de permanência e estabilidade. Desta forma, os sujeitos incorporam traços dos lugares e

os lugares possuem vestígios de um grupo. O lugar ocupado pelo grupo é um aglomerado de elementos e memórias da vida social. Ele faz lembrar cada particularidade, costumes de outros tempos, pessoas e relações sociais, o lugar é fonte e testemunha do passado (HALBWACHS, 1990).

Além de uma relação direta entre os sujeitos entrevistados e os lugares, percebemos que cada lugar possui particularidades, rituais específicos, que dinamizam as atividades. Os lugares de memória apresentados carregam consigo uma transposição de afetos. Sendo eles, afetos por pessoas que não se encontram mais presentes, mas que de alguma forma se encontram no local, afeto por acontecimentos que não são possíveis reviver, e que o Recreio Familiar ajuda a relembrar. Ele é o gatilho que possibilita o despertar das memórias afetivas, Erica diz:

E se eu perguntar para a senhora assim de um lugar que a senhora sinta saudade, que se pudesse voltar no tempo a senhora traria de volta, o que seria? É tinha muitas amigas né e amigos a gente saia também para outros bailes outros lugares, mas o baile do cinema eu gostava. Era onde mais a gente ia né era o mais perto, os pais não deixavam ir muito longe. E desde criança a gente foi criado nessa comunidade, e tinha juventude, reunião de juventude .

Esse lugar do qual estamos tratando demonstra uma relação metonímica com a externalidade cultural dos Morro-Redondenses. Desta forma, ao constatarmos esta conexão, podemos dizer que o Recreio Familiar faz parte de um patrimônio local (PRATS, 2005). Ele é de interesse da comunidade, não é um patrimônio institucionalizado, mas possui representatividade perante os moradores locais.



Figura 25 - Recreio Familiar.
 Fonte: Arquivo pessoal de Veronica Rosler, década de 40.



Figura 26 - Recreio familiar atualmente.
 Fonte: Da autora, 2018.

Já a sociedade Lírica Orfeônica também localizada na Av. Jacarandá, situava-se em frente a sociedade Tiro ao Alvo. Fundada por Adolfo Hackbart também era local de realização de festas e bailes. Para participar das atividades realizadas nesse local era necessário ser sócio, sendo assim, o sujeito que se candidatasse para participar

da sociedade passava por avaliação da diretoria. Atualmente, o local onde funcionava esta sociedade é uma residência, não sendo possível visualizar o salão que ali existia, pois, por estar se deteriorando o proprietário desmanchou o salão. Todavia, ainda viva nas memórias dos idosos e em especial na memória afetiva de Dona Verônica a sociedade Lírica Orfeônica nos faz ponderar sobre Bosi (1994, p 55), “lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado [...] a lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição”.

Portanto, quando os idosos nos contam sobre as festas e bailes do passado, sempre há uma comparação com os dias atuais, as festas, atualmente, são vistas por eles como inseguras, sem diversão, visto que, no passado, havia outras formas de se divertir. Fazendo com que os idosos tenham uma perspectiva negativa dos bailes atuais, e que no passado as festas eram melhores e mais seguras. Sendo assim, diante de vários relatos que demonstram um afeto negativo, podemos, então, dizer que esse valor dado ao lugar estão atreladas ao sentimento de perda? Os idosos rememoram, lamentam e consideram esse bem preciso por que houve uma ruptura.

Ao ponderar sobre a Sociedade Lírica Orfeônica retornamos para os pensamentos de Halbwachs (1990), que nos explica como compreender as memórias sobre a perspectiva de lembranças e experiências vividas, por meio da relação que o sujeito constrói com ele mesmo e com a sociedade. É o caso de dona Verônica, que ao narrar sobre a sociedade, também relata sobre suas vivências, porque a história deste lugar se funde com a história de vida da entrevistada. Durante a entrevista dona Verônica nos mostra álbuns de fotografia, começando com as fotos do seu primeiro casamento, onde a festa foi realizada na sociedade Lírica Orfeônica. Esses lugares possibilitam aos sujeitos autoestima, através deles os idosos se conectam com seu passado, gerando afetos positivos. Por conseguinte, há uma ativação dos recursos sociais e da emoção, acarretando assim, em uma melhora da qualidade de vida, pois relembrar sobre esses lugares de memória tem um sentido terapêutico.

Compreendemos que o valor patrimonial desses lugares de memória se dão pelas lembranças e afetos. Porém, os afetos também podem agir de forma negativa, em alguns casos levam o sujeito até mesmo ao choro. Essa forma negativa de que falamos é causada pelo sentimento de perda dos suportes materiais que serve como elo para as imaterialidades. E quando o indivíduo perde esse referencial, é como se o

mesmo perdesse uma parte de suas vivências, pois há um intercruzamento entre a vida do sujeito e a do lugar. Dona Veronica comenta:

Olha aqui, esse era meu marido, Gilberto, ele morreu, esse era o irmão dele, aqui o pai do Bütow. Aqui minha irmã [...] Aqui nos estávamos dançando. Ele faleceu com 52 anos e eu fiquei viúva com 42 anos. Isso tudo foi na sociedade. Era ali em cima. Como era essa sociedade? Era bem ali na frente da igreja, e já tiraram, já derrubaram tudo, tudo já. Como era essa sociedade? O que acontecia? Ahh isso faz anos e anos que já desmancharam tudo. A sociedade lírica orfeônica e tiro alvo. A senhora gostava de ir pra lá? Ahhh sim. A festa do meu casamento foi lá. E eu já tava grávida. [...] Ahh aqui os jovens, nessa sociedade, tinha uma varanda, era um salão bem grande.

Diante desse relato pessoal, cabe nos questionarmos se todas essas memórias não são particulares e específicas de um só sujeito. Podemos dizer que de certa forma sim, mas, além das questões pessoais podemos identificar como eram utilizados estes lugares e que atividades eram realizadas. Além do mais, quando ouvimos outras narrativas podemos perceber os entrecruzamentos das histórias, criando uma rede de memória e, em meio a um emaranhado de memórias, identificamos pontos de conexão. Histórias que se iniciam pessoais, mas que nos possibilitam conhecer sobre os estilos de vida que os Morro-Redondenses viveram e preenchem cada canto, lugar e local se tornando as memórias desta cidade.

O afeto que percebemos por esses lugares, não é apenas um sentimento ou emoção, é uma ação. Ele desperta ações dos moradores que mobilizam memórias e neste processo de transformação que os lugares passam por meio dos afetos, os Museus podem ser potencializadores, ajudam a comunidade local a compreenderem a importância desses lugares de memória. Ou até mesmo seus Patrimônios afetivos, visto que, Gonçalves (2005), destaca que o patrimônio não tem utilidade apenas para simbolizar, ele é bom para agir.

Na entrevista realizada com o senhor Evaldo foi possível intercruzar mais uma parte da história referente a Sociedade Lírica Orfeônica, pois ele nos conta que também havia festas nesse lugar, que duravam dias, e a banda que tocava nesses eventos realizava pausas para que houvesse a apresentação dos corais. Sendo um deles apenas formado por homens e outro misto. Portanto, além de constataremos que uma memória complementa a outra, solidificamos novamente os quadros sociais, neste caso, falamos de um quadro social ligado as práticas de lazer da época (HALBWACHS, 1976).



Figura 27 - Coral misto da Sociedade Lírica Orfeônica.
Fonte: Acervo Museu Histórico de Morro Redondo, 2018.

Os lugares de memória citados neste estudo, propagam ressonância (GONÇALVES, 2005) por meio dos idosos que os narram. E nossas investigações confirmaram que esses lugares não dependem de estímulos visuais para existirem, como é o caso da Sociedade Lírica Orfeônica. Em razão de, continuarem vivos na memória dos idosos. Entretanto, deve haver uma preocupação a respeito dessas narrativas seguirem se difundindo para os mais jovens, ou melhor dizendo que a ressonância desses lugares se alastre pela população.



Figura 28 - vestígios do banheiro da Sociedade Lírica Orfeônica, atualmente.
Fonte: Da autora, 2018.

Quando indagamos sobre o que o senhor Evaldo mais sentia falta e que gostaria que existisse ainda, ele, então, respondeu: “Ah! Essas sociedades que tinha aí, eram duas grandes, uma em frente à outra, era a lírica orfeônica e a outra se chamava tiro ao alvo, a banda tocando era garantido .”

A sociedade Lírica Orfeônica é mais conhecida pelos moradores locais pelo nome Hackbart, pois é o sobrenome da família que era e ainda é dona do local onde existia a sociedade. Senhor Ervino nos conta em sua narrativa que neste local também era realizado tiro ao alvo:

No salão dos Hackbart eu dancei pela primeira vez na minha vida, eu sei que tinha tiro ao alvo e eu era bem molequinho, aí eles botaram uma chapa 2x2, aí colocavam o alvo bem redondinho de zero a um, dois até dez e quem acertava na mosca ia ficando para a final, eu sei que nós estava na festa e aí eles estavam atirando, e eu e minha mãe estávamos na festa e meu pai estava disputando. Ele atirava muito, e quando vê começou o foguetório, e a minha mãe disse assim, será que papai ficou rei, escuta o foguetório, porque quem ganhava tudo era o rei né, e quando nós chegamos perto o pessoal estava tudo abraçando ele, carregando ele no colo e cerveja eee meu Deus, me arrepio tchê... isso tudo nos Hackbart.

Ao narrar sobre esta memória o senhor Ervino destaca o arrepio que sente ao falar desta lembrança, constatamos assim o afeto, que junto com o relato também se fez presente. Desta forma, a potência de agir função afetiva é despertada e se

transforma em funções volitivas como o arrepio. Destaca-se com clareza, nesta narrativa, as emoções humanas, que desempenham um papel central para a preservação de um patrimônio. Sendo assim, esse lugar tornando-se um patrimônio afetivo, encontra mais representatividade, ação, apropriação e proteção do que algo convencional e burocrático. Já que ele possui um valor afetivo, que fortalece e potencializa sua salvaguarda.

Tornatore (2009), reforça esse pensamento, uma vez que o autor também destaca que o patrimônio visto apenas pela frente política e institucional, não dispõem da mesma potencialidade, o mesmo é constituído de sensibilidade e retrata as vivências dos sujeitos e a cada narrativa as memórias são reconstruídas e fortificadas. Narrativas que são o ponto central neste trabalho para a identificação de patrimônios afetivos.

Assim como nesta pesquisa, no estudo de Borges (2013, p. 125, 2013), os lugares de memória (NORA, 1993), também foram tratados como patrimônios. A autora ressalta que esses patrimônios “possibilitam a continuidade de elementos históricos identificadores que a eles estão amarrados” Da mesma forma que os marcos sociais de Halbwachs (2004), auxiliam como referência aos sujeitos e possibilitando a ancoragem de memórias.

Já em referência aos afetos e emoções, a autora destaca:

Pode-se dizer que o patrimônio seja algo vinculado a partir das emoções e da afetividade [...]. A memória de vida do idoso ou o que ele preserva de memória, o que ele seleciona e atribui à narrativa da sua vida, assume um lugar afetivo e de grande valor identitário, neste caso considerado como um tipo de patrimônio (BORGES, p. 162, 2013).

No caso de Morro Redondo, adiciona-se o fato de que essas memórias se inter cruzam com a de outros sujeitos, a partir de uma mesma referência. E além do inter cruzamento denotam diferentes camadas de temporalidades. O que solidifica nossos princípios de um patrimônio afetivo, este que está ligado diretamente às vivências dos idosos, que se ancoram nos lugares de memória. Desta maneira, lugares de lazer como a sociedade Lírica Orfeônica possuem grande acúmulo de memórias e despertam nos sujeitos uma potência por meio dos afetos, gerando assim, um patrimônio afetivo local.



Figura 29 - Sociedade Lírca Orfeônica.
 Fonte: Acervo Museu de Morro Redondo, década de 40-50 aproximadamente.



Figura 30 - Sociedade Lírca Orfeônica, atualmente.
 Fonte: da autora, 2017.

Em uma das narrativas acima o senhor Evaldo destaca que “a banda tocando era garantido” sendo que a banda que o entrevistado se refere é chamada banda Farroupilha que já foi relatada anteriormente por outra entrevistada. Todas as festas realizadas no município contavam com a participação de bandas típicas, sendo esta

a mais relatada. Por conseguinte, este fator não é um lugar, nem se encontra de forma material, no entanto, também está no campo das memórias afetivas. Visto que o valor do patrimônio afetivo não está propriamente na materialidade, mas na potência simbólica também consideramos a banda Farroupilha um patrimônio afetivo. As lembranças desta banda se encontram no âmbito do invisível, contudo podemos manifestar que as memórias relacionadas à banda se fixam nos lugares que ela tocava, desta forma, esses locais colaboram para sua evocação. A banda Farroupilha faz parte de um conjunto de memórias que atribuem sentido a esses lugares, pois, ela realizava apresentações itinerantes, como na sociedade Tiro ao Alvo, sociedade Lírica Orfeônica, festas da Comunidade Advento.

Desta forma, as emoções despertadas, os afetos, os valores atribuídos a banda farroupilha ajudam na construção do espírito desses lugares, destacados por Québec (2008) e salientado que são os relatos dos indivíduos que ajudam na preservação e também na transmissão, mantendo vivo o espírito desses lugares.

Os integrantes da banda Farroupilha eram Adolfo Hakbart; Adolfo Thiel; Arno Marten; Carlos Marten; Claudio Kruger; Ecart Büttow; Evaldo Thiel; Henrique Rosler; Verno Müller e Wily Fiss. O senhor Valter comenta que:

Tinha antigamente uma banda Farroupilha, que aquilo era a coisa mais linda que tinha, esses Fiss eram tudo da banda, tinha cada trombone, olha aquilo chegava a retumba quando essa banda tocava, e também terminou. E vocês iam nos bailes que tocava a banda Farroupilha? Não, a gente ia nas festas, quando tinha as festas era banda farroupilha aquilo era olha a coisa mais linda que tinha, e tudo terminou porque os antigos foram falecendo e ainda tem algum novo, mas não tem mais aquela banda, foi uma pena, e assim tem muita coisa que hoje criou coisas novas. E o que vocês sentem falta daquela época? Se pudesse voltar no tempo o que vocês queriam que voltasse? Em primeiro lugar como eu digo, que voltasse a ter a comunidade, fazer aquelas festas e ter aquela banda que tinha, que alegrava mais Morro Redondo que hoje a juventude mudou tudo.

Por meio das manifestações culturais, como o Stipa e a banda Farroupilha citados neste estudo, preservamos memórias, aproximamos a comunidade local de seus patrimônios e também contribuímos na transmissão oral das tradições. Mas, para além disso, essas evocações memoriais criaram um movimento de recuperação de algumas práticas no presente, como é o caso do Stipa. Ao relembrar ou até mesmo vivenciar novamente essas tradições, estamos proporcionando aos idosos uma melhoria na sua qualidade de vida, pois essas ações agem de forma terapêutica nos sujeitos.



Figura 31 - Banda Farroupilha.
Fonte: acervo pessoal dona Verônica, 2018.

Em um mundo de liquidez, essas memórias dão base e serenidade para seguir adiante. Os idosos são importantes agentes que conectam redes de memórias, desta forma, dão a ideia de continuidade, em um momento de ruptura. Em vista disso, baseados em Bosi (1994), podemos dizer que os velhos possuem um papel social, sendo eles que nos propiciam a base e a calma para compreendermos quem somos.



Figura 32 - Dona Verônica mostrando fotos de seu casamento, sociedade Lírica Orfeônica.
Fonte: Da autora, 2017.

Constatamos com nitidez nas narrativas uma busca por um passado ausente, que Candau (2011, p10) evidencia em seu livro *Memória e identidade*, como o mnemotropismo que se encontra em grande parte da sociedade moderna, uma “crise do presentismo” que ocasiona “o desaparecimento de referências e a diluição de identidades”. Com o fim dos bailes e festas que aconteciam nas sociedades e também nas igrejas, os idosos citam os lugares que sediavam esses acontecimentos de forma nostálgica. Nostalgia é definida no dicionário Houaiss (2012), como o “desejo de voltar ao passado”. A nostalgia discernida na fala dos idosos pode haver várias causas, como a ausência de algo ou alguém importante na vida do indivíduo, pela sua percepção do tempo, dos lugares.

Nesse contexto, compreende-se com maior clareza as questões nostálgicas por meio do trabalho de Karla Nazareth (2017, p 57-58), que em sua dissertação interage com autores como Candau (2011) e nos comunicando através de sua dissertação que “Apesar de a nostalgia possuir como objeto um passado irrecuperável, a relação com essa temporalidade varia conforme os contextos do presente, dos trabalhos da memória e da percepção que se dá ao fluxo do tempo”.

A autora ainda destaca que:

a nostalgia é uma emoção que se relaciona com os trabalhos da memória e do esquecimento, ou seja, o que se sente sobre o que se lembra (e se esquece) a partir das pautas do presente. A(s) narrativa(s) nostálgica(s) se emaranha(m) às estruturas e aos processos da própria narrativa de identidade dos sujeitos, auxiliando na modulação das lembranças que darão o tom identitário (NAZARETH, 2017, p.66) .

Analisando essa nostalgia das narrativas, inquiremos se esses bailes e festas ainda existissem atualmente, talvez os indivíduos não relatassem com a mesma intensidade sobre os mesmos, porque o que é mencionado e lamentado nas entrevistas são as ausências. É a falta, a perda de algo que não é possível trazer para o presente, mas que marcaram a vida dos sujeitos, a perda ou a transformação desses lugares faz com que os sujeitos sintam medo, de esquecer quem são eles próprios, visto que, são esses marcos memoriais que ajudaram esses indivíduos a construir sua identidade.

Quando abordamos esses sentimentos causados pela perda, ruptura ou transformação também estamos lidando com afetos, já que, vimos no capítulo anterior que podemos encontrar afetos positivos e negativos. Neste caso, estamos tratando

de um afeto negativo, pois a potência de agir do sujeito diminui, podendo levar o indivíduo a um quadro de tristeza ou até mesmo ao choro (função volitiva).

O armazém Fiss é destacado como o principal comércio da cidade e foi a primeira casa comercial de Morro Redondo. Em várias narrativas é destacado que o comércio vendia alimentos, roupas, utensílios domésticos e instrumentos para o trabalho, era possível encontrar qualquer material que o indivíduo estivesse precisando. Um local de coesão social, onde além das compras os homens se reuniam no balcão para conversar. Já nas memórias de infância dos entrevistados o armazém é destacado por sua famosa groselha. A propriedade permanece com a mesma família e o prédio ainda existe materialmente, porém, atualmente, o local foi dividido em três outros tipos de empreendimentos.

Além do armazém, a família Holz Fiss também possuía uma fábrica de vinhos e um hotel, local onde os viajantes se hospedavam, a estrada estadual, que ainda hoje liga Canguçu - Morro Redondo - Pelotas, naquela época, era passagem de viajantes de Canguçu, Piratini, Caçapava, Santana da Boa Vista e outras cidades, com destino a Pelotas. Dona Teresinha relata:

E vocês iam muito ali na avenida jacarandá naquela avenida principal? Sempre foi aquela rua a principal? Sempre foi, porque tu vê quando eu vim lá de Monte Bonito, que eu tinha nove anos, eu me lembro que a gente ia de carroça com meu avô com minha tia e onde a gente comprava as coisas era lá. E qual era o lugar que vocês compravam as coisas? Nos Fiss, e como era? Era uma venda? Era uma venda, era uma loja, era um supermercado, era tudo, tinha alfazema, tinha sapato, tinha tudo que tu precisasses e aquilo era tapado, tapado de carroças, ninguém tinha carro naquela época, era muito raro né e a gente ia levava pasto para os cavalos, porque as vezes passava o dia para poder comprar as coisas, era aquela casa grande ali, do lado do hotel Fiss para cá.

Também por meio dos relatos, tivemos o conhecimento que o hotel Fiss abrigou por um tempo um hospital de pequeno porte, já que na época não existia o hospital atual. Desta forma, o Hotel realizava também os serviços de limpeza, alimentação para os internados. Atualmente, o Hotel Fiss ainda se encontra em funcionamento e recebe inúmeros turistas da região.

Observemos as mudanças temporais que a cidade, mais especificamente o armazém Fiss, sucedeu com o tempo, criando assim camadas de memórias. Que é possível perceber nitidamente na fala dos entrevistados. Mas, não há registro documental dessas mudanças, pois são vistas como cotidianas. Os idosos ao relatarem sobre os lugares não se guiam por datas, mas por períodos, muitas vezes, também por acontecimentos pessoais. Desta forma, assim como outros lugares de

memória também não foi possível identificar de inauguração do Hotel Fiss e do Armazém Fiss.

Le Goff (1997), dialoga sobre a memória estabelecer vínculos entre gerações. Podemos, portanto, dizer que o antigo armazém Fiss é um lugar onde esses vínculos se concretizam? cremos que esse local é um ponto de conjunção de memórias, o que pode conceber esse vínculo afetivo. Os sujeitos têm o armazém como referência para narrar a história da cidade, isto nada mais é pelo papel fundamental que este lugar tinha na vida desses indivíduos.

O que tu mais gostava na cidade? A venda, o comércio, eu acho que aquilo é uma coisa que sempre ficou na minha memória, eu sempre fui muito curiosa, então de olhar tudo, de apreciar, aquele tipo de comércio. Eu queria que voltasse, assim aquele balcão grande, aqueles armários imensos, até quando a gente costuma ir no gruppelli, tem uma venda lá, todas as vezes que a gente vai almoçar lá eu tenho que ir na venda olhar um pouco, porque aquilo remonta a minha infância e eu me lembro da venda dos Fiss que isso eu gostaria que voltasse (LORENA EBELING, 2018).

Identificamos neste depoimento que os objetos sempre nos remetem a pessoas ou lugares, eles nos ajudam no processo rememorativo, porquanto podem desempenhar um papel de sociotransmissores (CANDAU, 2005). Os objetos afetivos servem de abrigo para guardar nossas memórias e segundo Dohmann (2010, p. 72), eles nos conectam com o mundo. O autor ainda enfatiza que os objetos, “mostram-se companheiros emocionais e intelectuais que sustentam memórias, relacionamentos; além de provocar constantemente novas ideias”.

Também com a narrativa de dona Lorena, percebe-se uma ruptura, com algo que não é mais possível ter no presente. Além da nostalgia e o afeto, mas neste momento esses afetos são despertados de forma negativa. Ou seja, diminuindo a potência de agir do sujeito, pois junto com a emoção da memória vem o sentimento negativo de não existir mais esse lugar. Com podemos perceber no relato da dona Erica, “*aí eu vim e depois eu trabalhei na venda dos Fiss. Ahh a senhora trabalhou na venda dos Fiss, 30 anos. E como que era a venda dos Fiss? Ahh ali era, tinha de tudo, da agulha até bicicleta, de tudo que existe por aí, tecido, sapato. Vendia de tudo? Tudo*”.

Sabemos que os processos de patrimonialização formais são baseados na legitimação, como sua natureza, passado, história. No entanto, embasados em Prats (2005), destacamos que o *significado* atribuído ao Bem deve ter notoriedade. Desta forma, o armazém Fiss se encontra repleto de significados, como é possível perceber

através das narrativas. Sendo que, todos os significados atribuídos a esse patrimônio afetivo é relacionado com as vivências da comunidade local. O que nos remete para o pensamento já discutido anteriormente, que o real significado dos patrimônios são as pessoas. Rosemarie relata sobre tal.

Como era o armazém Fiss? Eu vou te dizer o que eu me lembro, em 1946 eu nasci, e isso foi logo depois da guerra, então muito do que eu sei é por relatos, mas a venda bem no prédio ali no fim tinha a porta, lá era a entrada da venda aí a gente entrava e tinha uns balcões bem grande, um balcão ali na frente era da cachaça dos homens e tinha até um cantinho de cuspir, até que chegou a tuberculose e era proibido. Aí não podia ter o cantinho da cuspidinha. Mas tinha assim para o natal presentes, bonecas, tinha os neugebauer chocolates, tinha ovos para a páscoa, tinha ovos de açúcar que era só um açúcar cristal, tinha assim um buraquinho e aí a gente olhava e sempre tinha uma casa. Mas era esse canto para os homens e como que as mulheres chegavam para comprar? Eles chegavam igual, eles ficavam ali nas cachaças, mas mulheres não paravam ali, entravam e compravam. Tinha uma parte que tinha açúcar, farinha tudo a granel, e aí aqui tinha um balcão bem grande com portas de vidro e as fazendas, tinha sedas, tinha tudo. Aí, tu saía dali e tinha sapatos, aí tinha o lugar que as pessoas pagavam e tinha as balas, tinha a caixa de registro e aqui por exemplo no balcão ali dentro tinha tipo um degrau e ali eles faziam tipo uma exposição. Se fosse natal faziam coisas de natal tipo uma vitrine. E aqui tinha um negócio muito legal, que eu achava aquilo maravilhoso, eu ficava horas ali, era uma cabine também de vidro e dentro girava e aí tinha brincos, tinha perfumes e então girava e eu olhava e nunca eu comprava, mas a gente cheirava. E em outro lugar tinha remédios, tinha toalhas, tinha de tudo.



Figura 33 - Local onde funcionava o Armazém Fiss.
Fonte: Acervo Museu de Morro Redondo, década de 50.



Figura 34 - Local onde funcionava o Armazém Fiss atualmente.
Fonte: Da autora, 2018.

O clube Esportivo Índio é mais um lugar citado, no entanto, não se encontra localizado no recorte estipulado nesta pesquisa. Mas, devido à grande recorrência nas narrativas o mesmo possui um acúmulo de memória, visto isso, não poderíamos deixar de falar deste lugar de memória. Destaca-se, que as memórias são livres de amarras temporais e espaciais, elas possuem dinâmicas próprias, assim sendo, as mesmas não respeitam delimitações físicas da autora. Desta forma, se faz necessário em alguns momentos se ausentar do recorte previsto, como neste caso do clube Esportivo Índio.

Os primeiros clubes de futebol fundados em Morro Redondo, e em atividades ainda foram: Grêmio Esportivo Índio em 06/02/1944 e o Grêmio Esportivo Independente em 29/06/1949. O senhor Antônio em entrevista nos conta que o clube índio ganhou este nome, pois a primeira bola foi doada por uma empresa de café, a qual seu café se chamava “Café Índio”, portanto, como forma de agradecimento o clube foi nomeado Grêmio Esportivo Índio. Seu primeiro Estádio foi construído onde hoje localiza-se o Bairro Eurico Fiss, tendo a sua transferência de local na década de 60, onde o clube adquiriu um terreno e começou a construção de seu novo e atual “Estádio das Acácias”, localizado na Av. das Acácias. A primeira rainha deste clube foi Rosinha Reichow.



Figura 35 - Dona Verônica e senhor Antônio recordando os jogos do esportivo Índio.
Fonte: Da autora, 2017.

Ao tratarmos do clube esportivo Índio, pode-se constatar mais uma vez que os fundamentos que constroem a reminiscência individualmente e coletivamente são acontecimentos vividos tanto pelo sujeito como pelo grupo que o indivíduo faz parte (POLLAK, 1992). Neste caso o grupo ou como Halbwachs (1976) chama os quadros sociais, podem ser considerados o clube de futebol, que mobiliza uma parte da população e a família como um outro quadro, que passa a tradição de torcer por esse time de geração para geração.

Além disso, o espaço que o esportivo Índio ocupa é um lugar praticado (CERTEAU, 1994). Tuan (1983), nos explica o espaço se transforma em lugar à medida que atribuímos significados e valor. Dona Veronica atribuiu ao Índio todo o afeto que possui pelo seu pai. O senhor Evaldo transferiu suas emoções para o clube, em razão de ter ensinado aos filhos a gostar de futebol através do clube. E são esses sentimentos que dão sentido e contribuem para que esse lugar seja lembrado e transformado em uma tradição que se funde com memórias do vivido. Dona Irmgard cometa que o Índio:

era nosso divertimento (risos) e eu adorava né e ai tinha também o futebol que era o Grêmio Esportivo Índio que era mais pra lá, mas a sede no centro da cidade era no cine recreio familiar e ali a gente ia muito. A senhora ia para os jogos também? Mais fanática, fui quatro anos rainha do Índio [...] (entrevista dona Irmgard, 2018).



Figura 36 - Irmgard rainha do clube grêmio esportivo Índio.
Fonte: Acervo Museu Histórico de Morro Redondo, 2018.

Anteriormente, falamos de lugares que não existem mais materialmente, mas que se mantém vivo na ausência de referências materiais e ainda assim possuem ressonância. Já ao tratarmos do clube Esportivo Índio, estamos percorrendo sobre um lugar de memória que permanece vivo materialmente, mas que também é relatado por suas práticas do passado. Assim sendo, nos deparamos com um lugar que possui uma dualidade, material e imaterial. O Índio, como é mais conhecido pela população local, é narrado com encantamento e afeto evocando ressonância (GONÇALVES, 2005) nos indivíduos. Dona Edith diz:

Eu acho assim, há alguns anos atrás, aqui no Morro Redondo tinha uma cultura bem assim, as pessoas se dedicavam para isso, uma vez teve uma festa do colono lá nos Bachini e o time do Índio aqui, eles fizeram um desfile lá, a coisa mais linda. Até hoje eu lembro que eu era bem pequena, todas as crianças vestidas de índio, em cima de um caminhão eles fizeram uma oca, botaram umas palmeiras encima do caminhão, hoje ninguém se dá o trabalho de fazer isso. Eu acho assim, que agora com o museu, o roteiro de turismo, começou a surgir isso de novo, mas teve muito tempo muito parado, a única coisa que ainda tinha era o futebol né.

Na narrativa de dona Edith, observamos o papel fundamental do Museu Histórico de Morro Redondo, um espaço de avivamento de memórias para os

moradores locais. Um museu que prioriza a interação com a comunidade e que realiza diversas ações para o fortalecimento da identidade dos sujeitos. De Varine (2012), anteriormente, acentuou o papel primordial dos museus como instrumentos de ativação patrimonial e de desenvolvimento local. Trabalho este que, o Museu de Morro Redondo vem desenvolvendo com êxito. A respeito do roteiro turístico que a entrevistada relata, o roteiro Morro de Amores, surge como uma nova forma de progresso para o município, pois a cidade se encontra passando por dificuldades financeiras devido ao fechamento de uma indústria local.

Desta forma, o turismo surge como uma nova fonte de renda para a cidade, por meio de uma associação de empreendedores e de uma parceria com o SEBRAE, o roteiro busca o desenvolvimento local. Do qual, o mesmo ainda promove eventos a cada três meses ao ano, onde busca atrair turistas, mas também interagir com a comunidade. Sendo que, em todos os eventos há a participação do museu.



Figura 37 - Inauguração do clube esportivo Índio.
Fonte: Acervo pessoal de dona Verônica, década de 40.



Figura 38 - Sede Grêmio Esportivo Índio, atualmente.
Fonte: Da autora, 2018.

As atividades de lazer realizadas no salão dos Reichow, também obteve uma recorrência significativa, sendo assim, mesmo não estando situado na Avenida Jacarandá, houve a necessidade de descreve-lo. Localizado na avenida dos Pinhais, ainda se encontra materialmente visível, mas fechado sem exercer atividades. Além dos famosos bailes, o local possuía canchas de carreira¹⁷. Dona Teresinha relembra: “[...] ahh e tinha lá no Reichow, tinha salão de baile lá, tinha carreiras nos domingos.”. Ademais, sobre o mesmo local, Edith e Ervino ressaltam:

E que lugares vocês costumavam a frequentar antigamente? Olha, a gente ia para os bailes, logo aqui era o salão dos Reichow, aí tinha festa ali, tinha carreira, dança, era dança e carreira. Chá dançante, isso quando a gente era solteiro ainda, foi lá onde nos conhecemos. Muita festa de igreja a gente ia também, porque a gente participava dos grupos de juventude da igreja, aí tinha torneio de futebol, torneio de vôlei. Aí, a gente participava. Aí se juntava assim de uma igreja e de outra isso a gente fez muito quando era jovem

Constatamos que as memórias são construídas em grupos sociais, sendo que, os mesmos selecionam o que será rememorado, assim como também os lugares que essas memórias serão ancoradas. (HALBWACHS, 2006). Consequentemente, a partir

¹⁷ É uma modalidade de corrida de cavalos comum no Rio Grande do Sul, que existe há séculos. Onde é feito apostas para ver quem será o cavalo mais rápido.

de um lugar material como o salão Reichow, também identificar as imaterialidades, esses lugares materiais desempenham uma função de “pontes” para o imaterial. Isto é, para o simbólico e para o espírito do lugar (DECLARAÇÃO DE QUEBEC, 2008).



Figura 39 - Salão Reichow, atualmente.
Fonte: da autora, 2018.



Figura 40 - Salão Reichow, atualmente (laterais).
Fonte: Da autora, 2018.



Figura 41 - Lugar onde acontecia as carreiras, ao lado do Salão Reichow.
Fonte: da autora, 2018.

A cachoeira mais conhecida como pousada da cachoeira, também não se encontra na avenida Jacarandá, mas foi descrita em entrevista como um local de boas lembranças. A cidade de Morro Redondo não possui ligação com mar ou lagoa, o que impossibilitava os moradores da região de frequentar praias. E a distância até a praia mais próxima era inviável devido não o transporte ser realizado apenas por carroças. Desta maneira, a cachoeira era o mais próximo que os moradores tinham de uma praia, se tornando um local de encontro e lazer para os jovens, como percebemos na fala de dona Edith:

No meu tempo a gente não ia na praia né, a gente ia na cachoeira, muito no arroio, às vezes, a gente ia todo domingo! Qual cachoeira? Aqui na pousada da cachoeira, só que aquilo ali era antes uma hidroelétrica. E vocês sentem falta? Ahhh eu sinto, é verdade.... porque sabe, eu fui conhecer a praia depois quando nossos filhos já eram grandes. Mas antes a gente nem conhecia, a gente ia na cachoeira. A situação financeira era difícil também, então não tinha como ir muito longe.



Figura 42 - Inauguração da usina hidrelétrica.
Fonte: Arquivo pessoal dona Veronica.



Figura 43 - Cachoeira (Pousada da Cachoeira).
Fonte: Google, 2018.



Figura 44 - Senhor Ervino e dona Edith.
Fonte: Da autora, 2018.

Em meio a todas entrevistas realizadas, uma delas em particular nos chama a atenção que os afetos são nítidos e marcantes. Após um tempo de conversa com a entrevistada, Dona Ilda se levanta, sem mencionar nenhuma palavra, e volta à sala trazendo consigo uma foto. Logo salienta: “Essa foi a casa que eu vivi minha infância e juventude”. Então, questionamos onde fica localizada e foi neste momento que percebemos o quanto aquele lugar é significativo para dona Ilda, “Ela não fica mais. Acontece que destruíram, era uma casa que deveria ser tombada, né, mas naquela época, já faz muitos anos, meu pai vendeu para ficar com uma casa que era do meu avô”.

Neste instante, o silêncio tomou conta do local onde era realizada a entrevista e os olhos de Dona Elda ficavam marejados de lágrimas, percebeu-se que o afeto para com esse lugar é imensurável. Porém, não é a materialidade desse sobrado que a emociona, mas os significados atribuídos a ele. Um lugar de memória, único, marco de vários acontecimentos, visto que, o local não era apenas a moradia da família, mas uma referência para os moradores da cidade. Já que esse mesmo local servia de hospedaria para sujeitos que não residiam no centro da cidade, pois demorariam dias para voltar para suas casas. E desse mesmo sobrado, partia o primeiro ônibus da

cidade, que realizava o transporte dos passageiros de Morro Redondo até a cidade de Pelotas.



Figura 45 - Restaurante e sobrado dos Muller.
Fonte: Acervo particular de dona Ilda.



Figura 46 - Local onde existia o Restaurante e sobrado dos Muller.
Fonte: da autora, 2018.

O sobrado da foto acima estava localizado no final da Avenida Jacarandá, no Morro Redondo de cima, como os moradores locais referenciam. O local serviu de

restaurante, hospedaria, armazém, padaria. Nos dias atuais, ele não existe mais materialmente no local, pois foi destruído pelo antigo proprietário.



Figura 47 - Primeiro ônibus da cidade relatado por dona Ilda.
Fonte: Arquivo pessoal de Dona Verônica, década de 40-50.

Perguntamos, então, para dona Ilda, o que lhe vinha à mente quando olhava para a foto trazida:

Uma saudade muito grande. Era bom aqueles coqueiros na frente, assim, quando a gente era criança, quando a gente foi para lá tinha 6 anos, ali a gente se pendurava naquelas coisas do coqueiro e ia de um lado para o outro. A gente se criou ali, casei ali, nos fundos onde tinha um galpão grande, tipo um armazém. Botaram lona e o casamento foi ali. Foi uma tarde e entrou noite a dentro. Foi no dia 15 de dezembro, 61 anos de casados, não sei como eu aguento (risadas), mas lá que aconteceu.

Verificamos nesta narrativa que as memórias formam grandes redes, onde há pontos de conectividade. Essas conexões podem ser pessoas, objetos, lugares, no caso de dona Ilda esse lugar de memória se conecta à paisagem do local, à festividade que a mesma vivenciou e aos indivíduos presentes. Trata-se de um conjunto de coisas relacionadas ao simbólico, ou como Chauí (2003) chama de semióforo.

Pessoas, lugares, objetos, animais, meteoros, constelações, acontecimentos, instituições, estandartes, pinturas em navios e em escudos, relíquias podem ser semióforos, pois um semióforo é alguma coisa ou algum acontecimento cujo valor não é medido por sua materialidade e sim por sua força simbólica, por seu poder para estabelecer uma mediação entre o visível e o invisível, o sagrado e o profano, o presente e o passado, os vivos e os mortos [...] (CHAUÍ, 2003, p. 53).

Portanto, após esse depoimento nos questionamos, seria este lugar de memória também um patrimônio afetivo? Pois, o lugar despertou na entrevistada uma potência de agir, sendo assim percebemos um afeto positivo pelo local. Entretanto, esse lugar não foi sinalizado por nenhum outro entrevistado. O que nos leva ao entendimento que, o sobrado age sobre dona Ilda, havendo afeto, mas o mesmo não acontece com outros indivíduos. Então, estaria mais próximo de uma memória afetiva, por ser rememorada individualmente.

Outro local citado nas entrevistas foi o cemitério da igreja comunidade Advento, situado na Avenida Jacarandá, é citado nas entrevistas como parte da paisagem local que não se modificou com o tempo. Não foi possível obter fotos antigas do local, pois, no passado poucos indivíduos possuíam acesso a fotografia. Por meio de relatos de um dos entrevistados sabemos que, a primeira pessoa a ser enterrada no local foi Guilherme Reinhardt, que faleceu aos seus 33 anos, vítima de uma pontada pulmonar, doença está que era comum na época. Neste tempo, o cemitério se chamava comunidade São Domingos, assim como a Igreja, que hoje é nomeada Comunidade Advento. É possível ainda encontrar no cemitério lápides de 1906 escritas em alemão, são vestígios que servem de documentos para contar a história dos imigrantes que colonizaram o município.



Figura 48 - Cemitério IECLB.
Fonte: Da autora, 2018.

Além dos lugares relatados, obtivemos outros como o antigo campo do clube de futebol São José, o antigo salão de baile dos Lüper, a sociedade do bolão. Que não se encontram localizados na Avenida Jacarandá, no entanto, como o acúmulo de memórias nesses lugares não foi recorrente, como foi o caso do clube Esportivo Índio e do salão dos Reichow, não iremos descrevê-los apenas citá-los. Visto que, ressaltamos anteriormente que não iríamos nos aprofundar nos locais fora da avenida Jacarandá, pois seria inviável metodologicamente.

Finalizando as análises deste estudo, cabe nos questionarmos os ganhos conceituais que o mesmo se dispôs a desenvolver. Por fim, o que é um patrimônio afetivo? Em quais parâmetros e delimitações ele se baseia? Ao longo dessa dissertação reflexionamos e esboçamos em vários momentos esse conceito. No entanto, podemos ainda não ter todos os indícios para definir nitidamente o que é um patrimônio afetivo, mas este estudo concluiu alguns parâmetros.

Percebemos que os patrimônios afetivos partem, primeiramente, de um lugar, mas nem sempre esse lugar é físico, no entanto, sobretudo simbólico. É esse que tem um papel determinante, já que esse lugar é suporte das relações sociais e é nele que as memórias circulam, mas também encontram ancoragem. Desta forma, há um acúmulo de memórias nesses lugares de memória, porque vários indivíduos usam esses lugares como ponto de referência para rememorar. O que acarreta em uma rede de memórias, está que possui pontos de intercruzamentos e também pontos que são tecidos em conjunto por vários sujeitos, sendo assim concebidas socialmente.

Desta maneira, essas redes, tal como as redes neurais, funcionam como sociotransmissores, criando uma sensação de memória comum a todos (CANDAU, 2005). Todavia, quando falamos dessas memórias, precisamos considerar que elas são relacionadas as vivências e práticas sociais do cotidiano. Esses lugares de memória não possuem valor histórico, monumental ou de belas artes. Os valores são associados a vida, ao lado humano de cada sujeito. São memórias de fatos que colaboraram para a concepção da história de vida de cada indivíduo, fatos ligados a quadros sociais (HALBWACHS, 1990) como família, igreja, lazer, trabalho.

Consequentemente, constatamos que os sujeitos dispõem de afeto por esses lugares de memória. Esses afetos agem de forma positiva ou negativa nos indivíduos e são despertados no momento que há uma relação entre os mesmos e os lugares. Portanto, ao refletirmos sobre essas circunstâncias, percebemos que quando

tratamos de lugares de memória (NORA,1993), com recorrências e convergências, estamos lidando com Patrimônios Afetivos, visto que além de toda carga emocional e afetiva os lugares possuem ressonância, (GONÇALVES, 2005). E mesmo que os lugares não sejam recordados sempre da mesma maneira, não há interferência no acúmulo das memórias.

Em outros termos, os locais que os sujeitos narraram com maior frequência, demonstram um acúmulo de memórias no mesmo lugar e, assim, os indivíduos se conectam e compartilham de um afeto pelo lugar. Sendo que, esse lugar pode ser lembrado pelos indivíduos de várias maneiras ou por diferentes acontecimentos, mas todos eles se conectam e se fundem para rememorar o mesmo lugar. Já os lugares de memória, que forem citados de forma isolada, individual e sem uma recorrência de memórias será visto como uma memória afetiva. Posto que, o local foi lembrado, age afetivamente sobre o sujeito, mas não representa uma coletividade.

3.4 IDENTIFICAÇÃO DOS PATRIMÔNIOS AFETIVOS: MAPEANDO MEMÓRIAS

De acordo com nossos fundamentos teóricos e após as análises das entrevistas, foi possível identificar vários lugares de memória (NORA, 1993), sendo alguns deles considerados patrimônios afetivos e outros como memórias afetivas baseado nos critérios já mencionados anteriormente. A seguir no mapa abaixo podemos visualizar os pontos identificados e a recorrência de memórias.

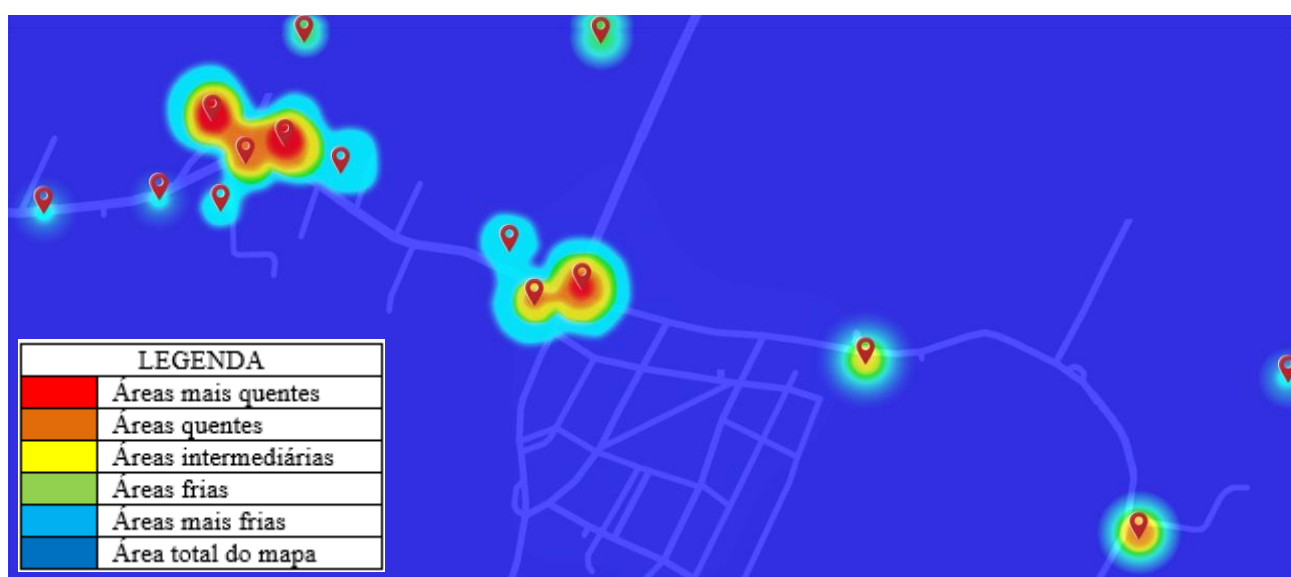


Figura 49 - Mapa de calor referente aos lugares de memória identificados.
Fonte: Da autora, 2018.

Desta forma, por meio deste mapa de calor é possível observamos que as áreas mais quentes, que são vistas nas cores vermelha e laranja fazem referência aos lugares de memória que foram considerados patrimônios afetivos nesta pesquisa. Já a cor amarela, representa um intermediário, ou seja, um lugar de memória com um potencial para se transformar em um patrimônio afetivo. No entanto, as áreas mais frias representadas pelas cores verde e azul, fazem alusão aos lugares de memória que foram apontados como memórias afetivas.

Dessa maneira, verifica-se que há vários pontos que não estão localizados na Avenida Jacarandá, contudo, também visualizamos um grande aglomerado de pontos quentes a esquerda do mapa. Que representam a Igreja comunidade Advento, a sociedade Lírica Orfeônica e a sociedade Tiro ao Alvo. Logo, vemos mais dois pontos quentes ao meio do mapa, esses que correspondem a o Armazém Fiss e ao Cine Recreio Familiar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo partiu da premissa que a maioria dos patrimônios afetivos não existe mais materialmente, porém ainda vivem no espírito dos lugares. No entanto, após as investigações chegamos à conclusão que a hipótese é parcialmente válida. Porque a maioria dos lugares identificados ainda existem materialmente, comprovando que diferente do que pressupomos anteriormente, os referenciais materiais dos lugares são importantes para as ancoragens de memórias. Além disso, detectamos que todos os lugares identificados partiram de um referencial físico na paisagem, entretanto, todos os lugares apresentados anteriormente não possuem mais o mesmo uso de antigamente.

Desta maneira, dizemos que a hipótese é parcialmente válida, uma vez que, de alguma forma, os lugares não cumprem mais com o papel que desempenhavam no passado. Ademais, são as atividades que eram praticadas que possuem destaque nas narrativas, os lugares são lembrados por suas formas anteriores e não as do presente. Por conseguinte, os lugares do ponto de vista simbólico possuem mudanças, mas estão fixadas em referenciais na paisagem. Ou seja, os patrimônios afetivos ainda se encontram como referenciais materiais, mas é ausente na medida que o fenômeno que existia nesses lugares ficou no passado. Sendo assim, do ponto de vista físico refutamos nossa hipótese, mas do ponto de vista simbólico ela é válida.

Já a respeito do nosso objetivo principal, a identificação dos patrimônios afetivos da cidade de Morro Redondo-RS, na visão dos idosos da mesma, inferimos que cumprimos o que propomos. Vários lugares de memórias foram identificados, sendo que, alguns deles não se encontravam dentro do nosso recorte que foi a Avenida Jacarandá, mas a maioria dos patrimônios afetivos descobertos se encontram dentro da delimitação prevista. Em relação aos objetivos específicos, que foram avivar as histórias dos antepassados, despertar as camadas de memórias, preservar a cultura da cidade, transmiti-las para as próximas gerações e criação de um mapa de calor. Concluímos, que eles foram atendidos, visto que, durante o desenvolvimento do estudo em parceria com o Museu Municipal de Morro Redondo foram realizadas diversas atividades que contribuem para a consolidação dos objetivos específicos.

Dentre essas atividades, destaca-se a Caminhada da Percepção que foi realizada novamente em um evento que ocorreu na cidade, visitas as escolas do município com a intenção de preservar a cultura da cidade através de ações de educação patrimonial, entre outras ações.

Foi possível por meio desta pesquisa reforçar o pensamento da autora Ecleia Bosi (1994), que destaca o valioso papel do idoso em nossa sociedade. A memória dos velhos nos ajudam a compreender quem somos, eles são importantes atores sociais que presenciaram e vivenciam ainda as transformações que ocorrem nas cidades, nos bairros, nos lugares. Em vista disso, cremos que um dos ganhos deste estudo é a inserção dos idosos nas atividades que foram desenvolvidas e as atividades que daremos continuidade por meio do Museu Histórico de Morro Redondo.

A respeito dos patrimônios afetivos, consideramos que todos os parâmetros de partida destacados no trabalho formam uma base sólida para que futuramente possamos dar continuidade a esse novo pensamento. Tendo em vista que não temos pretensão de criar uma nova forma de patrimonialização, mas buscar novas rotas que se distanciam das questões burocráticas-legais, para um novo pensar sobre patrimônio. Um patrimônio humanizado, ligado às afetividades para que, assim, possua apropriação. Visto que, este trabalho foi desenvolvido e pensado partindo do princípio de um patrimônio local (PRATS, 2005).

Inferimos, ainda, a elementar função dos lugares de memória (Nora, 1993) nos processos de rememoração, lugares que possibilitam a ancoragem de memórias, que ajudam os sujeitos e seus grupos sociais a preservar suas tradições, identidade e seus afetos. Além disso, esse trabalho nos demonstra a relevância dos significados e simbolismos para a apropriação dos lugares de memória da cidade de Morro Redondo.

Também podemos descrever como ganhos deste estudo, o fortalecimento do conceito de ressonância (GONÇALVES, 2005), uma vez que foi possível observar o poder dos objetos e dos lugares para evocar memórias e a cultura representada por meio do patrimônio. Assim, tanto os objetos do Museu de Morro Redondo, quando os patrimônios afetivos do município desempenham seu papel de sociotransmissor (CANDAU, 2005).

No entanto, devemos dar destaque para as narrativas, em razão de ser por meio delas que os idosos se expressaram nessa pesquisa. O que propiciou a

identificação dos patrimônios afetivos e toda a evolução das análises e debates conceituais. Sendo um dos conceitos eminentes os quadros sociais (HALBWACHS, 1990). As memórias narradas pelos idosos foram tecidas dentro de quadros sociais do município de Morro Redondo, quadros esses como a religião e lazer.

Durante o processo de desenvolvimento deste estudo tivemos algumas dificuldades, como a falta de referências a respeito de um patrimônio afetivo, pois, por este tema ser novo ainda, possuímos poucos estudos. Sendo assim, houve a necessidade de buscar em outras áreas do conhecimento estudos referentes aos afetos. Já obtemos vários estudos ligados às emoções patrimoniais, no entanto especificamente ligada aos potenciais afetivos nos patrimônios, não encontramos!

Ademais, citamos como dificuldade encontrada, questões ligadas à velhice, durante a pesquisa vários integrantes do Café com Memórias estiveram com problemas de saúde. Desta forma, os mesmos não poderiam participar de algumas atividades ou até mesmo de entrevistas. No entanto, podemos salientar que mesmo com dificuldades encontradas é extremamente gratificante trabalhar com idosos, visto que, a alegria e os afetos que recebemos supera qualquer dificuldade encontrada.

Assim sendo, concluímos com essa pesquisa o valor desses lugares identificados como patrimônios afetivos, eles ajudam os sujeitos a se encontrarem e se reconhecerem como parte daquele local, atores sociais da cidade de Morro Redondo, mantendo vida a identidade cultural do município. Um patrimônio bom para agir, que desempenhe um papel ativo na comunidade e que sirva primeiramente a comunidade a qual o detém.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. **Ouvir e contar: textos em história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, 196 p.

AMARAL, Vera Lúcia do. **Psicologia da educação**. Natal, RN: EDUFRN, 2007.

ARANTES, Valéria Amorim. **Afetividade e Cognição: Rompendo a Dicotomia na Educação**. IN: Psicologia, Educação e as temáticas da vida cotidiana. São Paulo: Editora Moderna, 2002. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/videtur23/valeria.htm>>. Acesso em: 12/01/2019.

BENJAMIN, Walter. **O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov**. IN: Magia, Técnica, Arte e Política: ensaio sobre literatura e história da cultura. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p.197-221. p. 105.

BORGES. Daniela. B. **Patrimônio afetivo e fotografia: relicários da memória de idosos no asylo de mendigos de Pelotas**. 2013. Dissertação (Mestrado em Memória e Patrimônio) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembrança de velhos**. 3ª ed. São Paulo. Companhia das Letras, p. 483, 1994.

BOSI, Ecléa. **Memória da cidade: Lembranças Paulistanas**. Estudos avançados 17 (47), p.198-211, 2003.

BRASIL. **Lei nº 10.741**, de 1 de outubro de 2003. Dispoe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. 2003.

BRASIL. **Lei nº 8.842**, de 4 de janeiro de 1994. Dispõe sobre a política nacional do idoso. 1994.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**; tradução Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. ISBN 85-7164-149-8. 150 p.

CAMPOS, Yussef Daibert Salomão de. **O inventario como instrumento de preservação do patrimônio cultural: adequações e usos (des)caracterizadores de seu fim**. Revista CPC, São Paulo, n.16, p. 001-208, maio/out. 2013.

CANDAU, J. Bases antropológicas e expressões mundanas da busca patrimonial: memória, tradição e identidade. **Revista Memória em Rede**, Pelotas, v.1, n.1, dez 2009/mar. 2010.

CANDAU, Joel. **Antropologia da memória**. Lisboa, Portugal: Instituto Piaget, 2005.

CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

CARLOS. Ana Fani. A. **O Turismo e a Produção do Não-Lugar**. IN: YÁZIGI, Eduardo (org.). **Turismo: Espaço, Paisagem e Cultura**. 3 ed. São Paulo: Hucitec, 2002. p. 26-34.

CARTA de Veneza, 1964. IN: CURY, Isabelle (Org.). **Cartas patrimoniais**. 3. ed. Rio de Janeiro:IPHAN, 2004.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CERTEAU, Michel de. Andando na cidade. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Rio de Janeiro, n. 23, p. 21-31, 1994.

CHARTIER, Roger. **O mundo como representação**. **Estudos Avançados**. São Paulo, n. 11(5), p. 173-191, 1991.

CHAUI, Marilena. **Natureza, cultural, patrimônio ambiental**. IN: LANNA, Ana Lúcia Duarte (coord.). **Meio Ambiente: patrimônio cultural da USP**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo imprensa oficial do Estado de São Paulo/Comissão de Patrimônio Cultural, 2003. p. 53.

CHUVA, Márcia Regina Romeiro. **Os arquitetos da memória: sociogênese das práticas de preservação do patrimônio cultural no Brasil (anos 1930-1940)**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

CODO, W. & GAZZOTTI, A.A. **Trabalho e Afetividade**. IN: CODO, W. (coord.) **Educação, Carinho e Trabalho**. Petrópolis-RJ:Vozes, 1999.

CONNERTON, Paul. **Como as Sociedades Recordam**. 2º Ed. abril de 1993. Editora Ltda Celta.

DAMÁSIO, António. **O sentimento de si: O corpo, a emoção e a neurobiologia da consciência**. Mem Martins: Publicações Europa-América, 2001.

DANTAS, Heloysa. **Afetividade e a Construção do Sujeito na Psicogenética de Wallon**. IN: LA TAILLE, Yves de; DANTAS, Heloysa; OLIVEIRA, Marta Kohl. Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, p. 85, 1992.

DAVALLON, Jean. **Comment se fabrique le patrimoine:deux régimes de patrimonialisation** IN: KHAZNADAR, Chérif (Coord.). **Le patrimoine, oui, mais quel patrimoine?** Paris: Maison des cultures du monde, 2012. p.41-58.

DE VARINE, Hugues. **As raízes do futuro: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local**. Trad. de Maria de Lourdes Parreiras Horta. Porto Alegre: Medianiz, 2012. 256p.

DECLARAÇÃO DE QUÉBEC: **Sobre a preservação do "*Spiritu loci*".** Assumido em Québec, Canadá, em 4 de outubro de 2008. Disponível em: <http://www.icomos.org/quebec2008/quebec_declaration/pdf/GA16_Quebec_Declaration_Final_PT.pdf>.

DELEUZE, G. (1978). **Aula sobre Espinosa.** Recuperado em 22 mar. 2017: Disponível em: <<http://www.webdeleuze.com>>.

Dicionário Aurélio de Português Online. Definição de afeto. Disponível em: <https://dicionariodoaurelio.com/afeto>. Acesso em 11 sep. 2017.

Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa Online. Definição de patrimônio. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/patrimonio/>. Acesso em 13 de dez.2018.

DOHMANN, Marcus. **A experiência material:** a cultura do objeto. Rio de Janeiro: Rio Books, 2013.

DOHMANN, Marcus. **O objeto e a experiência material.** Arte & ensaios- n. 20. Julho, 2010. p. 71-77.

DUARTE, R. H. **“Com açúcar, com afeto”: impressões do Brasil em Nordeste de Gilberto Freyre.** Tempo, Rio de Janeiro, nº 19, p.125-147, 2004.

ENTRIKIN, J. Nicholas. Place and region 3. Progress in Human Geography 21, 2, p. 263-268, 1997.

FENELON, Déa R. São Paulo: **Patrimônio histórico-cultural e referências culturais.** Revista Projeto História: Espaço e Cultura, São Paulo: EUC, n. 18, 1999.

FERREIRA, Luis Felipe. **Acepções recentes do conceito de lugar e sua importância para o mundo contemporâneo.** Revista Território, Rio de Janeiro, v 11 p. 65-83, jul/dez, 2000.

FERREIRA, Maria Leticia Mazzucchi. **Memória e velhice: do lugar da lembrança.** IN: BARROS, Myriam Moraes Lins de (Org.). Velhice ou terceira idade?: Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. 4. ed. 3. reimpressão. Rio de Janeiro: FGV, p. 207-222, 2013.

FERREIRA, Maria Letícia. M. **Objetos, lugares de memória.** IN: MICHELON, F. F., et.al. **Fotografia e memória: ensaios.** Pelotas: Ed. da UFPel, 2008.

FONSECA, Maria Cecília Londres. A noção de referência cultural nos trabalhos de inventário. IN: MOTA, L.; SIVA, M. B. R. (Org.). **Inventários de identificação: um panorama da experiência brasileira.** Rio de Janeiro: IPHAN/COPEDOC, 2008.

FONSECA, Maria Cecília Londres. **Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural.** IN. ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (orgs.). Memória e Patrimônio. Ensaios Contemporâneos. 2. Ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009. pp. 59-79.

FONSECA, Maria Cecília Londres. **O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil**. Rio de Janeiro: UFRJ/IPHAN, 1997, p. 37.

FREIRE, C. **Além dos mapas: os monumentos no imaginário urbano contemporâneo**. São Paulo: Annablume, 1978.

GALVÃO, I. Henri Wallon: **Uma concepção Dialética do desenvolvimento infantil**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1999.

GASTAL, S. "Lugar de memória: por uma nova aproximação teórica ao patrimônio local". IN: Gastal, S. (org.). **Turismo investigação e crítica**. São Paulo: Contexto, 2002, p. 69-81.

GLEIZER, Marcos A. **Espinosa e a afetividade humana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2005.

GOMES, C. A. V. **O afetivo para a psicologia Histórico-Cultural: considerações sobre o papel da educação escolar**. Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2008.

GOMES, C. A. V. & Mello, S. A. Educação escolar e constituição do afetivo: algumas considerações a partir da Psicologia Histórico Cultural. **Perspectiva**, 28(2), 677-694, 2010.

GONÇALVES, José Reginaldo. Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônios. **Horizontes antropológicos**. Porto Alegre, ano 11, n. 23, p. 15-36, jan/jun 2005.

GONZÁLEZ Rey, F. L. **Sujeito e subjetividade**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

GREENBLATT, Stephen. O novo historicismo: ressonância e encantamento. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 4, n. 8, 1991, p. 244-261.

GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. Historiografia e Narrativa: do arquivo ao texto. **Revista Clio**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco-UFPE, n.28, 2010.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

_____. **Los Marcos Sociales de la Memoria**. Caracas, Anthropos Editorial, 1976.

_____. Maurice. **A memória coletiva**. Traduzido por: Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

_____. **Los Marcos Sociales de la Memória.** Traduzido por: Manuel A. Baeza y Michel Mujica. Barcelona: Anthropos editorial, 2004.

IBGE. **Censo Demográfico, 2018.** Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/morro-redondo/panorama>>. Acesso em: 25 de julho de 2018.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Caderno de Documentos nº 3**, Cartas Patrimoniais, Brasília, 1995.

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Educação Patrimonial: Manual de aplicação: Programa Mais Educação / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. – Brasília, DF : Iphan/DAF/Cogedip/Ceduc, 2013. 85 p.

IZQUIERDO, Iván. **Memória.** Porto Alegre: Artmed, 2002.

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. **A oralidade dos velhos na polifonia urbana.** Fortaleza: Imprensa Universitária, 2003.

KNOPLICH, José. **Osteoporose, o que você precisa saber.** 3.ed. São Paulo: Robe Editorial, 2001. 79 p.

KRAISCH, Adriana. A. M. P. O. **O Patrimônio arqueológico como elemento do Patrimônio Cultural.** IN: ANPUH, 2007.

Lane, S. T. M. (1995). A mediação emocional na constituição do psiquismo humano. Em S. T. M. Lane & B. B. Sawaia (Orgs.), **Novas veredas da psicologia social** (pp. 55-63). São Paulo: Educ/Brasiliense.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Campinas: Unicamp, 1990.

LE GOFF, Jacques. Patrimônio histórico, cidadania e identidade cultural: o direito à memória. IN: BITTENCOURT, Circe (org.) **O saber histórico na sala de aula.** São Paulo: Contexto, 1997.

MAIRESSE, D.; FONSECA, T.M.G. Dizer, escutar, escrever: redes de tradução impressas na arte de cartografar. **Revista Psicologia em Estudo**, dez 2002, vol 7, nº2, p. 111-116.

MARINS, P. Preservação do patrimônio rural no Estado de São Paulo: entre ação governamental e práticas sociais. IN: CORREIA, T; BORTOLUCCI, M A. (org.). **Lugares de produção: arquitetura, paisagens e patrimônio**. São Paulo: Annablume, 2013.

MARQUES, D. T. e PACHANE, G. G. Formação de educadores: uma perspectiva de educação de idosos em programas de EJA. **Educação e Pesquisa**. São Paulo: USP, vol. 36, núm. 2, maio-agosto, p. 475-490. 2010.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra. O museu na cidade X a cidade no museu: para uma abordagem histórica dos museus de cidade. **Revista Brasileira de História: Cultura & Cidades**, São Paulo: ANPUH, n. 8/9, 1985.

MÉO, Guy Di (1999). Géographies tranquilles du quotidien: Une analyse de la contribution des sciences sociales et de la géographie à l'étude des pratiques spatiales. Cahiers de Géographie du Québec, Volume 43, n° 118, avril, p. 75-93.

MINAYO, M.C. S. (org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. Ed 18.2009.

MORAN, José Manuel. **Influência dos Meios de Comunicação no Conhecimento**. Ciência da Informação, Brasília, DF, v. 23, n.2, p. 233-238, maio/ago, 1994.

NAZARETH, Karla Tissot. A cidade da infância (re)visitada : a relação entre presente e passado sobre o futuro da nostalgia em Pelotas (RS). Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2017.

NOBRE DE MELO, A. L. **Psiquiatria**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. v. 1.

NOGUEIRA, Antônio Gilberto R. Inventário e patrimônio cultural no Brasil. **História**, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 257-268, 2007.

NOGUEIRA, Antonio Gilberto R. O campo do patrimônio cultural e a história: itinerários conceituais e práticas de preservação. **Revista Antíteses: História e antropologias do patrimônio**, Londrina: UEL, v. 7, n. 14, 2014.

NORA. Pierre. **Entre a Memória e História: A problemática dos lugares**. Trad: Yara Aun Khoury. IN: Projeto História, São Paulo: dez 1993.

PAULA, R. da S. O não-lugar da pessoa idosa na educação. **Práxis Educacional. Vitória da Conquista**, v. 5, n. 7, p. 29-43, jul./dez. 2009.

PELEGRINI, Sandra C. A. Cultura e natureza: os desafios das práticas preservacionistas na esfera do patrimônio cultural e ambiental. IN: **Revista Brasileira de História**. São Paulo 2006, v. 26, nº 51, p. 115-140.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 2º ed. – Belo Horizonte: autêntica, 2008.

_____. Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades. IN: Nuevo Mundo Mundos Nuevos [en ligne], Colloques, mis en ligne le 04 février 2005.

_____. Escrita, linguagem, objetos: leituras de história cultural. Bauru: Edusc, 2004. 282p.

PIAGET, J & INHELDER, B. **A equilibração das estruturas cognitivas**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1983.

JEUDY, Henri- Pierre. **Espelho das cidades**; tradução Rejante Janowitz. Rio de Janeiro: casa da palavra, 2005.

PESSOA, Fernando. Alberto Caeiro, IN: "O Guardador de Rebanhos - Poema XXIV". 1914. p. 44-45. Disponível em: <Disponível em: <http://cdn.luso-livros.net/wp-content/uploads/2013/06/Poemas-de-Alberto-Caeiro.pdf> >. Acesso em: 27 nov. 2017.

PIAI, A.; PACCINI, M. J.; **Viajando pelo Folclore de norte a sul**. Cortez, 2004.

PINTO, F.E.M. Os (des) afetos da inteligência. O possível diálogo entre cognição e afetividade. **Publicação UEPG Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas, Linguagem, Letras e Artes**, Ponta Grossa, 13 (1) 7-12, jun. 2005.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade social. IN: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

POMIAN, K. Coleção. IN: GIL, Fernando (org.). **Memória-História**. Porto: Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 1984. p. 51- 86.

PONT GEIS, Pilar. **Atividade Física e Saúde na Terceira Idade**: Teoria e Prática. 5 ed. Porto Alegre: Artmed, 2003.

POULOT, Dominique. Uma nova autenticidade. IN: Uma história do patrimônio n Ocidente, século VIII-XIX: do monumento aos valores. **Estação da Liberdade**, 2009. p. 85-122, São Paulo.

PRATS, Llorenç. Concepto y gestión del patrimonio local. **Cuadernos de Antropología Social** No 21, pp. 17-35, 2005.

RICOEUR, Paul. **Memória, História e Esquecimento**, Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

ROCHA, Samir Alexandre. **Geografia Humanista: história, conceitos e o uso da paisagem percebida como perspectiva de estudo**. IN: RA 'E GA, Curitiba, Editora UFPR, n13, p.19-27, 2007.

SANTOS, Paulo. **Formação de cidades no Brasil colonial**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2001.

SPINOZA, Benedictus de 1632-1677. *Ética/ Spinoza*; [tradução e notas de Tomaz Tadeu] 3.ed. –Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA. **Plano Municipal de Educação**. Morro Redondo, 2005.

TEDESCO, J. C. **Nas cercanias da memória: temporalidade, experiência, narração**.

Passo Fundo: UPF Editora, 2004.

THOMPSON. Paul. **A voz do passado: história oral**. Trad: de Lólio Lourenço de Oliveira. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1998.

THOMSON, Alistair. Recompondo a memória: questões sobre a relação entre história oral e as memórias. **Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História e do Departamento de História**, v. 15, 1997. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/11216/8224>>. Acesso em: 27 fev. 2018.

TOGNON, M. **Patrimônio Cultural Rural Paulista: espaço para pesquisa, educação e turismo** (oitava chamada para o Programa de Pesquisas em Políticas Públicas da FAPESP – PPPP/2007). Cidade Universitária Zeferino Vaz, Campinas, SP: Centro de Memória – UNICAMP; Relatório Final FAPESP, 2007.

TORELLY, L. P. P. Notas sobre a evolução do conceito de patrimônio cultural. Fórum Patrimônio, Belo Horizonte, v 5. n. 2, jul/dez 2012.

TORNATORE, Jean-Louis. Les formes d'engagement dans l'activité patrimoniale : De quelques manières de s'accommoder au passé. 2007. Disponível em: <<https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-00122998/document>>. Acesso em: Janeiro de 2018.

_____. Patrimônio, memória, tradição, etc: discussão de algumas situações francesas da relação com o passado. **Revista Memoria em rede**, Pelotas, v 1, p. 7-21, dez. 2009/mar. 2010.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: A Perspectiva da Experiência**. São Paulo: Difel. 1983.

ULLER, Waldir. **Experiências escolares dos jovens e seus projetos vitais: um olhar a partir dos Modelos Organizadores do Pensamento/** Waldir Uller; orientação Valéria Amorim Arantes. São Paulo: s.n, 2012. 203 p.

VAN MAANEN, John. Reclaiming qualitative methods for organizational research: a preface. **Administrative Science Quarterly**, v.24, n.4, p.520-526, 1979.

WALLON, H. As origens do pensamento na criança. São Paulo: Manole, 1986.

_____. As origens do caráter na criança. São Paulo: Difel, 1972.

_____. **L'Evolution Psychologique de L' Enfant** – Paris: Collin, 1986. (ed. Orig. 1941).

_____. **Psicologia e educação**. 6º ed. São Paulo, março de 2006.

ENTREVISTAS

BÜTTOW, Edith. Depoimento: [jun. 2018]: Milena Behling Oliveira. Morro Redondo, 2018. **Entrevista concedida para elaboração de dissertação de mestrado da entrevistadora.**

BÜTTOW, Ervino. Depoimento: [jun. 2018]: Milena Behling Oliveira. Morro Redondo, 2018. **Entrevista concedida para elaboração de dissertação de mestrado da entrevistadora.**

CORRÊA, Carlos. Depoimento: [agos. 2018]: Milena Behling Oliveira. Morro Redondo, 2018. **Entrevista concedida para elaboração de dissertação de mestrado da entrevistadora.**

CORRÊA, Terezinha. Depoimento: [agos. 2018]: Milena Behling Oliveira. Morro Redondo, 2018. **Entrevista concedida para elaboração de dissertação de mestrado da entrevistadora.**

FISS, Rosemarie. Depoimento: [dez. 2017]: Milena Behling Oliveira. Morro Redondo, 2017. **Entrevista concedida para elaboração de dissertação de mestrado da entrevistadora.**

KRÜGER, Lili. Depoimento: [agos. 2018]: Milena Behling Oliveira. Morro Redondo, 2018. **Entrevista concedida para elaboração de dissertação de mestrado da entrevistadora.**

NÖRENBERG, Irmgard. Depoimento: [agos. 2018]: Milena Behling Oliveira. Morro Redondo, 2018. **Entrevista concedida para elaboração de dissertação de mestrado da entrevistadora.**

REICHERT, Antônio. Depoimento: [dez. 2017]. Entrevistadora: Milena Behling Oliveira. Morro Redondo, 2017. **Entrevista concedida para elaboração de dissertação de mestrado da entrevistadora.**

RICKES, Erika. Depoimento: [agos. 2018]: Milena Behling Oliveira. Morro Redondo, 2018. **Entrevista concedida para elaboração de dissertação de mestrado da entrevistadora.**

ROSLER, Veronica. Depoimento: [dez. 2017]. Milena Behling Oliveira. Morro Redondo, 2017. **Entrevista concedida para elaboração de dissertação de mestrado da entrevistadora.**

THIEL, Evaldo. Depoimento: [dez. 2017]. Entrevistadora: Milena Behling Oliveira. Morro Redondo, 2017. **Entrevista concedida para elaboração de dissertação de mestrado da entrevistadora.**

THIEL, Ilda. Depoimento: [dez. 2017]: Milena Behling Oliveira. Morro Redondo, 2017. **Entrevista concedida para elaboração de dissertação de mestrado da entrevistadora.**

STEFFEMMBERG, Nelma. Depoimento: [jul. 2018]: Milena Behling Oliveira. Morro Redondo, 2018. **Entrevista concedida para elaboração de dissertação de mestrado da entrevistadora.**

STEFFEMMBERG, Valter. Depoimento: [jul. 2018]: Milena Behling Oliveira. Morro Redondo, 2018. **Entrevista concedida para elaboração de dissertação de mestrado da entrevistadora.**

EBELING, Lorena. Depoimento: [jul. 2018]: Milena Behling Oliveira. Morro Redondo, 2018. **Entrevista concedida para elaboração de dissertação de mestrado da entrevistadora.**

FRANCHINI, Osmar. Depoimento: [jul. 2018]: Milena Behling Oliveira. Morro Redondo, 2018. **Entrevista concedida para elaboração de dissertação de mestrado da entrevistadora.**

ANEXO I

Roteiro de perguntas semiestruturadas

- 1.Nome?
 - 2.Idade?
 3. data de nascimento e local que nasceu:
 4. Você se auto reconhece como idoso?
 5. Local onde mora?
 6. Quanto tempo mora em Morro Redondo?
 7. Você trabalhava na cidade de Morro Redondo?
 8. Quais eram os lugares que você costumava frequentar?
 9. No seu tempo livre, que lugares você ia?
 10. Que pessoas frequentavam esses lugares?
 11. Você fazia parte de algum grupo de pessoas aqui na cidade?
 12. como era a Avenida Jacarandá antigamente?
- Perguntas já relacionada ao lugar identificado na narrativa
- 13.Esse lugar qual é o nome mais comum que as pessoas chamam ele?
 - 14.O que é esse lugar, como ele era ?
 - 15.Que momentos importantes para você aconteceram nesse lugar?
 16. O que tinha em volta deste lugar?
 - 17.Esse lugar já passou por várias transformações ao longo dos anos?
 - 18.Para que servia esse lugar? O que as pessoas costumavam fazer lá?
 19. Quem eram as pessoas que frequentavam esse lugar?

ANEXO II

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Prezado (a) Senhor (a)

Gostaríamos de convidá-lo (a) a participar de nosso estudo **Patrimônios Afetivos de Morro Redondo-RS**. A pesquisa será realizada através de entrevistas, questionários, gravações e fotos.

Trata-se de uma dissertação de mestrado, desenvolvida por Milena Behling acadêmica do programa de Pós Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas e orientada por Diego Ribeiro professor da mesma instituição.

A qualquer momento da realização desse estudo qualquer participante/pesquisado poderá receber os esclarecimentos adicionais que julgar necessários. Qualquer participante poderá recusar-se a participar ou retirar-se da pesquisa em qualquer fase da mesma, sem nenhum tipo de penalidade, constrangimento ou prejuízo aos mesmos. O sigilo das informações será preservado através de adequada codificação dos instrumentos de coleta de dados. Todos os registros efetuados no decorrer desta investigação serão usados para fins unicamente acadêmico-científicos e apresentados na forma de mestrado, monografia ou artigo científico, não sendo utilizados para qualquer fim comercial.

Em caso de concordância com as considerações expostas, solicitamos que assine este “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido” no local indicado abaixo. Desde já agradecemos sua colaboração e nos comprometemos com a disponibilização à instituição dos resultados obtidos nesta pesquisa, tornando-os acessíveis a todos os participantes.

Eu, _____,
assino o termo de consentimento, após esclarecimento e concordância com os objetivos e condições da realização da pesquisa, permitindo, também, que os resultados gerais deste estudo sejam divulgados sem a menção dos nomes dos pesquisados.